FUNDADOR — JOAQUIM MANSO TERÇA-FEIRA, 13 DE DEZEMBRO DE 1960 ANO 40.º — NÚMERO 13 651

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Os jornalistas portugueses e outros convidados no Palácio das Laranjeiras, com o Presidente Kubitschek

Os problemas de Portugal
são problemas do Brasil
— declarou o Presidente Kubitschek ao receber a visita de jornalistas portugueses

(Do nosso enviado especial ao Rio de Janeiro)

O Presidente Kubitschek de Oliveira não pôde receber em Brasília, como era seu desejo, os jornalistas portugueses e os representantes da Rádio e da Televisão que foram ao Brasil a convite da TAP para tomar parte no «Voo da Amizade» e que o Governo brasileiro considerou seus hóspedes. Tinha um compromisso anterior, que não lhe era possível adiar. Os organizadores do programa de recepção aos convidados portugueses, ignorando esse compromisso, provocaram involuntàriamente o desencontro. Foi no Palácio das Laranjeiras, que pertenceu em tempos ao milionário Henrique Guinle e é hoje a residncia de Verão dos Presidentes da República, que o Chefe do Estado do Brasil quis ter a amabilidade de receber os cumprimentos dos visitantes e de lhes dirigir palavras de boas-vindas, recordando com viva

(Continua na 9.ª página)

A ultima revelação da sempre caprichosa e inesperada moda feminina: em Londres, foi agora apresentado um chapéu que não se limita a imitar uma gaiola; é uma verdadeira gaiola, com um frango vivo a gozar os encantos de um poleiro que ninguém deixará de invejar

DE GAULLE: ESMAGAREI OS RESPONSAVEIS PELOS DISTURBIOS

PARIS, 13. — O jornal independente «Frânce Soir» cita, hoje, as seguintes palavras do general de Gaulle: «Esmagarei todos os responsáveis pelos disturbios».

Segundo o jornal, esta observação teria «escapado» ao general quando soube das manifestações de domingo, á noite.

«Castigos exemplares» estão previstos, mas reina o mais completo segredo acerca das resoluções que serão adoptadas depois da chegada do general. — (R.).

DE GAULLE REGRESSA HOJE A PARIS

OUENZA (Argélia Oriental), 13. — O general de Gaulle chegou hoje

(Continua na 12.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
20
páginas
nas quais se inclui
ÊXITO

VISADO PELA CENSURA

QUANTOS SOMOS? (1)

Máquinas eléctrónicas
reduzem a números
as informações fornecidas pelos boletins de recenseamento

Quantos somos? Esta pergunta tão simples encerra toda a base da política social e económica de qualquer país bem organizado. E' por isso que no mundo moderno, os censos se multiplicam, e os povos procuram conhecer ao certo quantos são para saberem a quantos braços têm de dar trabalho, a quantas bocas têm de alimentar e com quantos cidadãos podem contar para a paz e para a guerra.

Quantos somos? E' a pergunta que se formula a cada agregado familiar português nesses boletins, grandes como lençóis, distribuidos agora e a que os chefes de família terão de responder com dados relativos ás 0 horas do dia 15 de Dezembro.

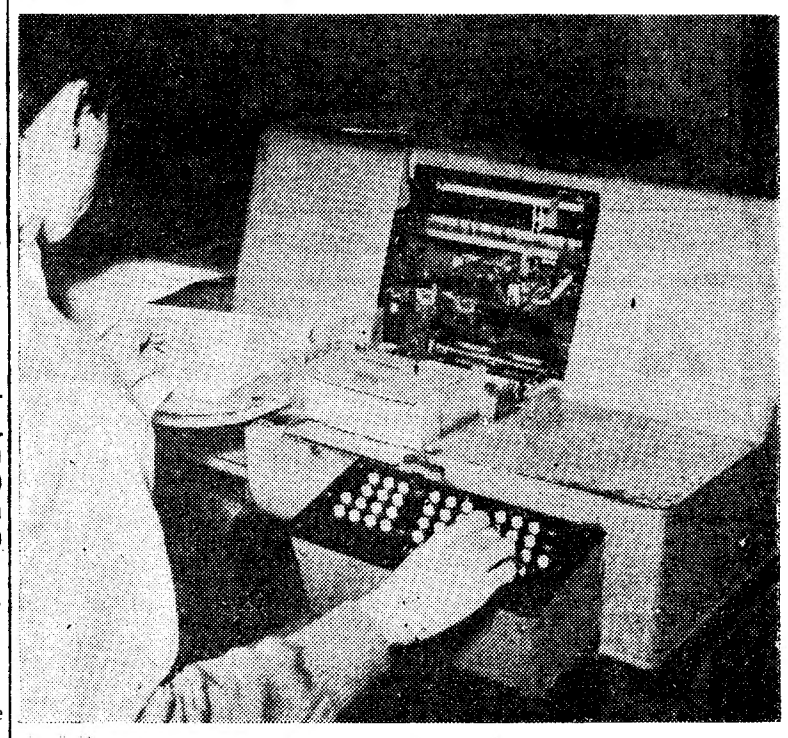
Não é de hoje nem de ontem que os censos se realizam. Vêm da mais alta antiguidade, porque já os estadistas de há vinte séculos compreendiam a importancia de saber o numero dos habitantes dos vários países que dominavam. Foi numa altura do recenseamento que uns moradores de Nazaré se dirigiram a Belém para dar seus nomes, porque as inscrições mandara o imperador de Roma fazê-la na cidade de origem. Os moradores chamavam-se José e Maria. Ele era carpinteiro, ela o que hoje se classificaria no boletim de «doméstica». E foi quando chegaram a Belém que lhes nasceu o filho a que deram o nome de Jesus. O nascimento foi celebrado nessa noite aluarada por pastores, estrelas e anjos; e um boizinho e uma burrinha acalentaram com seu bafo meigo o menino.

Não nos diz o Evangelho se o pequerrucho foi registado tam-

(Continua na página central)

Dr. Norberto Lopes

De avião, regressou hoje a Lisboa o sr. dr. Norberto Lopes, director do «Diário de Lisboa», o qual participou no «Voo de Amizade» que assinalou a inauguração das carreiras aéreas da Panair e da TAP entre Portugal e o Brasil.



Um porhenor das máquinas electrónicas

Milhares de famílias
e crianças modestas e necessitadas
terão os máximos benefícios da campanha para um Natal em cada bairro

O grande movimento de solidariedade que a campanha do «Diário de Lisboa» para um Natal em cada bairro desencadeou por toda a parte, em proporções extraordinárias, excedendo as mais ousadas previsões, vai proporcionar á população modesta e necessitada da capital, a verdadeira festa da família, com abundancia e conforto nos lares singelos, onde nada faltará para a tradicional consoada, para enlevo e alegria das crianças, assim como o necessário para prover ás necessidades da gente pobre, além do indispensável á celebração da quadra festiva.

Ao mesmo tempo, as admiráveis jornadas de afectiva e fraterna solidariedade com que culminará a grande campanha altruística ampliarão a toda a cidade o ambiente festivo na expressão fulgurante, sugestiva, do arranjo artístico dos locais nas várias zonas da capital

(Continua na página central)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

EXPRESSÃO DE CULTURA

Se é certo que em dois séculos, na era que é a nossa, o Mundo andou talvez mais, graças á ciência aplicada, do que em milénios anteriores, o certo é que nenhuma civilização, por muito que venere a técnica, pode desdenhar as artes e as letras, até porque só do compromisso entre a cultura (no sentido humanístico) e a técnica podem surgir as ideias e formas de vida que dêem aos homens, harmonia e felicidade. Só há que aplaudir portanto a iniciativa que se traduziu na sessão ontem efectuada no Palácio Foz, onde três dezenas de prémios foram entregues pelo secretário nacional da Informação aos vencedores dos vários concursos literários, de teatro e de jornalismo, e a artistas plásticos, ceramistas, cineastas e actores. Ao lado de nomes consagrados como os de Amélia Rey Colaço e de Barata Feio, outros despontam para a glória, como o do jovem Manuel da Ascenção, que recentemente expôs as suas telas em Paris; outros ainda surdem do anonimato e afirmam méritos que pena seria ficassem desconhecidos. Assim estes galardões possam ser atribuidos com este mesmo sentido de respeito pela cultura e com essa isenção sem a qual o seu valor se apouca.

NA TRÁGICA CABINA

Na estrada que liga Vilar Formoso a Aveiro, uma furgoneta avariada, presa por uma corda ao gancho da camioneta que a ia rebocando, caiu ao rio Vouga, depois de rolar por uma ribanceira uns vinte metros de altura.

O desastre deu-se quando a camioneta tentava ultrapassar um veículo parado. O reboque quebrou-se nesse momento. Dos dois homens que seguiam na cabina da furgoneta, um houve que se salvou a nado (o condutor Armindo de Almeida), o ajudante, porém, enleou-se numas plantas e morreu afogado.

NEM TUDO O QUE LUZ É OIRO...

Três crianças passeavam num reino encantado, onde os rochedos ocultavam grutas com gnomos e as árvores torcidas desciam pela encosta até á beirinha do rio. Porque havia um rio — o Zêzere — e foi mesmo junto dele que os três miudos — o António Dias, a Maria do Nascimento, sua irmã, e o Fernando Martins, seu primo — descobriram, coisa de pasmar, um canteiro com cenouras. Intrigados, decidiram-se a prová-las. Os dois ultimos vomitaram-nas e por isso ainda se salvaram, mas o António Dias morreu, pois as cenouras, tão encarnadinhas que até a um coelho tentariam, eram raízes venenosas. Assim — eis a moralidade desta triste e verdadeira história —, assim, a horrível verdade quantas vezes se oculta sob roupagens mimosas e atraentes, proclamadas como o tom viçoso das falsas cenouras...

ORDEM de Instrução Pública

Sob a presidência do sr. prof. Gustavo Cordeiro Ramos, reuniu-se ontem no Palácio Nacional de Belém o Conselho da Ordem de Instrução Publica, secretariado pelo sr. dr. Luis Pereira Coutinho.

TRANSPORTES E SEGURANÇA

Na sua reunião de ontem, a Corporação dos Transportes e Turismo, ocupando-se de vários assuntos de interesse e em especial do seu orçamento para o próximo ano, ouviu uma exposição de suma importancia, feita pelo sr. eng. Neves Clara acerca da eventual criação de uma escola de aperfeiçoamento profissional para motoristas. Nunca será demais o que se fizer por uma maior segurança na estrada... e nas ruas da cidade.

O ÚLTIMO PASSO

Noites frias. Os velhos ossos pedem calor. As vidas ardidas reclamam esquecimento. Já não virá a felicidade. Nem a saude sequer. Nem companhia, nem esperança, nem o prémio dos inuteis esforços. O cabouqueiro embriagou-se. Tinha 65 anos e chamavam-no Manuel Figueiras. E ele estava certo de que esse era o seu nome. Mas não sabia já para onde os passos o levavam. Caiu por uma ribanceira e aí, se quedou de borco, o rosto contra o solo humilde, em Rio do Convento. O Manuel Figueiras não pensará mais nem há-de tornar a ver a irónica glória do sol no firmamento...

A CIDADE

Pelos hospitais

MORREU DEVIDO A QUEDA — No Hospital de S. José, onde há cerca de um ano se encontrava internado, devido a queda, faleceu o sr. José Alberto Ventura, de 63 anos, que morava na Rua das Margaridas, 8, Bairro da Boavista.

VENDEDORA DE JORNAIS ATROPELADA — A sr.ª D. Ana Pereira Neves, de 65 anos, vendedora de jornais, residente na Rua Marquês de Sá da Bandeira, 108, 4.º, foi colhida por um automóvel, na Rua Pinheiro Chagas, pelo que ficou internada, em estado grave, naquele hospital.

CHOQUE DE BICICLETA COM AUTOMÓVEL — Na Azinhaga da Maruja, uma bicicleta motorizada, conduzida pelo sr. João António dos Santos Ramos, de 19 anos, electricista, morador na Rua Luís de Camões, lote 9, Algés, chocou com um automóvel.

Aquele senhor sofreu diversas contusões, recolhendo também ao Hospital de S. José.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um cão, um cesto com uma galinha; um porta-moedas; uma parte de um casaco; um par de luvas; uma nota do Banco de Portugal; uma pequena quantia em dinheiro; uma bolsa de prata, uma caixa com um aparelho médico; um alfinete de peito; três sombrinhas; um tampão para roda de automóvel; dois tampões para depósitos de gasolina; uma almofada para carro de criança; uma bota de criança; três luvas; várias argolas com chaves; e uma mala de mão, para senhora.

Também se encontram no Sindicato Nacional dos Motoristas, várias sombrinhas e chapéus de chuva; um casaco para homem; uma mala-saco; pastas, pares de luvas, um anel de ouro, um aparelho de auscultação, uns óculos graduados, sapatos para senhora, uma capa de plástico, argola com chaves e um véu.

ASSINATURAS DE JORNAIS E REVISTAS

Para a assinatura da sua publicação preferida, dirija-se á

AGÊNCIA HAVAS

Rua do Ouro, 242 — Lisboa — Telefs. 24306 e 25620
Rua de St.º António, 118, 1.º — Porto — Tel. 21157

O valor da 1.ª Feira Internacional de Lisboa

como expoente do nosso progresso industrial

destacado na Assembleia Nacional pelo eng. Pereira da Cruz

Na ordem do dia da sessão de hoje, da Assembleia Nacional, sob a presidência do conselheiro Albino dos Reis, prossegue a apreciação da proposta de lei de autorização de receitas e despesas do Estado (Lei de Meios) durante o ano de 1961.

Estão inscritos os deputados srs. Rodrigo Carvalho, dr. Peres Claro e tenente-coronel Aires Martins.

A 1.ª Feira Internacional de Lisboa

Antes da Ordem do dia, o engenheiro Virgílio Pereira e Cruz referiu-se á primeira Feira Internacional de Lisboa, na Junqueira, «certame de grande importancia e projecção com o qual a Associação Industrial Portugusa iniciou as comemorações do seu primeiro centenário».

Falando da «larga e expressiva participação das forças produtoras nacionais e estrangeiras nesse certame, traduzida pela presença de 900 firmas», disse:

— A presteza com que tantos países vieram participar na Feira Internacional de Lisboa é expressiva afirmação da confiança e do interesse que lhes desperta o mercado português — sadio e forte — pagador a tempo e horas de todas as encomendas que faz. Os fornecedores estrangeiros têm plena confiança nos nossos compradores e consideram que o mercado português é actualmente dos mais honestos do Mundo.

Acentuando que a Feira «foi organizada sem a preocupação de pôr em confronto países, mas sim os produtos das respectivas industrias», recordou que «os produtos portugueses apareceram no certame lado a lado com os dos países altamente industrializados, e que, do numero total de expositores, 60 % eram portugueses»:

— Lado a lado, viam-se, em significativa colaboração, os países do Mercado Comum e da Associação Europeia do Comércio Livre, no meio de outras nações da Europa, das Américas e do Extremo Oriente, e o aprumo com que se apresentou a nossa industria das províncias metropolitanas e ultramarinas foi afirmação excelente do progresso da Industria Portuguesa, a reflectir o esforço de expansão industrial que a Nação vem prosseguindo decididamente no ultimo decénio, através do impulso dinamizador dos Planos de Fomento... Os representantes qualificados dos organismos internacionais consideraram os produtos portugueses aí expostos excelentes em qualidade e apresentação, tecendo os maiores louvores á organização do certame e prestando nobremente homenagem á Industria portuguesa.

Salientou que na Feira Internacional de Bruxelas, em 1958, o pavilhão português obteve a mais alta distinção — a «Estrela de Ouro» —, e que de lá trouxemos 13 «Grands Prix», atribuidos a chocolates, têxteis, construções metálicas, cimentos, vidros, ourivesarias, artes plásticas, conservas de peixe, vinho do Porto, café, tapetes, mármores e porcelanas de Portugal, além de mais 123 prémios, «o que foi muito honroso para Portugal».

Falou, depois, da «Flor de Ouro», que conquistámos na Feira Internacional de Hamburgo, e da «Medalha de Ouro» que nos foi atribuida na de Munique, e que foi a mais alta honra ali concedida a um «stand» de país estrangeiro:

— Temos razões para nos sentir honrados com esses galardões em que a Secretaria de Estado do Comércio, o Fundo de Fomento de Exportação e a Associação Industrial Portuguesa vêem compensados os seus esforços e prestigiada a sua orientação.

Apontou o facto de alguns produtos da nossa industria serem já «melhores e mais baratos que os similares estrangeiros»:

— Apesar disso muitos Portugueses mantêm o doentio desdém pelos produtos nacionais que em muitos casos — medite-se no paradoxo — para serem vendidos necessitam de se rotular como estrangeiros e que se lhes atribua um preço superior. Temos de insistir na educação do consumidor lusíada, e é indispensável que o comércio colabore na campanha de aportuguesamento do consumo de artigos da nossa industria estimulando o publico a preferir, sempre que possível, os produtos do trabalho dos Portugueses.

A certa altura, afirmou:

— A presença dos produtos ultramarinos na Feira Internacional de Lisboa foi mais uma afirmação da unidade nacional na pluralidade dos seus territórios, a que cumpre atribuir o devido relevo. Esse pensamento de unidade, muito forte no terreno político, está a traduzir-se cada vez mais — e é o que aqui desejo salientar — em realizações económicas que associam intimamente os interesses solidários de todos os Portugueses que vivem e trabalham nas províncias metropolitanas e ultramarinas de Portugal.

E, a propósito, disse:

— A industrialização cria em pouco tempo condições para o povoamento, por exemplo, o estabelecimento da industria de sacaria em Angola — actualmente mais bem equipada que a da Metrópole — fez nascer grandes explorações agrícolas para a produção local das fibras necessárias a esse fabrico. Esta industria, estas explorações agrícolas e os serviços a uma e outras ligados criaram trabalho a muitos portugueses, facilitando o povoamento mais denso.

E concluiu assim:

— Já produzimos muitas coisas, mas ainda há muitíssimas que precisamos de produzir; não podemos cansar-nos do esforço feito e dos avanços conseguidos, precisamos de continuamente olhar para o ritmo e para o modo como progridem os diversos países do Mundo de hoje, para caminharmos com as determinantes impostas pelo progresso. Nessa caminhada, muito temos a esperar da Corporação da Industria recentemente organizada sob a presidência do nosso inteligente e dinamico colega Vítor Galo, da franca colaboração entre a Corporação da Industria, o Instituto Nacional de Investigação Industrial, a Associação Industrial Portuguesa e a Associação Industrial Portuense colaboração que a todos se pede e de todos se espera, vão resultar, por certo, os maiores benefícios para a industria nacional.

As comunicações com a Madeira

O dr. Alberto de Araujo voltou a ocupar-se do problema das comunicações para a ilha da Madeira.

— No intervalo dos trabalhos desta Camara, foi aberto ao tráfego o aeródromo da Ilha do Porto Santo, tendo sido o arquipélago visitado pelo sr. ministro das Comunicações. Tinham sido concluídas as experiências laboratoriais mandadas efectuar no estrangeiro, quanto á viabilidade da construção de um aeródromo em Santa Catarina, na Madeira, e a população desta vila aguardava com ansiedade a solução definitiva a dar a um problema que tocava os seus interesses fundamentais.

Recordou as linhas gerais enunciadas pelo ministro, em reunião publica, na Madeira: para já, estabelecimento de carreiras aereas para o Porto Santo, com ligação marítima para o Funchal; a seguir, início dos trabalhos a realizar para a rápida construção de um aeródromo em Santa Catarina, perto da Vila de Santa Cruz, na ilha da Madeira, local para esse fim respectivamente escolhido, depois das experiências laboratoriais efectuadas lá fora e dos estudos realizados pela Direcção-Geral da Aeronáutica Civil.

Pediram ao ministro que se encarasse a possiblidade da construção de um aeródromo noutro local, onde os ventos dominantes diminuissem a percentagem do numero de dias em que, durante o ano, o aeródromo de Santa Catarina possivelmente terá de estar encerrado ao tráfego; mas verificou-se que isso seria protelar a resolução do assunto, porque, no local que se considerava mais próprio para tal fim — São Martinho — era tão elevado o custo das expropriações e da remoção de terras que a obra era práticamente inviável em face das actuais realidades orçamentais.

Terminou agradecendo ao engenheiro Carlos Ribeiro tudo quanto fez «no sentido de melhorar, de momento, as comunicações para a Ilha da Madeira».

Tudo se torna mais fácil com o Porto

DELAFORCE

bom para a saúde e agradável ao paladar

DELAFORCE
O PORTO SAUDÁVEL

MANIFESTAÇÃO de universitários contra as acusações feitas a Portugal na O. N. U.

No Parque Eduardo VII, amanhã, ás 14 horas, realiza-se uma manifestação de estudantes universitários contra as acusações feitas a Portugal na O. N. U., organizada pelos alunos da Faculdade de Direito, António Pedro Ortet, Canudo Joaquim Fausto de Quadros, Eduardo Jorge de Magalhães Montez Nery, Henrique Armando Antunes Ferreira, João Pinto dos Santos Pacheco Rebello de Carvalho, Luís Garcia, Manuel dos Santos Faria, Manuela Pires, Maria Helena Telles da Gama Garcês, Maria Olímpia Matos Moreira, Seleman Vally Mamede e Vasco Lima Martins Galvão.

HOTEL EMBAIXADOR

Apresenta hoje

Um trio famoso

LOS CANGREJOS

a mais expressiva melodia dos cantares do Paraguai

e **BALLET ESPANHOL**

de PACO DE RONDA

na sua carreira triunfal, com novos arranjos coreográficos

(Maiores de 17 anos)

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- Brunilde Judice, Mariana Vilar, Lígia Teles, Alvaro Benamor, Luís Tito e Maria Clara são os artistas que vão participar no desempenho da peça «Casa de vivos» em ensaios no Trindade.
- O actor Varela Silva interpretará na peça de Arthur Miller «Do alto da ponte», em ensaios no D. Maria II, a figura que tinha sido distribuída ao seu colega Erico Braga.
- Consta que Beatriz Costa, não fará parte do elenco do ABC, conforme chegou a ser noticiado, por seguir para o Brasil em Janeiro.
- Em Abril, serão dadas pela companhia de ópera do S. Carlos seis récitas líricas no Coliseu.
- Assumiu já a direcção da montagem cénica da revista «Chá-chá-chá», em ensaios no Maria Vitória, o cenógrafo Ernani Martins.
- A companhia Rafael de Oliveira representa hoje em Faro, a peça de Henry Bernstein «Israel».
- Vindos do Porto, chegaram hoje a Lisboa os artistas de circo Lucien e Pinguim, que fazem parte da companhia do Coliseu.
- A nova revista «Com sua licença...», que hoje entrou em ensaios no ABC, é da autoria de César de Oliveira e António Augusto de Lemos.

Luís de Pina

no Centro Nacional de Cultura

No Centro Nacional de Cultura, ontem, Luís de Pina, director da revista «Filme», falou do novo cinema português, iniciando um ciclo promovido por aquela associação. Travou-se vivo debate após a palestra, tendo Luís de Pina dialogado com o redactor da revista «Imagem» Manuel Villaverde Cabral. Hoje, ás 21 e 45, realiza-se uma outra sessão, com projecções de 8 e 16 mm.

Bailado no Tivoli

Anne e Michael Sendrez num recital da dança e piano para o C. P. B.

E' já depois de amanhã, ás 18 e 30, no Tivoli, que a bailarina francesa Anne Sendrez e seu marido, o pianista Michael Sendrez, realizam o seu anunciado recital de dança e piano para o Centro Português de Bailado.

Os bilhetes para este espectáculo podem ser levantados na Livraria Portugal, e na sede provisória do Centro Português de Bailado, Praceta Pascoal de Melo, 6, 1.º, dt.º. Mediante simples inscrição (27$50), os novos sócios têm direito a bilhetes para este espectáculo.

IMPÉRIO

«Gigi», o filme dos 9 Oscares na sessão clássica

A célebre novela de Colette foi transposta para o teatro e, mais tarde, para a tela. «Gigi», mantendo o título original da novela, transformou-se num dos filmes mais importantes do moderno cinema americano, dirigido por Vincent Minelli e interpretado por Leslie Caron, Maurice Chevalier e Louis Jourdan. A Academia Americana reconheceu o valor do extraordinário desta espectacular «Gigi» e concedeu-lhe 9 dos seus Oscares o que foi o «record» em trinta anos de concessão dos ambicionados prémios. «Gigi» obteve os Oscares para o melhor filme do ano, melhor realizador, melhor adaptação, melhor montagem, melhor fundo musical, melhor canção, melhor cenário, melhor decoração, melhor guarda-roupa, e além disto, mais os dois prémios da Associação Americana da Crítica estrangeira.

Eis porque «Gigi» é realmente extraordinária, eis porque «Gigi» faz parte da selecção de «Gente de Cinema Fala de Filmes» e será exibida na quarta-feira, ás 18 e 30, na 214.ª sessão clássica do Império.

Primeiras exibições

«Vamo-nos amar», no Tivoli

A lotação do Tivoli esgotou-se. Não é de estranhar. Os nomes de Marilyn e de Montand são hoje, mais do que nunca, poderosos motivos de atracção, autênticos ímanes cuja acção se traduz em benefício das bilheteiras. Acontece, ainda, que «Vamo-nos amar» tem a marca do conhecido realizador George Cukor — quantia antecipada da categoria do filme.

Com uma frescura de espírito que não é vulgar nas produções «made in Hollywood», o filme nega a possibilidade de se adquirirem sentimentos a troco de dinheiro. O entrecho que serve para concluir essa verdade gira á volta da aventura de um milionário apaixonado por uma artista que o julga pobre. Esta situação equívoca provoca alguns momentos de bom humor, que o publico sublinha com francas gargalhadas.

A interpretação é impecável. Marilyn Monroe e Ives Montand justificam plenamente a fama de que usufruem. A seu lado, dignos de menção, actuam Tony Randall, Wilfrid Hyde White e Frankie Vaughan.

Complementos agradáveis. — *Visor 100.*

«Traidores Infames», no Olimpia

Carl K. Hittleman realizou um filme Far-West que dá plena satisfação aos amadores do género, «Traidores Infames», título elucidativo e justificado na acção, violenta, como convém, animada por tiroteios, e com epílogo moral, o castigo dos bandidos e a glorificação dos homens bons. Sterling Hayden, Pamela Duncan e Ted Coreia são os principais intérpretes do filme que no programa do Olimpia é acompanhado pela reposição de «Uma forca no seu caminho», com Mark Stevens — *Visor 60.*

As estreias de hoje

No São Luiz e Alvalade

Título — «A 3.ª chave».
Produção — Italiana.
Realização — Pietro Germi.
Intérpretes — Pietro Germi, Claudia Cardinale, Eleonora Rossi Drago, Franco Fabrizzi.
Argumento — Drama policial.
Processo — Normal.
Distribuição — Filmes Castello Lopes.
Classificação — 17 anos.

Chocaram uma furgoneta e um carro eléctrico por culpa duma criança travessa

A imprudência de um garoto, que atravessou em correria desordenada a Rua Aliança Operária, na Ajuda, ao sair de um bloco chamado Vila Rodrigues, originou uma violenta colisão entre uma furgoneta da Confeitaria Brasil, conduzida pelo motorista sr. José Ramos Varela Cunha, e um carro eléctrico tripulado pelo guarda-freio sr. Edmundo Valadares Martins.

Segundo as declarações de ambos os condutores, o primeiro veículo saira da Rua João de Barros, para iniciar a descida da Rua Aliança Operária, quando subitamente o motorista, para não colher o rapazito que se lhe atravessou na frente, teve de desviar a direcção para o lado contrário, perdendo nesse momento o controle da furgoneta em virtude de as rodas terem resvalado nas calhas da via.

Foi então que embateu fragorosamente e de frente no «eléctrico», que subia aquela artéria.

Estabeleceu-se panico e o irrequieto garoto, causador do acidente, aproveitou a ocasião para, atemorizado, se escapulir.

Felizmente, apesar do estrondo e da violência do choque nem o condutor do «eléctrico» e o guarda-freio, nem os cinco passageiros que nele seguiam, sofreram qualquer ferimento.

Só ficou ferido — e sem gravidade — o ajudante do motorista da furgoneta sr. António de Brito, morador na Casa da Viuva Teles, á Rua Maria Pia, o qual foi tratado no banco do Hospital de S. José, após o que recolheu á sua residência.

Ambos os carros ficaram com a parte dianteira muito danificada.

No local compareceram os bombeiros e um pronto-socoro da C. C. F. de Lisboa, que rebocaram os veículos sinistrados. O transito esteve interrompido cerca de uma hora, pelo que se aglomeraram, quer na via ascendente quer descendente, vários «eléctricos».

O estado em que ficaram os dois veículos após o choque

VIDA ARTÍSTICA

Adolfo Lizon expõe pintura na Embaixada de Espanha

Na Embaixada de Espanha, foi hoje inaugurada uma exposição de pintura abstracta de Adolfo Lizon, representante de jornais espanhóis em Lisboa, professor do Instituto Espanhol, poeta e novelista. Adolfo Lizon expõe óleos e aguarelas.

CENÁCULO

«Tábua Rasa»

O próximo jantar do Cenáculo Literário «Tábua Rasa» efectua-se amanhã, na Casa do Alentejo, pelas 20 e 45. São convidados de honra o embaixador e a embaixatriz de Espanha, que serão apresentados pelo escritor e poeta Gentil Marques.

A inscrição pode ser feita na Casa do Alentejo, ou pelo telefone 35311.

DOIS FERIDOS

num acidente de viação em Peniche

Deram, esta tarde, entrada no Hospital de S. José, em cuja sala de observações ficaram internados, o sr. Alvaro Duarte de Oliveira Costa, de 46 anos, cabo-de-mar no porto de Peniche; e o menor Guilherme Madeira da Silva, de 14 anos, aluno da Escola de Pesca daquela vila, ambos residentes em Peniche, onde foram vítimas do choque da motocicleta que o primeiro conduzia, com uma camioneta.

O cabo-de-mar ficou muito ferido na cabeça e o menor sofreu contusões diversas.

Os advogados

Fernando de Castro
Manuel de Castro
Afonso António Costa
Álvaro Costa

mudaram o seu escritório para a Praça Marquês de Pombal, n.º 1-3.º andar, porta D

IMPÉRIO DAS LÃS
GABARDINAS
SOBRETUDOS
CASACOS
COBERTORES
ÚLTIMAS NOVIDADES
ÚLTIMOS PADRÕES
PREÇOS SENSACIONAIS
SECÇÃO DE CAMISARIA
SECÇÃO DE LINGERIE
PRAÇA DA FIGUEIRA, 5-1.º ANDAR—*LISBOA*

MAIS DE 120.000 PESSOAS JÁ VIRAM

8.ª SEMANA

UM ÊXITO INCONTESTÁVEL

MONUMENTAL

M/12 ANOS — AS 15 E 21 HORAS PREFIXAS

COMPRE DESDE JÁ OS SEUS BILHETES PARA A QUADRA DE NATAL e ANO NOVO

VASCO MORGADO tem a honra de apresentar

no TEATRO AVENIDA

HOJE, em ESTREIA, às 21,45 h.

(PARA ADULTOS — Maiores de 17 anos)

A Companhia do Teatro Experimental do Porto

DIRIGIDA POR **ANTÓNIO PEDRO**

COM UMA DAS MAIS DISCUTIDAS PEÇAS DE **EUGÈNE IONESCO**

RINOCERONTE

ADAPTAÇÃO E ENCENAÇÃO DE **ANTÓNIO PEDRO**
com a seguinte distribuição por ordem de entrada em cena
JOSÉ BRÁS, FERNANDA GONÇALVES, ALDA RODRIGUES NITA MERCEDES, VASCO DE LIMA COUTO, JOÃO GUEDES OLIVEIRA SANTOS, MÁRIO JACQUES, PEDRO SANTOS e MADALENA BRAGA

CENÁRIOS DE **A. BAGANHA**
SUBSIDIADO PELO FUNDO DE TEATRO

*** 10 ÚNICOS DIAS ***

TRINDADE

(Para ADULTOS M. 17 anos)
HOJE
A's 21.45 h.
EM PLENO ÊXITO!
A famosa peça de **UGO BETTI**

Lutar até de madrugada

com magistral desempenho de **Augusto Figueiredo, Luísa Neto, Carlos José Teixeira, Carlos Wallenstein, Fernando Gusmão, Alves da Costa** e **Isabel de Castro**
(por ordem de entrada em cena)
Encenação de WALLENSTEIN
O desespero do homem moderno no pavor da justiça inevitável
Sábado, ás 16 h. — 1.ª GRANDE TARDE POPULAR
ESTUDANTES: Preços reduzidos

NO MELHOR TEATRO DO PAÍS O MAIS MODERNO E EXTRAORDINÁRIO ESPECTÁCULO DOS ULTIMOS ANOS

LAURA ALVES

na superprodução de **VASCO MORGADO**

BOA NOITE, BETINA!

112.ª REPRESENTAÇÃO
DUAS HORAS COM A MODERNA MUSICA ITALIANA

Teatro Monumental

(ADULTOS — Maiores de 17 anos)
2 SESSÕES: Às 20.30 e 23 h.
PREÇOS NORMAIS desde **5$00**

BILHETES À VENDA PARA O SENSACIONAL

RÉVEILLON 1960

TEATRO, CINEMA e BAILE ATÉ DE MADRUGADA
ao som de 2 grandes orquestras
com **ISSI FABRA**
e **LUÍS MENCHERO**
PREÇOS DESDE **25$00**

LUSO

— Adultos — **Fados e Canções** com ALICE MAGINA — MARIA A. PROENÇA — Julieta Estrela — o cantor MOISÉS CAMPELOS — Natalino Duarte e o pequeno mas grande artista BAPTISTA MARTINS — Adelino Santos e Amadeu Rami. — SEXTA-FEIRA — **Noite das Estreias: 20 letras em 1.ª audição 20** — DIA 18 — **«Matinée» de beneficência para vestir e calçar 10 crianças pobres**

Comemorações Henriquinas em Hong-Kong

HONG-KONG, 13.—O tenente-coronel Jaime Silvério Marques, governador de Macau, chegou hoje a Hong-Kong, onde permanecerá três dias, para participar nas comemorações henriquinas.—(F. P.).

VARIEDADES

HOJE, ás 20.45 e 23 h. (17 anos)

O GRANDE EXITO DE GARGALHADA

CUCURUCUCU

com RIBEIRINHO - H. SANTANA - IRENE ISIDRO - ASSIS PACHECO

AVIS

Às 15.30 e 21.45
(M/ DE 12 ANOS)

UM GRANDE ÊXITO EM **2.ª SEMANA**

A POESIA E O PITORESCO DOS «CLOCHARDS» DE PARIS NUM FILME PLENO DE HUMOR E HUMANIDADE!

ARQUIMEDES, O VAGABUNDO

COM

JEAN GABIN

E

DARRY COWL

*

DOPERFILME

ADULTOS
(M/17anos)

O CASO QUE NÃO TINHA SOLUÇÃO...

...Quando bruscamente, uma pequena e insignificante chave não deixou arquivar um processo espantoso!

PIETRO GERMI

fulgurante realizador e interprete de

A 3.ª CHAVE

(UN MALEDETTO IMBROGLIO)

com

CLAUDIA CARDINALE

ELEONORA ROSSI DRAGO • FRANCO FABRIZZI

"O MELHOR FILME ITALIANO DE 1960"

Um Excl. **FILMES CASTELLO LOPES**

HOJE, ESTREIA DE GRANDE EMOCÃO

SÃO LUIZ **ALVALADE**

SÃO JORGE

A SEGUIR: ESTREIA SENSACIONAL!

UMA ACÇÃO DE "COMANDOS" EM TEMPO DE PAZ!
OBJECTIVO: 1 MILHÃO DE LIBRAS.

JACK HAWKINS
NIGEL PATRICK · ROGER LIVESEY
RICHARD ATTENBOROUGH

UMA OBRA-PRIMA DE "HUMOR NEGRO"

CAVALHEIROS DE INDUSTRIA

(THE LEAGUE OF GENTLEMEN)

ADULTOS (M/17 anos)

com BRYAN FORBES
KIERON MOORE · ROBERT COOTE

Argumento de BRYAN FORBES
Produção de MICHAEL RELPH
Realização de BASIL DEARDEN

JAROFILME

MADEIRA

4.º

MÊS DE UM ÊXITO!

SOLNADO

CAPITÓLIO

Emp.ª «Figueira de Gouveia»
A's 20.30 e 23 h. Ad. M/17 anos
A POPULARISSIMA REVISTA
A VIDA É BELA!
Um espectáculo cómico de alto nível!

COELHO

Humberto Madeira
Raul Solnado
e Carlos Coelho
APRESENTAM
UM ELENCO EXCEPCIONAL COM
BERTA LORAN — HELENA TAVARES
MARIA CRISTINA — EMILIO CORREIA
e a colaboração de
MIMI GASPAR

Coliseu

Só até domingo. Hoje e todas as noites, as maiores atracções da Grande Companhia Internacional de Circo. Quinta-feira, à tarde entrada gratuita a todas as crianças dos 6 até 10 anos, acompanhadas.

Continua a sua carreira triunfal no Coliseu a Grande Companhia Internacional de Circo, uma das mais belas e magníficas paradas de atracções de fama mundial.

Hoje, Potassy, o rei do ilusionismo, sete garbosos e ferozes leões, doze lindíssimos cavalos em alta escola, zebras, ponneys, cães colegiais, ciclistas, patinagem acrobática e artística, olímpicos, malabaristas, um nunca acabar de novidades onde não falta a graça inconfundível e original de duas parelhas de palhaços excêntrico-musicais.

UM «PRESENTE DE NATAL»
PARA AS CRIANÇAS...
MAS OS ADULTOS TAMBÉM VÃO GOSTAR

Amanhã às 21,30

NO Odeon

PARA 6 ANOS — TARDES E SÁBADOS
PARA 12 ANOS — NOITES

JOSELITO
em
O pequeno coronel

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE — A 3.ª CHAVE — S. LUIZ E ALVALADE

SÃO LUIZ — Telefone 27172
A's 21.30
ESTREIA
(M. 17 anos)
Admirável filme de Pietro Germi
A 3.ª CHAVE
com **Claudia Cardinale** e **E. Rossi Drago**

EDEN — Telefone 20768
A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 12 anos)
A comédia sentimental
Em Eastmancolor
ÚLTIMO TANGO
com **Sara Montiel** e **Maurice Ronet**
Um espectáculo admirável de alegria, sentimento, encanto, aventura e galanteria.

ALVALADE — Telefone 763080
A's 21.45
Grande Estreia
(M. 17 anos)
A 3.ª CHAVE
com **Pietro Germi** e **E. Rossi Drago**

ODEON — Telefone 26283
15.15 (p. r.) e 21.30
(M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Em rigoroso exclusivo de época
MEUS AMORES NO RIO
com **Susana Freyre** e **Jardel Filho**
Uma história de raro encanto. Deslumbrantes aspectos do Rio de Janeiro. Canções admiráveis!
Ultraescope — Agfacolor
18.20 — **ESPECTÁCULO** — (M. 12 anos).

LIDO — Telefone 48560
A's 21 (M. 17 anos)
OS MILIONÁRIOS DE FILADELFIA
com Paul Newman

CINEMA IDEAL — Telefone 24184
Hoje, ás 21 h.
(M. 12 anos)
OS 4 GATOS PINGADOS
GRANDES ESPERANÇAS

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 da tarde (p. r.) e 9.30
(M. 17 anos)
A célebre comédia c/ **Marilyn Monroe** e **Yves Montand**
VAMO-NOS AMAR!
Em Cinemascope Cor de Luxe
Uma realização de **George Cukor**
A's 18.30 — Terça-feira clássica — (M. 17 anos) — **A ULTIMA VEZ QUE VI PARIS.**

POLITEAMA — Telefone 26305
A's 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDE ÊXITO
(M. 12 anos)
A epopeia de um punhado de herois
A ESTRADA DA MONTANHA
com **James Stawart** e **Lisa Lu**
A HISTÓRIA DE UMA MISSÃO DE DESTRUIÇÃO

CONDES — Telefone 22523
A's 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(17 anos)
91 minutos do mais intenso «suspense» de toda a história do cinema!
A ÚLTIMA VIAGEM
com **Robert Stack** e **Dorothy Malone**

ROMA — Telefone 727778
A's 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Uma película de humor e amor
ÚLTIMO TANGO
com **Sara Montiel**

RESTELO — Telefone 610375
A's 21.15
(M. 17 anos)
Em cinemascope
DO ALTO DO TERRAÇO
O mais sensacional êxito da temporada
com Paul Newman

ROYAL — Telefone 865037
A's 21 horas
(M. 12 anos)
MEU CORAÇÃO TEM DOIS AMORES
com **Susan Hayward**
O DEMÓNIO DOS MARES

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
A's 15.15 e 21.30
(Adultos)
Van Heflin, Charles Laughton e Mylene Demongeot
no vibrante filme
SOB DEZ BANDEIRAS
O grande acontecimento cinematográfico da semana!
Sessão promovida pelas finalistas do liceu D. Filipa de Lenc. — **O ESTUDANTE MENDIGO** — (12 anos).

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54153
A's 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
Em Technicolor
CORAÇÕES EM FESTA
John Mills — Cecil Parker
Um festival de musica, alegria e juventude

MONUMENTAL — Telefone 55131
A's 15 e 21 horas
(M. 12 anos)
7.ª SEMANA
Uma história dos tempos de Cristo
B E N - H U R
com **Charlton Heston — Jack Hawkins**
ATENÇÃO - Pede-se a todos os srs. espectadores para comparecerem pontualmente á hora do espectáculo.

AVIS — Telefone 47163
A's 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
de um grande êxito
(M. 12 anos)
ARQUIMEDES O VAGABUNDO
com **Jean Gabin**

TERRASSE — Telefone 20017
21.00 (M. 17 anos)
O PRIMEIRO HOMEM NO ESPAÇO ATRAIÇOADA

CASINO ESTORIL
21.30 (M. 17 anos)
125, RUA MONTMARTRE
com Lino Ventura

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II
HOJE, ÁS 21 E 45 (17 ANOS)
MARIBEL E A ESTRANHA FAMÍLIA
com **PALMIRA BASTOS**
LOURDES NORBERTO e **VARELA SILVA**

UMA PEGA 6$50
DOÇARIA CASEIRA
só no BAR RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D
Fecha às 3,30 — Abre às 7 horas — Telf. 724111

Versões erradas e falsas interpretações (1)

Ocuparam-se do regicídio, em artigos e carta publicados na «Voz», os srs. Gomes da Silva (em 8 e 31 de Outubro) e Rui de Andrade, em 1 de Dezembro. Aquele jornal, em 31 de Outubro e 27 de Novembro, também ao assunto se referiu em notas e comentários da redacção, a propósito da «História da Republica» da minha autoria. Esses depoimentos e testemunhos constituem, só por si, prova da incapacidade dos seus autores para demonstrarem ou revelarem indícios da cumplicidade dos republicanos na morte do rei D. Carlos e de seu filho. E, no entanto, trata-se de uma acusação persistentemente feita ao partido que, á data daquele acontecimento, se propunha substituir o regime vigente e, depois da proclamação da Republica, aos homens que a serviram.

Vamos analisar cada uma das recentes tentativas para ressuscitar o espectro do monarca, com o pretexto de ilibar a sua memória das acusações que contra ele formularam os contemporaneos do seu reinado, um dos mais agitados da nossa História. Em relação a todas, o resultado é o mesmo, sendo fácil provar a inanidade das suspeitas postas a circular sem sombra de fundamento contra os republicanos portugueses, antes e depois da instauração do novo regime. Todas as teses arquitectadas pelos monárquicos para envolver a sua responsabilidade, individualmente ou como partido organizado, naquele episódio dramático do começo do século, se malograram perante a prova dos factos.

O que mais impressiona nesta reedição de ataques, triunfantemente contestados, é a ignorancia com que o assunto aparece tratado. Dir-se-ia que as verdades evidentes e conhecidas se obliteraram com o tempo e que, por um fenómeno de inversão, os réus aparecem transformados em juizes, os culpados em inocentes, os responsáveis em isentos de mácula. Nunca a insistência em versões deformadas e realidades deturpadas levou a uma situação tão paradoxal. Rectificar, neste caso, é apenas recordar, com o apoio dos documentos e dos testemunhos de contemporaneos, o que se passou.

Comecemos pelo sr. Gomes da Silva por lhe pertencer a iniciativa de ter trazido o assunto á discussão. Eis a sua versão do regicídio publicada na «Voz», a qual se opõe em todos os pontos á verdade averiguada: «Hoje ninguém duvida no País que a tragédia do Terreiro do Paço foi obra não de dois nomens, mas de uma conjura urdida além-fronteiras e prolongada até Lisboa. Os propostos homicidas eram portugueses, uns, e outros estrangeiros, dispondo-se em grupos desde a Praça do Comércio ás Necessidades. Ao primeiro (grupo) só nacionais pertenciam. Dos restantes participavam subditos de origens diversas ainda que ás ordens de lusitanos degenerados». Esta descrição cotejada com os relatos conhecidos de contemporaneos e escritores, que posteriormente se ocuparam do caso, é pura fantasia. O seu autor, se não esteve a troçar dos leitores, formulou hipóteses que não resistem á mais ligeira análise.

Para ele o regicídio foi maquinado no estrangeiro e executado por indivíduos, portugueses uns, subditos de diversos países outros, que para tal haviam sido «propostos». Que destino dá o sr. Gomes da Silva á copiosa evocação feita no seu livro «D. Carlos I» (págs. 368 a 370) com a qual indica as razões de ordem, exclusivamente interna, que tornaram o regicídio inevitável, as causas da tragédia segundo a sua expressão? «O regicídio que pôs termo á vida do penultimo soberano português, escreveu ele no seu livro, foi o resultado da preparação histórica, moral, filosófica e patriótica de muitos doutrinadores (nacionais)». Entre estes cita Junqueiro, Fialho (recruta do franquismo então no poder), Barbosa Colen, Adrião de Seixas, João Franco «com os seus diversos passos e sobretudo com a maneira desastrada como tratou e resolveu o caso dos adiantamentos». As interpretações que o sr. Gomes da Silva dá ao regicídio, no livro e no jornal, são inconciliáveis. Se foi em Portugal, como escreveu no livro, que o regicídio se preparou, onde põe a conjura urdida além-fronteiras de que fala no jornal? Se foi no estrangeiro, como diz no jornal, que o regicídio se maqui-

CARLOS FERRÃO

(Continua na 16.ª página)

DR. LUÍS GORDINHO MOREIRA

O aeroporto de Faro será uma realidade dentro de pouco tempo

— disse-nos o representante dos Municípios no Conselho Nacional de Turismo

O turismo volta-se, finalmente, para o Algarve, a maravilhosa província que tem todas as condições naturais para deslumbrar o estrangeiro, sobretudo o do Norte da Europa, que busca sofregamente um lugar tranquilo onde possa espraiar-se na areia fina e nadar em águas mansas, límpidas e cálidas. No Algarve ele encontra, no entanto, além de praias de sonho, montanhas com vegetação de dois continentes; zonas históricas de intensa espiritualidade (Sagres, S. Vicente, Lagos, etc.); uma variedade grandiosa de horizontes de mar, de serras e de vales; um singular tipicismo das gentes do mar e do campo; temperaturas suaves e muito mais. Algarve — uma imensa riqueza ainda inexplorada.

Os turistas começam a descobri-lo. E os Alemães estão até dispostos a fazer lá importantes investimentos de carácter turístico.

Por tudo isto, e mais ainda por se realizar em breve, organizado pelo S. N. I., o Colóquio Nacional de Turismo, em que, certamente, o problema algarvio será um tema «vedeta», justificava-se uma conversa com o presidente da Camara Municipal de Faro, sr. dr. Luís Gordinho Moreira, que é também o representantes dos municípios no Conselho Nacional de Turismo. O nosso gentil entrevistado, que ainda recentemente acompanhou á Alemanha, em missão oficial, o director dos Serviços de Turismo, eng.º Alvaro Roquette, concedeu-nos um bom punhado de sensatas e oportunas revelações, começando por falar com entusiasmo da realização do Colóquio:

—Antevejo-lhe extraordinário êxito e creio que o numero e o interesse das comunicações e do debate que á volta deles surgirá há-de não só justificá-lo plenamente, como também revelar exíguo o tempo que lhe é consagrado e, ainda, impor uma maior frequência destas reuniões.

E prosseguiu:

— Ninguém suficientemente esclarecido ignora que o turismo,

(Continua na 17.ª página)

Recolhendo donativos na rua. O menino António Vitor Ferreira entrega a um empregado da Fanta a sua contribuição para o Natal em cada bairro

O grande lei

para um Natal em cad

é depois de amanhã, à noi

no Teatro Monum

(Continuação da 1.ª página)

onde as maravilhosas «Arvores de Natal», recobertas pela magnifica florescência da bondade transformarão em realidades exultantes as esperanças, os sonhos e as aspirações da gente humilde e necessitada e de seus filhos.

Com a entusiástica e decidida colaboração dos amigos do «Diário de Lisboa», das suas dedicações, de todos que sempre nos acompanham e garantem os assinalados êxitos dos nossos empreendimentos, foi possível dar vulto e a mais larga expansão ao nosso humanitário empreendimento, com os mais largos benefícios para a população necessitada da cidade, que assim compartilhará do jubilo colectivo, envolvida na comunicativa e fraterna alegria das horas solenes e felizes que despertam em todos os corações as acalentadoras esperanças da radiosa mensagem da Natividade, feita de amor fraterno, de paz e harmonia.

Isto basta para corresponder aos objectivos da campanha do «Diário de Lisboa», e é motivo de orgulho para nós e todos os que, com o seu apoio, colaboração e auxílio valiosos, deram realidade a este impressionante e enternecedor movimento de solidariedade em prol do semelhante menos bafejado da sorte.

O grande leilão no Teatro Monumental

As largas possibilidades da campanha, nos seus objectivos e na realização artística, ficaram, desde logo, assegurados graças a adesões valiosas e a toda a sorte de contribuições materializadas em dádivas, lembranças e ofertas, mercê das quais se elevam ao máximo os benefícios que serão concedidos a tantas famílias necessitadas, a milhares de criaturas pobres e a seus filhos.

Nesse amplo movimento de solidariedade, fraterna e dignificadora, se integrou a boa gente portuguesa, inclinada á bondade para com o semelhante inditoso. E a população citadina dá um exemplo extraordinário de compreensão e generosidade, associando-se a todas as iniciativas e realizações paralelas á campanha para a máxima eficiência dos seus objectivos benemerentes.

Além das contribuições directas, por diversas maneiras se proporciona aos Lisboetas oportunidades que facilitam a recepção das suas dádivas, entre as quais o grande leilão de valiosos e utilíssimos objectos oferecidos que não são susceptíveis de entrega aos pobres, mas proporcionarão outros meios de beneficiá-los, consoante as suas necessidades.

Esse leilão de tantas ofertas que continuam a afluir será integrado, como temos dito, no espectáculo de depois de amanhã, á noite, no Teatro Monumental, o segundo que o empreendedor e arrojado empresário Vasco Morgado dedica, com a receita, á campanha para um Natal em cada bairro. Far-se-á o grande leilão, no mesmo ambiente artístico e festivo do Natal Popular em Lisboa, na segunda sessão do deslumbrante espectáculo em cena naquele teatro, com um êxito invulgar e enchentes consecutivas. Cartaz: a deliciosa comédia «Boa noite, Betina!», que traz a revelação da moderna musica italiana, em cujo desempenho, a todos os títulos notável, brilha o talento de Laura Alves, numa das melhores

Costinha

Humberto Madeira e Raul Solnado

criações da sua carreira, ao lado de outros artistas de mérito: Rui de Carvalho, Maria Paula, Paulo Renato, Baptista Fernandes, Fernando Muralha, Nicolau Breyner, Nina Flores, Manuela Maria e Rogério Paulo. O deslumbrante espectáculo inclui as grandes atracções Yola e Paulo, bailarinos; o conjunto vocal «4 de Espadas», e o «ballet» inglês John Keet Dancers.

O leilão será animado por artistas prestigiosos, que o publico tanto estima e admira, entre os quais anunciamos já os nomes consagrados de Costinha, Humberto Madeira e Raul Solnado, três dos grandes cómicos do nosso Teatro. Eles ali estarão presentes, num gesto admirável de solidariedade animando a *féeric* com o seu esfusiante espírito e a sua graça extraordinária, de comunicativa alegria. Ali estará, também, Igrejas Caeiro, magnífico actor e figura de grande prestígio na Rádio, cuja entusiástica e muito dedicada colaboração neste humanitário empreendimento tem sido frutuosíssima, graças á simpatia, á popularidade e á expansão dos «Companheiros da Alegria», através de Rádio Clube Português.

Com tão aliciantes atractivos, o objectivo altruista e tantas coisas valiosas ao alcance de todas as pessoas, o leilão do Monumental será uma das grandes e frutuosas jornadas do movimento de solidariedade em prol da campanha do Natal lançada pelo «Diário de Lisboa».

As dádivas da população da capital

Outras dessas oportunidades que a todos se oferecem. de auxílio di-

Os delitos de injúrias

e a última amnistia

A recente amnistia abrangeu delitos vários de injurias, escritos ou orais, a funcionários e magistrados. Tudo parece indicar que outros casos mais insignificantes estariam por ela abrangidos.

Levantaram-se, porém, duvidas que, embora os juizes estejam dispostos a suprir, numa mais ampla interpretação da lei, conviria esclarecer. Muitas pessoas se nos dirigem de Lisboa e da província no sentido dessa benevolência ser concretizada, num texto esclarecedor.

Com efeito, os chamados «delitos de língua» exigem sempre da parte de quem julga uma lata interpretação, o mesmo é que uma vasta benevolência. «São coisas que saem pela boca» diz o povo.

Se foram amnistiados os delitos de injurias a tribunais, parece, na verdade, que com mais razão o deveriam ser as injurias a outras entidades. Aqui fica a sugestão.

JÓIAS ANTIGAS
E MODERNAS
compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

Tapetes Arraiollos
Novos padrões
Magnífico sortido
QUINTÃO
CASA ESPECIALIZADA
30 — R. Ivens — 34

Grande Lotaria do Natal
12.000 contos
Habilite-se no
VARETA
Rua do Carmo, 89 LISBOA

Palm Beach
Praia da Conceição
Telef. 080851/2
CASCAIS
RESTAURANTE — SALÃO DE CHÁ
DANCING — MUSIC-HALL
Aberto todo o Inverno
ALMOÇOS — CHÁS — JANTARES
CEIAS E BANQUETES
Todas as noites — Musica de Dança
Fados e Atracções Internacionais
(Maiores de 17 anos)
TODOS OS DOMINGOS — CHÁS DANÇANTES
Preços durante o Inverno: Aos dias de semana á noite e ao Domingo ao Chá-Dançante não há consumo mínimo obrigatório. Aos Sábados á noite o consumo mínimo obrigatório é de Esc. 30$00.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 251

leilão

em cada bairro

ã, à noite

Monumental

objectos
sceptíveis
s propor-
beneficiá-
necessida-

ertas que
ntegrado,
mos dito,
táculo de
de ama-
noite, no
o Monu-
o segun-
o em-
dor e ar-
empresá-
o Morga-
ca, com a
á campa-
a um Na-
cada bair-
, no mes-
festivo do
na segun-
e espectá-
atro, com
entes con-
bsa comé-
que traz
usica ita-
o, a todos
o talento
melhores

l Solnado
o lado de
: Rui de
Paulo Re-
, Fernan-
ner, Nina
Rogério
spectáculo
es Yola e
nto vocal
et» inglês

por artis-
blico tan-
os quais
consagra-
to Madei-
dos gran-
atro. Eles
um gesto
animan-
esfusiante
traordiná-
ia. Ali es-
iro, mag-
e grande
entusiás-
laboração
ndimento
graças á
á expan-
Alegria»,
ortuguês.
activos, o
as coisas
as as pes-
ntal será
osas jor-
solidarie-
a do Na-
Lisboa».

lação

lades que
uxílio di-

úrias

amnistia
angeu de-
scritos ou
gistrados,
outros ca-
estariam

duvidas
ejam dis-
ais ampla
iria escla-
nos diri-
víncia no
a ser con-
larecedor
s «delitos
da parte
interpre-
ma vasta
que saem

os delitos
arece, na
ização o de-
outras en-
stão.

recto para os máximos benefícios da humanitária campanha, integrando-se, no amplo movimento de solidariedade a expandir-se por todo o País, são as magníficas realizações incluídas na larga e entusiástica colaboração oferecida ao «Diário de Lisboa» pela COPOREL — Companhia Produtora de Refrigerantes, Ld.ª, concessionária em Portugal da internacionalmente conhecida marca de refrigerantes FANTA.

As numerosas viaturas FANTA, percorrem, todos os dias, a cidade, ostentando sugestivos e artísticos painéis alusivos á campanha e recolhendo os mais diversos e valiosos donativos que a generosidade do transeunte anónimo oferece para os máximos benefícios da campanha de um Natal em cada bairro.

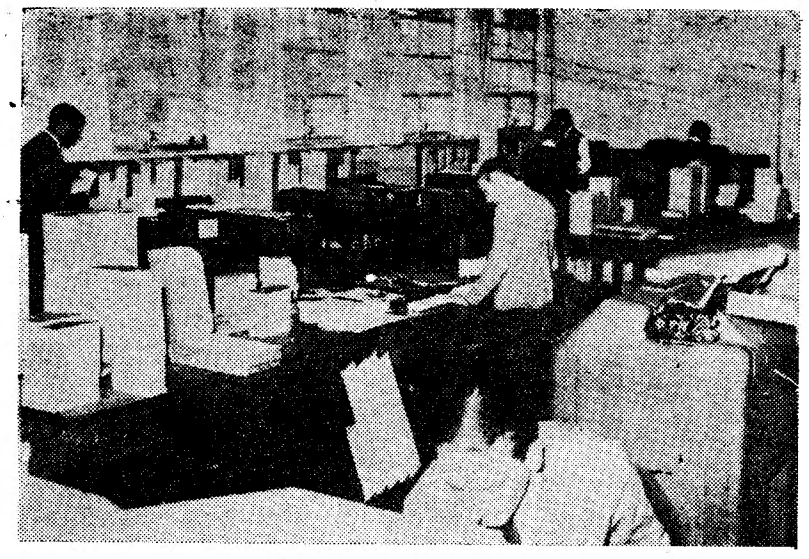
A recolha de dádivas tem sido fecunda e proporciona gestos magníficos de afectiva bondade para com os pobres e desprotegidos, por parte de criaturas modestas, salientando-se atitudes enternecedoras de crianças, que, espontanea e carinhosamente, entregam as suas lembranças, querendo tornar felizes outras crianças para as quais a sorte não é generosa.

Estas jornadas das viaturas FANTA através da cidade facilitam o gesto altruista de todos aqueles que, desejando associar-se ao grande movimento de solidariedade, não têm tempo para vir ao nosso jornal, entregar os seus donativos. Todos podem fazê-lo abeirando-se das referidas viaturas, que, diáriamente, de manhã á noite, percorrem a cidade inteira.

Além disso, prepara-se o grande cortejo alegórico das viaturas FANTA, que desfilará pelas ruas de Lisboa, espalhando a mensagem fraterna da grande campanha para um Natal em cada bairro e recolhendo auxílios, os quais, avolumando ainda mais as suas largas possibilidades, proporcionarão um Natal alegre e feliz, com abundancia e conforto, nos lares da gente humilde e necessitada da capital.

*

E a campanha continua, avolumando-se o grande movimento de solidariedade á volta da iniciativa do «Diário de Lisboa», que possibilita o Natal alegre e feliz, com abundancia e conforto, a milhares de famílias modestas e pobres da cidade e a seus filhos.



Nas repartições do Instituto Nacional de Estatística tudo está a postos — máquinas, ficheiros e funcionários — para o recenseamento geral

Máquinas e homens

trabalham em dois turnos

para o recenseamento de 1960

(Continuação da 1.ª página)

bém no dia seguinte, mas o que sabemos é que ele influiu nos destinos de toda a humanidade. Começou com esse nascimento uma esquina da história. A maior de todas. Tão grande que a partir de então se principiaram a contar os anos e os dias. Foi o dia primeiro do ano numero 1 da era de Cristo. Dez dias depois do censo português, celebrarmos o 1960.º aniversário desse Natal, na altura em que se realizava o censo ordenado em todos os povos do Império Romano pelo imperador Augusto.

Estantes e prateleiras em salas e corredores do Instituto Nacional de Estatística

Hoje em dia, Nossa Senhora e S. José se vivessem em Portugal, não teriam nada que se deslocar de uma terra a outra para se inscreverem no censo. Nada disso. E' tudo muito mais cómodo. Há dias já que um funcionário lhes teria levado a casa um «boletim de família» com todas as indicações. Teriam apenas que escrever os nomes, a sua profissão de carpinteiro, os rendimentos de que viviam, quantas divisões tinha a casa e outras. Uns nomes, umas cruzes, uns riscos; por baixo a assinatura e entregariam o boletim preenchido, depois do dia 15 ao agente do censo. Mais nada.

E' só isso que os cidadãos portugueses têm de fazer neste ano de Graça de 1960. E' o que nós faremos em nossa casa onde o boletim há dias já está sobre a secretária.

Recolhidos os boletins e enviados ao seu destino eles são aglutinados e reduzidos a cifras. Só a cifras para sabermos quantos somos, quantos de nós são marceneiros, quantos são carpinteiros, quantos jornalistas, quantos médicos, advogados, contabilistas, guarda-livros, etc.

Fomos até o Instituto Nacional de Estatística para saber como se faz que tantos milhares de boletins, com tantas e tão diversas indicações sejam no final reduzidos a umas fileiras de numeros e mais numeros. Só numeros. E' de pôr a cabeça em água.

Esperávamos encontrar uma azáfama enorme, com gente a entrar e a sair, uns a dar ordens e outros a correr de um lado para o outro. Pelo contrário. E' como se nada se passasse no átrio do edifício. O contínuo está de mãos nos bolsos, nem parece aperceber-se que se vão contar uns dez milhões de pessoas.

Metemos para a ala esquerda do Instituto onde fica a 1.ª Repartição por cuja 4.ª secção correm os trabalhos do Censo. No corredor largo de grandes vidraças que dão para o jardim, há umas centenas de ficheiros metálicos em paz e sossego. Esperam. As salas do rés-do-chão dessa ala estão agora todas destinadas ao trabalho do recenseamento. Houve que construir um pavilhão de emergência no jardim para onde foram os funcionários e mobiliário que aos trabalhos de recenseamento não se destinam.

Entramos no gabinete do dr. Vaz Vieira, chefe da Repartição e que superintende em todos estes trabalhos do Cenco. Está só. O telefone é que retine de vez em quando para ele dar uma ordem, uma indicação para este bairro de Lisboa, para esta ou para aquela cidade da província.

Ao lado do gabinete do chefe da repartição, temos a sala grande dos serviços de secretaria de apuramento. Mesas a todo o comprimento, estantes largas a toda a altura. Outra sala, mais mesas, mais estantes, mapas. E' a sala dos serviços de apuramento de prédios e fogos. Os funcionários estão calmos. Não começou ainda a azáfama. Há outra sala para o serviço de revisão. O cenário é sempre o mesmo.

Temos ao fundo as chapas de vidro por onde se vêem os prédios da Avenida Manuel da Maia. Saimos para o corredor e está, também aqui, cheio de ficheiros. Trepamos uns degraus e, na balaustrada que liga, ao fundo, as duas alas do Instituto, temos o arquivo. Estantes novas em folha e vazias. Duas filas de trinta metros e seis prateleiras cada uma. São uns 360 metros de prateleira larga onde podem ficar duas filas de boletins. Será o arquivo onde virão descansar os boletins que todos nós vamos preencher.

Máquinas a que só falta falar

Deixamos essas estantes em cru do arquivo e descemos ás salas das máquinas onde os nomes, as profissões, tudo enfim é reduzido

(Continua na 9.ª página)

Partiram para o Brasil

os restos mortais

dos soldados brasileiros

mortos em Itália

Do Aeroporto da Portela, descolaram esta manhã os dois aviões da F. A. B. e o avião militar português, pilotado pelo major Rosa, que transportam as urnas dos soldados brasileiros mortos na ultima guerra e cujos restos mortais foram trasladados do Cemitério de Pistoia, em Itália.

A bordo seguiram os componentes da missão brasileira, com excepção dos feridos no acidente do avião que se incendiou ao aterrar. No aeroporto compareceram, a despedir-se, além do general Luís Domingues, governador militar de Lisboa, todos os elementos da missão militar portuguesa de recepção; major Ascensão, pelo ministro do Exército; dr. Carlos Veras, encarregado de Negócios da embaixada do Brasil; almirante Cavalcanti, adido naval; dr. Vítor Silveira, 1.º secretário da embaixada do Brasil, e pessoal superior do consulado do Brasil; e tenente-coronel Ivo Ferreira, comandante do Aeródromo Base Aérea 1.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de vários rumos. O céu estava muito nublado por influência duma massa de ar humido transportada na circulação dum anticiclone centrado a sudoeste do arquipélago dos Açores.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) — Porto e Bragança, 3°; Beja, 5°; Portalegre, 8°; Penhas Douradas, 1°; Faro, 9°; Lisboa, 10°; Ponta Delgada e Funchal, 14°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 12°,8; na água do mar, 13°,7.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 13°,9; mínima, 9°,0. No mesmo dia do ano passado: máxima, 14°,0; mínima, 8°,6

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 MORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu encoberto. Chuva. Vento moderado de Sudoeste, passando durante a noite de hoje para amanhã a céu geralmente muito nublado. Aguaceiros. Vento moderado a forte de Noroeste. Descida de temperatura.

Cinco dias

demorara o júri

a seleccionar os trabalhos

de "O Natal visto pela criança"

Um grupo de professores colabora na selecção

Demorará cinco dias o trabalho de selecção dos cinco mil trabalhos que nos foram enviados para «O Natal visto pelas crianças», iniciativa do «Diário de Lisboa» que entusiasmou a juventude escolar.

O juri, que se reuniu ontem na Casa da Imprensa, procedeu aos primeiros trabalhos de selecção. Dada a quantidade de trabalhos, que excedeu a dos anos anteriores (em 1958, cerca de mil; e em 1959, cerca de dois mil e quinhentos), o juri decidiu que estes devem ser apreciados no ginásio da Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda.

Ali a sr.ª D. Maria Lião Silva Rosa, o prof. Calvet de Magalhães, o pintor José Julio, o arq.º Antunes da Silva e Artur Portela (Filho), serão auxiliados por um grupo de professores de Desenho.

Durante a sessão de ontem, verificou-se a existência de mais de cinco mil obras, de jovens de 17 liceus, 38 escolas técnicas, 29 escolas primárias e 96 colégios. A qualidade de trabalhos parece ser igualmente mais elevada, o que levanta mais problemas. Dado que a exposição deve ser inaugurada no dia 24, logo após a publicação do numero de Natal do «Diário de Lisboa» com os nomes dos premiados e a reprodução dos trabalhos distinguidos, e considerando que a montagem do certame vai ser demorado, o juri terá numerosas e longas reuniões.

MARILYN e MILLER num «divórcio amigável»

NOVA YORK, 13.—O advogado de Marilyn Monroe declarou na noite passada nesta cidade que o casamento da artista com Arthur Miller será anulado no princípio do próximo ano. O dr. Aaron L. Frosch, que está a tratar do processo de divórcio de Marilyn Monroe, afirmou ainda que «tudo foi amigavelmente solucionado» e que não se esperava que houvesse qualquer litígio. Acrescentou que o processo não se resolveria em Nova York, não tendo ainda sido decidido onde seria julgado. No Estado de Nova York, o adultério é o unico fundamento para divórcio.—(Reuter).

Morreu de doença

ao chegar ao hospital

Adoeceu subitamente em casa de sua filha, na Rua do Possolo, n.º 3, r/c., e chegou morta ao Hospital de S. José, a sr.ª D. Maria José Figueiredo, de 78 anos, que residia em Mangualde. O cadáver foi removido para o Necrotério.

Um disco voador

próximo de Bordeus?

BORDEUS, 13. — Uma senhora de Fargues St. Hilaire afirma ter visto da janela de sua casa, na noite de sexta-feira, sobre um prado que fica perto da residência, um objecto de forma oval com uns três a quatro metros de comprimento e com duas vigias donde saía uma luz fraca. O objecto estava rodeado por uma luz esbranquiçada. De subito, o objecto subiu e desapareceu. Outra senhora que mora próxima, afirma, também, que viu um objecto subir do mesmo prado na mesma noite. — (F. P.).

TEATRO MONUMENTAL

QUINTA-FEIRA, 15, AS 23 HORAS

GRANDIOSO ESPECTÁCULO

DEDICADO

AO NATAL EM CADA BAIRRO

INICIATIVA DO «DIÁRIO DE LISBOA»

ALÉM DA INTERESSANTE COMÉDIA MUSICAL

«BOA NOITE, BETINA»

COM A COLABORAÇÃO DE TODA A COMPANHIA DE VASCO MORGADO

(PARA MAIORES DE 17 ANOS)

A FECHAR O ESPECTACULO

GRANDE LEILÃO

dos objectos oferecidos que não são susceptíveis de distribuição pelos pobres

ORGANIZADO POR **IGREJAS CAEIRO**

e animado pela presença de categorizados artistas, queridos do público, entre os quais os grandes cómicos do Teatro Português: COSTINHA, HUMBERTO MADEIRA e RAUL SOLNADO

Além de um terreno em Brasília, artigos e objectos valiosos e de utilidade, incluindo esquentadores, caloríferos, aparelhos de rádio, alguns portáteis; uma máquina de tricotar, uma linda caravela em filigrana, finíssimos vinhos, etc.

Tudo ao alcance de todas as possibilidades, revertendo para os máximos benefícios da campanha do «Diário de Lisboa» em prol do Natal da gente pobre da cidade.

COZINHA VELHA

RESTAURANTE — SALÃO DE CHÁ — BAR

PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ — TELEFONE 950232

Informamos os nossos estimados clientes que a nossa Sala, está reservada, amanhã, quarta-feira, dia 14, para um lanche de casamento, pelo que não poderemos efectuar os habituais serviços de Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Necrologia

FALECIMENTOS

Miguel Martins

Faleceu o sr. Miguel Martins, de 68 anos, natural de Lisboa, conhecido industrial, sócio-gerente da Fábrica Lusitana de Tintas e Vernizes «Atlantic». Era casado com a sr.ª D. Julieta Bregante da Silva Pessoa e pai do sr. Armando Bregante da Silva Pessoa Martins. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 12 e 30 horas, da Vivenda S. Miguel, em Carcavelos, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

D. Sara de Matos Esteves

Faleceu a sr.ª D. Sara de Matos Esteves, casada com o sr. António José Esteves, chefe da oficina de encadernação do nosso prezado colega «O Século».

O funeral sai amanhã, ás 11 horas, da igreja de Santa Catarina, para o cemitério da Ajuda.

FUNERAIS

Manuel Gonçalves da Silva

Para o cemitério da Ajuda efectuou-se hoje o funeral do sr. Manuel Gonçalves da Silva, antigo presidente do conselho de administração da Companhia Portugal e Colónias, do Grémio dos Industriais do Arroz e da Federação Nacional dos Industriais de Moagem. Natural de Curvaceira, concelho de Tomar, contava 81 anos de idade. Era casado com a sr.ª D. Antónia Gonçalves da Silva, pai da sr.ª D. Maria Rosa Gonçalves Figueiredo Ministro e dos srs. José Manuel, João e António Gonçalves da Silva; e irmão dos srs. capitão José Gonçalves da Silva e António Gonçalves da Silva.

Dr. João Xavier Camarate de Campos

MONTEMOR-O-NOVO, 13. — (Pelo telefone) — Com grande acompanhamento, realizou-se esta manhã, no cemitério local, o funeral do grande advogado, falecido em Évora, dr. João Xavier Camarate de Campos. O corpo, que foi transportado para esta vila numa viatura dos Bombeiros Voluntários de Évora, de cuja assembleia geral o extinto era presidente há cerca de 30 anos, foi aguardado nesta vila, de onde era natural, por muitas pessoas de todas as categorias sociais. Incorporaram-se no cortejo cerca de 300 automóveis.

No cemitério, onde se reuniram os representantes das melhores famílias de Montemor e deputações das colectividades locais, usou da palavra, em nome da Ordem dos Advogados e do bastonário, o sr. dr. Alberto Jordão Marques da Costa, grande amigo do extinto, que traçou o perfil do dr. Camarate de Campos como elemento do foro e como cidadão.

Foram recebidos cerca de 1000 telegramas, entre eles do Presidente do Conselho, ministro da Justiça, profs. Marcello Caetano e Mário de Figueiredo; deputados drs. Bartolomeu Gromicho e Peres Clara, governador civil de Setubal, arcebispo de Évora e bispos de Telmissos e de Egeia.

SUFRÁGIOS

João Veloso Rodrigues Batalha

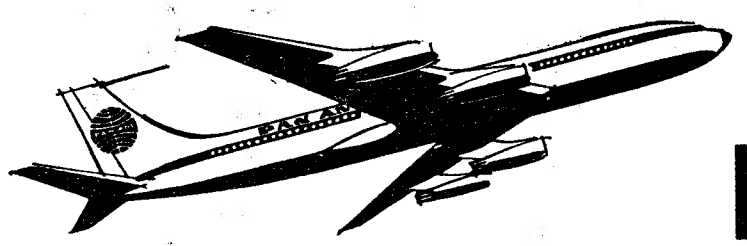
Passando amanhã o segundo aniversário da morte do sr. João Veloso Rodrigues Batalha, a família manda celebrar missa de sufrágio, ás 12 e 30, na igreja dos Mártires.

Dr. Sidónio Pais

Por iniciativa de um grupo de amigos e colaboradores do presidente Sidónio Pais, celebram-se amanhã, pelas 12 horas, solenes exéquias por sua alma, na igreja de S. José, no Largo da Anunciada.

Marechal Gomes da Costa

Passando no próximo dia 17 o 31.º aniversário do falecimento do marechal Gomes da Costa, a família manda celebrar missa de sufrágio no altar-mor da igreja dos Mártires, pelas 12 e 30 daquele dia.



GRANDE REDUÇÃO NAS TARIFAS A JACTO PARA OS E. U. A.!

A Pan American, a linha aérea de maior experiência no mundo, apresenta uma redução de Esc. 4.068$50 nos seus serviços a Jacto entre Lisboa e Nova York. Uma ida e volta custa agora apenas Esc. 10.589$80

Deste modo, poderá voar da Europa para 11 cidades dos Estados Unidos — incluindo as 4 entradas tradicionais da costa ocidental, via rota polar — beneficiando da tarifa Jacto mais reduzida da história da aviação — a tarifa de excursão, em classe económica, válida por 17 dias, que a Pan American agora proporciona nos seus famosos Clippers a Jacto. Sòmente a Pan American lhe oferece tamanha variedade de escolha de rotas permitindo-lhe ver melhor os Estados Unidos e sem repetição de percursos.

Com esta nova redução nas tarifas nos aviões a Jacto, poderá visitar os Estados Unidos por um preço global muito acessível, numa EXCURSÃO DE FÉRIAS utilizando os Clippers a jacto da Pan American — abrangendo as cidades e centros de maior interesse turístico.

E, claro está, voando na Pan American voa nos Gigantescos Clippers a Jacto, comandados pelos pilotos mais experientes do mundo em aviões a jacto — cruzando os ares vertiginosamente, acima do tempo, a mais de 925 kilómetros por hora.

Consulte o seu Agente de Viagens sobre as novas tarifas de excursão de férias utilizando os Clippers a Jacto da Pan American e ele lhe preparará o melhor itinerário possível dentro do seu orçamento. Ou dirija-se à Pan American: Praça dos Restauradores, 46. Tel. 32181 (362181 a partir de 5 de Novembro).

Está planeando uma viagem de negócios?

A indústria americana espera-o para intercâmbio de ideias e desenvolvimento de mercados. As tarifas de excursão de 17 dias — em classe económica — da Pan American dão-lhe a possibilidade de se fazer acompanhar da sua esposa. A viagem de ida e volta para duas pessoas custa menos Esc. 5.887$80 do que uma só viagem em Primeira Classe!

EIS ALGUNS DOS PREÇOS DE IDA E VOLTA APLICÁVEIS PELA TARIFA DE EXCURSÃO DE 17 DIAS, ENTRE LISBOA E OS ESTADOS UNIDOS, NOS AVIÕES A JACTO DA PAN AMERICAN

— Incluídos todos os impostos

NOVA YORK	Esc. 10.589$80
BOSTON	Esc. 10.589$80
CHICAGO	Esc. 12.935$10
SAN FRANCISCO	Esc. 17.249$20

Em vigor até 31 de Março de 1961

PAN AMERICAN

A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA — SERVE PORTUGAL HÁ MAIS DE 21 ANOS

Dr. Carlos Guerra

6.º aniversário da sua morte

Oliva Guerra participa que será celebrada missa por alma de seu saudoso irmão, amanhã, 14, ás 10 e 30, na Basílica dos Mártires, muito agradecendo a todos que se dignarem assistir ao piedoso acto.

D. Virgínia Boaventura Baptista da Silva

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família participa que será celebrada, ás 11 horas e 30 minutos, de amanhã, na igreja paroquial de S. Mamede, missa por sua alma. Aproveita a ocasião para agradecer todas as manifestações de pesar, em especial a quem, por desconhecimento de moradas, o não pode fazer directamente.

EM BENFICA DO RIBATEJO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por intermédio do SR. ANTÓNIO RODRIGUES RAPOSO.

Em Alverca, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência Fernanda Pinto O. Valada, R. Joaquim Sabino Faria, 18-A.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446
LISBOA

As declarações do presidente Kubitschek

(Continuação da 1.ª página)

emoção a sua viagem a Portugal e fazendo declarações que se revestem, neste momento, de excepcional importância. Foi através do microfone da Emissora Nacional, cuja representação era chefiada pelo eng. Leote Tavares, que o Presidente Kubitschek se dirigiu aos jornalistas portugueses. E foi o locutor Moreira da Câmara que lhe dirigiu algumas perguntas, com impecável sentido de oportunidade, conseguindo obter as respostas que reproduzimos graças à amabilidade da Emissora Nacional, e que merecem não só a divulgação que vão ter através da nossa estação oficial de radiodifusão, como uma larga repercussão na Imprensa portuguesa, que não pode deixar de registar com viva satisfação as palavras tão calorosas e tão significativas que o Presidente do Brasil dirigiu a um grupo de Portugueses.

A uma pergunta do locutor, o Presidente Kubitschek começou por dizer que guardava uma lembrança inesquecível de sua visita ao nosso País. E acrescentou:

— **A manifestação que recebi em Portugal, ainda que vivesse mil anos, é destas coisas que nunca se esquecem e que têm de se guardar para sempre no coração. Eu acredito que esta visita foi altamente proveitosa para as relações do Brasil com Portugal. Ao serem exibidos aqui no Rio de Janeiro os filmes da minha visita, viu-se o cinema inteiro chorando de emoção com a recepção que proporcionaram em Portugal ao Presidente do Brasil. Eu tive esse privilégio: que coincidisse na minha pessoa a Presidência do Brasil para ser testemunha dessas demonstrações fabulosas de fraternidade e amizade luso-brasileira.**

O locutor perguntou-lhe se a sua próxima visita a Portugal seria muito em breve ou se ainda teríamos de esperar muito tempo. O Presidente Kubitschek prometeu, então, que no primeiro passeio que fizer à Europa, virá a Portugal, para rever Lisboa, o Porto, Coimbra e outras terras do País de que guarda as mais gratas recordações.

«— Estivemos ontem em Brasília, sr. Presidente, na sua Brasília. Que me diz V. Ex.ª do futuro de Brasília?» — perguntou o locutor.

Kubitschek quis conhecer as nossas impressões. E, depois de as ouvir, começou a falar num crescendo de entusiasmo:

— **Brasília... Se eu estivesse lá... Creiam que lamentei profundamente o desencontro que se deu. Não combinaram a vossa visita com o meu horário. Eu tinha um compromisso a que não podia faltar no Norte do Brasil, em Belém. Tive de voar dez horas de avião para cumprir esse compromisso. Este país é muito grande. Dez horas num avião a jacto é o menos tempo em que se vai. Eu viajei ontem 6000 quilómetros... Quer dizer, é quase como daqui a Lisboa... De modo que não pude esperá-los, porque eu mesmo queria ter o prazer de lhes mostrar Brasília, para sentirem uma coisa: que ali nós estamos continuando a missão de Pedro Álvares Cabral. Ele descobriu o Brasil e nós conseguimos avançar mil quilómetros para dentro do país. E' um país difícil de conquistar, porque quando a gente pensa, por exemplo, nas condições geográficas do Brasil e dos Estados Unidos, vê a diferença do progresso.**

Mas há algumas explicações, mesmo geográficas, para essa diferença de avanço, porque os Estados Unidos só têm obstáculos quando saem do mar, a quase dois mil quilómetros do litoral, e no Brasil o obstáculo é encostado à praia: para sair daqui tem de se subir uma montanha imensa e depois vai-se subindo sempre até chegar ao planalto central. Esta nossa caminhada até ao planalto de Goiaz demorou quatro séculos; mas eu estou certo de que a caminhada que vai do planalto central para os desertos de Oeste vai ser muito mais rápida e nós já estamos lançando as bases para isso, porque as grandes rodovias que o meu Governo construiu já conseguem vencer uma coisa que considerávamos invencível, que era a selva amazónica. Humboldt, que visitou o Brasil há cento e cinquenta anos, escreveu que a conquista da Amazónia só poderia ser feita daqui a dois mil anos. E essa mentalidade ficou. Quando eu comecei esta aventura da estrada Brasília-Belém, que todo o mundo considerava uma loucura, porque era um empreendimento sem base económica, segundo afirmavam, eu dizia: «Obra pioneira não tem preço». Ninguém vai avaliar o custo de uma obra pioneira: era como se alguém quisesse avaliar o preço de uma semente. Uma semente vale o preço que for necessário dar por ela. De modo que eu dizia: «Esta obra só se pode fazer com um pouco de pensamento poético — poesia no sentido de criação — e foi assim que nós pudemos perfurar aquela selva e fazer uma estrada de 2200 quilómetros atravessando quase mil quilómetros de floresta onde o homem nunca pusera o pé».

E acrescentou, enlevado como estava no seu sonho:

«Estamos penetrando agora na direcção do remoto Oeste, entrando pelo território do Acre e vamos encontrando coisas prodigiosas: índios cuja existência nós desconhecíamos totalmente, nações de índios de cuja existência nunca ouvíramos falar... Quer dizer, nós temos ainda neste país — e considero isso um privilégio formidável — homens que não sabem que existiu Cristo, que o Brasil foi descoberto e que estão esperando a notícia (*e ri de boa vontade*) — **uma notícia que vai chegar com quatro séculos de atraso. Isso mostra-nos como era necessário esse avanço que iniciámos agora e que, estou certo, modificará completamente em vinte anos a fisionomia do Brasil».**

O locutor pediu, então, ao Presidente Kubitschek que dirigisse uma palavra especial aos Portugueses através do microfone da Emissora Nacional.

— **Aos Portugueses do Brasil ou de Portugal? — perguntou. De ambos os países — acabou por responder a ele próprio.**

E fez, então, as declarações que procuramos reproduzir textualmente pelo significado e pela importância de que se revestem:

«Há poucos dias eu fui recebido na Beneficência Portuguesa e, ao responder a saudações que me fizeram, eu declarava que de Júlio César para cá nenhum homem recebeu as manifestações que o Presidente do Brasil recebeu em Portugal, porque ele sentiu ali uma nação inteira, de pé, aplaudindo calorosamente um homem que simbolizava a união luso-brasileira naquele momento. De modo que eu guardarei dessa minha visita uma lembrança imperecível. E não apenas o Presidente do Brasil. A repercussão no meu país foi imensa e estou certo de que isso contribuiu muito para estreitar os laços de amizade entre os nossos dois países, fortalecendo esta comunidade luso-brasileira. Tanto que há poucos dias o embaixador português esteve aqui tratando de assuntos da política internacional ligados aos problemas da O. N. U., da posição do Brasil, e eu disse ao embaixador o seguinte: «Os problemas de Portugal são problemas do Brasil; de modo que nós agiremos ali o embaixador do Brasil como embaixador de Portugal e o de Portugal como embaixador do Brasil. E' assim que eu considero a amizade dos nossos dois países e procurei nestes cinco anos estreitar o mais que pude estas relações; porque eu não sou um homem estranho a Portugal, eu nasci numa cidade portuguesa: a minha cidade de Diamantina foi feita pelos Portugueses quando eles começaram a penetração pelo interior à procura do ouro e dos diamantes e construíram a cidade, que não deve nada às de Portugal pela beleza da arquitectura e pela pureza do estilo do século XVIII. Vivi sempre nesse ambiente e lá também existem inúmeros Portugueses. Quando eu estava começando a minha vida, um Português era o perfeito da cidade, presidente da Câmara, eleito pelo povo. De modo que as minhas relações de amizade e de admiração por Portugal são velhas e datam da minha infância. Elas foram-se aprimorando, evidentemente, e agora, com este motivo que tive em Portugal, fiquei profundamente sensibilizado e estou certo de que esta viagem produziu os frutos que nós esperávamos».

E a terminar, dirigindo-se aos jornalistas:

«Recebendo aqui os representantes da Imprensa portuguesa, que transmitem a impressão e as opiniões do povo português, peço-lhes que levem a Portugal uma saudação muito cordial, certos de que estamos aqui, Brasil e Portugal, unidos num pensamento só: fortalecer a comunidade luso-brasileira».

As declarações do Presidente Kubitschek foram sublinhadas por uma calorosa salva de palmas. O dr. Adolfo Andrade, presidente do Grémio da Imprensa Diária, que se incluía no número dos convidados, agradeceu depois, em breves palavras, o apoio que a delegação brasileira na O. N. U. dera a Portugal, acrescentando que essa atitude calava profundamente no coração de todos os Portugueses, que amam o Brasil como a sua segunda Pátria.

O Presidente Kubitschek de Oliveira fazendo declarações perante o microfone da Emissora Nacional. A' esquerda do Presidente, vê-se o embaixador Negrão de Lima

O censo de 1960

(Continuação da página central)

a algarismos. Esta vida moderna tem destas coisas. Pega nas profissões mais sagradas que haja — médico, sacerdote, enfermeiro — mete-as na boca metálica de uma maquineta. Dá-se a um botão. O estômago da máquina começa a trabalhar, faz o quilo, e, no fim, fica um numero numa coluna. Mais nada. E que de tudo isso ficará apenas uma cifra no «Anuário Demográfico».

Estamos agora no centro dessa transformação de toda a vida portuguesa em numeros. O serviço mecanográfico pega nos boletins e passa-os a uma ficha de cartolina que será o elemento triturado e luminoso de todo este mundo da estatística.

E' um losango de 19×8,2 cms. dividido em colunas ou grupos de colunas. Nele se contêm todos os elementos do boletim de família. As colunas estão cheias de numeros que parecem ensaiar uns passos de dança, uns ao desvés dos outros ou então muito alinhadinhos em fila e cerra-fila.

Na primeira sala temos os operadores de máquinas perfuradoras. A ficha é metida nos dentes da máquina. O operador pega no «boletim» e conforme as indicações dele transmite ao teclado essas indicações. A máquina morde a ficha em dado numero, segundo o código. Metade das máquinas faz um furo circular; a outra metade faz um furo descaído, em relação ao primeiro.

Se o operador se enganou, o engano é verificado na sala seguinte, a das máquinas verificadoras. São-lhe metidas fixas aos maços. Ela agita-se, reage e, sempre que há um erro de perfuração, a máquina acusa-o introduzindo-lhe uma ficha especial. Depois se extrai a ficha errada e se vai verificar e corrigir no documento original.

Acaba aqui a preparação para o apuramento propriamente dito. Tudo é anónimo, inidentificável. E um numero cada indivíduo, cada profissão. Se for um santo tem um numero igualzinho ao que terá se ás costas tivesse morte de homem.

A ficha é o elemento com que a maquina pode trabalhar o que não aconteceria com os boletins.

Máquinas de apuramento

Passamos á 3.ª sala, a das máquinas de apuramento. São as máquinas que seleccionam as fichas com as perfurações feitas, as agrupam e as contam. São 13 separadoras-contadoras mecanicas e são 10 separadoras - contadoras electrónicas. No conjunto há 2 turnos de trabalho, como aliás os há nas perfuradoras. Nestas máquinas se mete um maço de fichas. Dez centímetros de espessura. Desanda-se um botão e tudo aquilo se agita. A máquina está dividida em receptáculos e em frente de cada uma espécie de taxímetro.

Mal a máquina começou a funcionar as fichas vão desaparecendo nos receptáculos E' uma tira autêntica, não cessando. Correm que desaparecem nos receptáculos. A máquina lambe as fichas como língua de cão faz á manteiga. O maço era grande, mas não tem nada já. Meio minuto? Sei lá! Passaram 503 fichas. E' que a máquina conta não só o numero de fichas, mas as profissões, o numero de filhos, os rendimentos, etc. Tudo isso. E' apenas olhar para esses taxímetros e ler os numeros.

As separadoras-contadoras electrónicas trabalham 50 000 fichas por hora. As mecanicas aproximadamente metade desse numero.

O sr. Ernesto Nunes, que é o chefe deste mundo das máquinas, olha-as com um certo orgulho, quase embevecimento, ao verificar como é perfeito o seu funcionamento. E nós temos vontade de lhe dizer: — Mas porque é que não completaram este trabalho, porque não fizeram falar estas máquinas?

RAUL REGO

RECEPÇÃO

aos novos alunos de Medicina

O programa da Semana de Recepção aos novos alunos, organizada pela comissão pró-Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa continua a cumprir-se com toda a regularidade e o máximo interesse. Hoje, de manhã, houve a anunciada visita guiada ás instalações do Hospital Escolar. Os novos alunos — cerca de 200 — concentraram-se na Sala dos Alunos e dali partiram, ás 10 horas, divididos em vários grupos, cada um orientado por estudantes dos ultimos anos.

O programa da «Semana» sofreu, entretanto, uma pequena alteração: a sessão de teatro marcada para as 21 e 30 de sexta-feira, foi antecipada para as 15 horas, e a peça «O Óleo» foi substituída pela peça «A Menina Julia», que será desempenhada pelo elenco do Teatro D. Maria II. O grupo cénico dos estudantes desempenhará a peça «Os Malefícios do Tabaco», de Anton Tchekov.

Faleceu no hospital

Expirou na sala de observações ro Hospital de S. José, para onde entrara há dias, o pintor João dos Reis Mendes, de 48 anos, residente nos Terramotos n.º 1, porta 2, que nos Quatro Caminhos chocou com um automóvel quando seguia de bicicleta motorizada.

Jornadas Pomológicas

inauguradas em Viseu

pelo secretário da Agricultura

VISEU, 13. (Pelo telefone). — O secretário de Estado da Agricultura, que ontem foi, com o sr. eng. Macias Fuschini, visitar algumas Estações Agrárias dependentes do seu Secretariado, na região do Douro, esteve hoje novamente nesta cidade onde, a partir das 10 horas, na sede dos seus respectivos serviços, presidiu á abertura de sessões de trabalhos em que tomaram parte cerca de 70 técnicos agrícolas. O sr. eng. Quartin Graça usou da palavra para enaltecer estas jornadas homológicas, afirmando que são de grande importancia no II Plano de Fomento e que constituem um capítulo estável na preparação dos técnicos. Disse que a estrutura dos Serviços Agrícolas não se coaduna, infelizmente, com as características actuais da agricultura, do que provêm alguns prejuízos que só a grande dedicação dos técnicos consegue vencer. Tomou depois a direcção dos trabalhos o sr. eng. Botelho da Costa que deu a palavra ao sr. prof. Vieira Natividade que é o prelector das reuniões sob pomicultura.

O sr. eng. Quartin Graça seguiu para Urgeiriça, onde está alojado.

Campanha de 15 de Outubro a 7 de Janeiro

Sensacional!

"FRIMATIC" OFERECE-LHE UM IMPORTANTE DESCONTO NA COMPRA DE UM FRIGORIFICO A PARTIR DO MODELO FAMILIAR "LUTECE" 140 L. 5.750$00

ACESSORIO INDISPENSAVEL

UMA SORVETEIRA ELECTRICA!

VALOR 500$00

POR 250$00

Leve hoje mesmo para sua casa um FRIMATIC e pague no FIM DO ANO!

PREÇOS INCOMBATIVEIS

Peça informações sobre esta nova modalidade aos agentes autorizados e aos representantes

Refrigeração POLAR LIMITADA R. DA EMENDA, 38, 1.º LISBOA

COIMBRA • PEDROS-IRMÃOS, LDA. RUA DA SOFIA, 141

PORTO • J. ROCHA RUA DE SANTO ANTÓNIO, 173

COBERTORES DE LÃ

DESDE 70$00

MANTAS DE VIAGEM

DESDE 150$00

Vários Tipos e Qualidades

Cores Sugestivas

DEPÓSITO DA FÁBRICA

Rua da Palma, 284, 1.º, D.

COGNAC MARTELL

entusiasmo

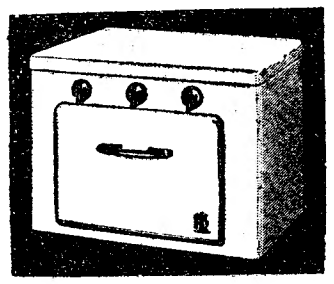
Com **FAR** nunca dirá... se eu soubesse!!!

• • •

Fogões franceses de fama mundial

MAIS RENDIMENTO
ACABAMENTO IMPECÁVEL
MENOS CONSUMO

SE AINDA NÃO CONHECE OS FOGÕES **FAR** PERGUNTE DAS SUAS QUALIDADES DE FABRICO E RENDIMENTO A MILHARES DE BOAS DONAS DE CASA QUE OS UTILIZAM!



INTIMITÉ F 20

Modelos: CONQUETE — AURORE — SEDUCTION — CONVOITISE FLORÉAL — DÉSIR — INTIMITÉ

A GÁS — A GAZCIDLA

(ADAPTÁVEIS A QUALQUER TIPO DE GÁS)

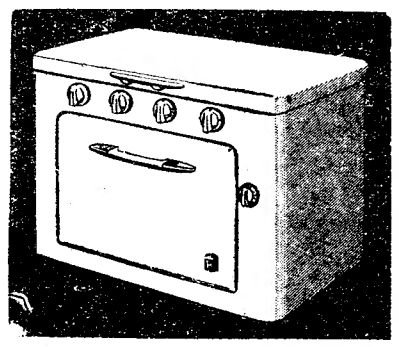
A venda na CIDLA. Lisboa, Porto, Coimbra, em todas as suas agências no País e nas casas da especialidade

A BOA COZINHA NO LAR... SÓ COM «GAZCIDLA» E FOGÕES «FAR» Com **FARGRIL**, o grelhador ideal, fará sempre bons grelhados

DISTRIBUIDORES:

J. COSTA & SILVA, LDA.

Rua Arco Bandeira, 79, 1.º — LISBOA-2 — Telefone 26713



DÉSIR F 33 COM TERMOSTATO

FAR PRODUZ MAIS DE 1.000 FOGÕES POR DIA

AVEC **FAR** VOUS NE DIREZ JAMAIS... SI J'AVAIS SU!

OS FUNERAIS

dos guardas da P. S. P. vitimas do desastre de viação

LEIRIA, 13 *(Pelo telefone)*.— Efectuaram-se hoje os funerais dos dois infelizes guardas da P. S. P. que, na noite de domingo, como noticiámos, foram vítimas do desastre de viação no lugar de Palmeirais, freguesia da Carangueja. O corpo do guarda José Narciso Araujo ficou no cemitério de Figueira e o de Joaquim Francisco Andrino no de Santa Eufémia, ambos transportados em «jeeps» e cobertos com a bandeira nacional. Nos préstitos funebres incorporaram-se o comandante-interino da P. S. P. em representação do comandante-geral, oficiais e guardas da corporação e muito povo.

O Encerramento do Curso

sobre o romance contemporâneo

Realiza-se hoje, no anfiteatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a ultima lição do curso sobre romance contemporaneo, organizado pela Sociedade Portuguesa de Escritores, sob o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian e com o apoio, naquela cidade, da Associação Académica. Será conferente o prof. Monteiro Grilo, que versará o tema «Romance inglês contemporaneo». A Sociedade Portuguesa de Escritores far-se-á representar nesta conferência de encerramento do curso pelo escritor Joaquim Paço de Arcos, presidente da sua direcção.

kitty

CONSERVE A SUA SAUDE

TOME SUMOS FRESCOS DE FRUTA E LEGUMES OBTIDOS PELO KITTY

São fonte de origem de vitaminas e de sais minerais

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

REPRESENTANTES

Refrigeração **POLAR** LIMITADA

Rua da Emenda, 66 r/c. Frente - Telef. 369016 - LISBOA

HOMENAGEM

A UM TÉCNICO da Câmara Municipal

Promovido pelos engenheiros, arquitectos e agentes técnicos de engenharia, da 2.ª Repartição — Arruamentos e 3.ª Repartição — Obras Municipais, da Camara Municipal de Lisboa, realiza-se esta noite num restaurante típico da capital, um jantar de homenagem ao sr. eng.º Abreu Nunes, pela sua posse como chefe da Repartição das Obras Municipais.

PRESÉPIOS e ornamentações

para quem os queira imitar

A presidente da Obra das Mães, sr.ª condessa de Penha Garcia, acompanhada de outras senhoras daquela organização, visitou esta tarde o Instituto de Educação Infantil, onde apreciou e aprovou vários presépios e ornamentações de Natal, em exposição, que no próximo sábado estarão patentes à atenção de todas as mães que os queiram examinar, a fim de eventualmente construirem outros semelhantes nos seus lares.

O PORTO pelo teletone

Apareceu destruido um automóvel roubado

PORTO, 13. — Em Arnelas, Vila Nova de Gaia, apareceu quase destruido um automóvel pertencente ao sr. Miguel Sanahuja Seró, residente na Travessa da Raza e que ontem lhe havia sido roubado quando se encontrava junto da sua residência.

Estudos Humanisticos

Na sala de Fisica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, o prof. do curso de Arqueologia Peninsular, sr. dr. Adriano Vasco Rodrigues fala esta tarde sobre a Arte do Quartenário, documentando com projecções luminosas e cares, o ciclo das cavernas ornamentadas do leptolítico.

De pêlo na venta...

No jardim da Cordoaria foi preso pela P. S. P., por ter praticado disturbios e tentar agredir o guarda captor, Maria Martins Monteiro, de 34 anos, da Rua Alferes Malheiro, 133, que recolheu ao Aljube.

Mulher atropelada

Na Avenida da Boa Vista foi atropelada por um carro eléctrico, Rosa Alves Veloso, de 35 anos, solteira, serviçal, Av. Boavista, 2407, que recolheu sem fala ao Hospital da Misericórdia, onde faleceu momentos depois.

Doença subita e mortal

Ao Hospital de Santo António foi conduzida a sr.ª Carlota Rosa, de 78 anos, viuva, de Sinfães, acometida de doença subita, que ali já chegou morta.

Ateneu Comercial

Em comemoração do 91.º aniversário da fundação da bibloteca do Ateneu Comercial do Porto, efectua-se hoje, ás 21 e 30, na sede da colectividade, um concerto do Trio de Musica de Camara de Colónia, constituido por artistas alemães.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — A's 21 e 45 — a peça «O Rinoceronte», pela companhia do T. E. P. (17 anos).
S. JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Quanto mais quente melhor», comédia (17 anos).
COLISEU — A's 21 e 30 — Companhia de Circo Internacional (12 anos).
RIVOLI — A's 15,30 e 21,30 — «Do alto do terraço», drama (17 anos)
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Gente de má nota», comédia (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — A revista «Gosto que me enrosco» (17 anos).
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Ben-Hur», bíblico (12 anos).
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O cantico da carne», drama (17 anos).
VALE FORMOSO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O rei das Czardas», musical (17 anos).
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «...Com jeito vai, senhor guarda» comédia (17 anos).
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Norman no Palco», drama (17 anos).
NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «O mundo dos milares», drama (17 anos).

VIDA SOCIAL

PROF. DR. SAN TIAGO DANTAS

Com sua esposa, chegou a Lisboa o prof. dr. Francisco San Tiago Dantas, advogado, deputado federal, catedrático e antigo director do «Jornal do Comércio», do Rio de Janeiro, que conta demorar-se alguns dias entre nós.

MANUEL CARDOSO DE MATOS

Vindo de Angola chegou a Lisboa, o sr. Manuel Cardoso de Matos, administrador da Companhia Açucareira do Cuanza.

DEFENDA-SE DO INVERNO...

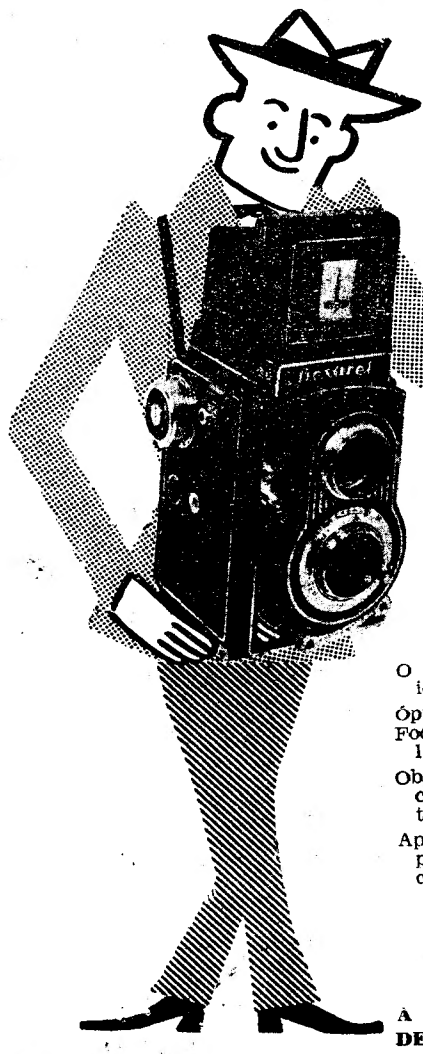
Com o sistema de aquecimento "SMITHS" o conforto do seu carro aumentará, evitando as baixas temperaturas.

Instalação rápida em qualquer marca ou modelo de viatura. Peça todos os esclarecimentos á

SOC. DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.

Av. Praia da Vitória, 73-A — Tel. 58141 (PPC. 3 linhas)

flexaret V



TOTALMENTE AUTOMÁTICA!

O aparelho 6 × 6 cm e 24 × 36 mm ideal para si!
Óptica de admirável recorte.
Focagem exacta sobre vidro despolido.
Obturador com valores de luz, sincronização total e disparador automático incorporado.
Aparelho altamente aperfeiçoado, de preço muito acessível e com a qualidade inexcedível

meopta

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS.

As Bodas de Ouro
dos Voluntários Lisbonenses

Um jantar de confraternização cheio de significado reuniu ontem, num restaurante de Lisboa, os associados nas corporações dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, que festejam 50 anos de existência desta Associação e de serviços prestados á nobre causa dos soldados da paz.

Presidiu o sr. coronel Ribeiro Viana, inspector de Incêndios da Zona Sul, em representação do presidente da Camara Municipal de Lisboa, e sentaram-se na mesa de honra os srs. prof. Leonardo de Castro Freire, presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, o sr. coronel Mateus Cabral; major Ribeiro Cansado,, 2.º comandante do B. S. B.; dr. Moura e Silva, presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses; p.e Luís Aparício, prior da freguesia do Sagrado Coração de Jesus; Flores Pereira, em representação dos Bombeiros Voluntários Portugueses; o nosso muito prezado camarada João Crisóstomo de Sá e o sr. Egas Ribeiro, comandantes dos Voluntários de Queluz e dos Lisbonenses; e Mário Guia e dr. Manuel de Carvalho, presidente da direcção e do conselho fiscal da agremiação.

A história da Associação, com os seus lances de heroismo, a sua teoria de figuras, a sua tenacidade de todas as horas, foi evocada, no momento dos brindes, pelo sr. dr. Manuel de Carvalho, que teve palavras de louvor e simpatia em relação á Imprensa.

Pelos directores dos Voluntários Lisbonenses foram entregues aos jornalistas presentes diplomas de reconhecimento. Daquele que respeita ao nosso jornal foi depositário o nosso camarada João Crisóstomo de Sá, chefe dos serviços administrativos do «Diário de Lisboa». Diz o diploma em questão, que ostenta a águia sobre as chamas, símbolo da Associação Humanitária dos Voluntários Lisbonenses, e onde se vê a imagem de dois bombeiros lutando com o fogo: «Diploma de Reconhecimento Conferido ao Jornal «Diário de Lisboa» — 12 de Dezembro de 1960».

Vários oradores usaram da palavra e a noite terminou em beleza, com a exaltação da obra dos Voluntários Lisbonenses.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — A's 21.15: «O aventureiro do Oregon» e «Gente da noite» — (12 anos).

QUELUZ — Queluz-Cine — (Não há espectáculo).

CACÉM — Cinema S. João—(Não há espectáculo).

MEM-MARTINS — Cine-Chaby— A's 21.30: «Uma lágrima furtiva» — 12 anos).

SINTRA — Cine-Teatro — (Não há espectáculo). — Carlos Manuel — (Não há espectáculo).

ERICEIRA — Cine-Casino—(Não há espectáculo).

Farmácias de serviço

AMADORA — Campos — R. Elias Garcia, 185-187 — Telef. 930072 — e Flama — R. Elias Garcia, 78-B.

QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 4 — Telef. 950117.

SINTRA — Misericórdia — R. Visconde de Monserrate — Telef. 980391.

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim.

Trucidado pelo comboio

MOGOFORES, 13. — Ao atravessar a passagem de nível desta localidade, foi colhido mortalmente o mendigo João Lopes, de 66 anos, residente na Padralva de Vilarinho.

Diário da DEZASSEIS

prédios novos
não podem ser vendidos
nem alugados!

Procurou-nos um grupo de construtores que pediu ao «Diário de Lisboa» para relatar o seguinte estranho caso, pedindo providências a quem de direito:

Na Estrada Nacional 378-1, no Alto do Brejo, em Paio Pires, existe o Casal de Santo António, importante propriedade que pertence ao sr. Possidónio Gomes. Este sr. vendeu parte dos terrenos do referido casal, com projectos aprovados, livres de todos os encargos, para a construção de dezasseis prédios, que já estão concluidos, alguns deles há quatro meses.

Ao requerer á Camara Municipal do Seixal, em 15 de Abril de 1959, a aprovação dos projectos, o vendedor comprometeu-se a começar a obra dos esgotos quinze dias depois deles serem aprovados. Pois, apesar disso, ainda não iniciou os referidos trabalhos. Daí resulta esta situação paradoxal: os construtores empataram dinheiro na compra dos terrenos e na construção dos prédios, concluiram estes, e não podem vendê-los, nem alugá-los, com enormes prejuizos que para alguns são aflitivos, só porque quem se comprometeu a executar a obra dos esgotos não a fez!

Mais: como as licenças foram passadas em nome do vendedor dos terrenos, torna-se necessário averbá-las em nome dos construtores dos prédios, ao que a Camara, pelo menos no que se refere a uma parte deles, se recusa, alegando que o faz para obrigar o sr. Possidónio Gomes a fazer os esgotos.

Pergunta-se: tratando-se de um proprietário importante do concelho, não se justifica que a Camara Municipal mande executar a obra e lhe apresente a conta?

OUTRA BANDA

Delegação no Seixal
do Banco Nacional Ultramarino

O Seixal tem agora uma delegação do Banco Nacional Ultramarino. À inauguração da nova dependência bancária assistiu o administrador do Banco, sr. Gastão Bessone Basto.

Cinemas

ALMADA — Incrivel Almadense — A's 21.15 horas: «Otelo» — (17 anos). — Academia — A's 21.15: «O capitão Paulo Jones» — 12 anos).

COSTA DA CAPARICA — Cine-Copacabana — (Não há espectáculo).

BARREIRO — Teatro-Cine — A's 21.15: «No ultimo instante» e «Ruas sombrias» — (17 anos).

AMORA — Cine-Teatro — (Não há espectáculo).

MONTIJO — Cine-Teatro — A's 21.15: «O sobe e desce» e «O caminho do Paraíso» — (12 anos).

PINHAL NOVO — Soc. Filarmónica — (Não há espectáculo).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos Costa, 10 — Telef. 034137.

ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, 1 — Telef. 070271.

BARREIRO — Soares — Av. da Republica, 1 — Telef. 023023.

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro, 62 — Telef. 070121.

MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16 — Telef. 039029.

MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques.

SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 — Telef. 029028.

SETUBAL — Oliveira — R. da Misericórdia, 10 — Telef. 22488.

(Nas localidades onde há uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

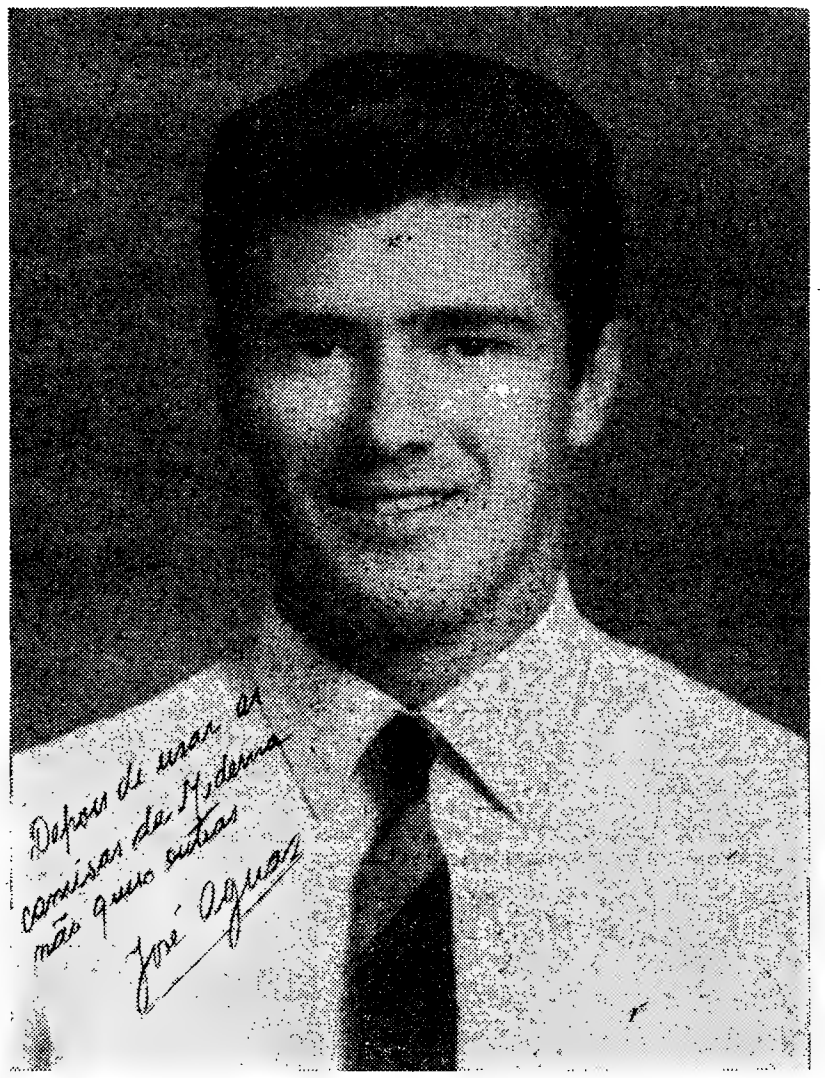
A Liga dos Combatentes
e as afirmações feitas
na Câmara dos Comuns
ao nosso Exército

Assinado pelo sr. general Afonso Botelho, presidente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, recebemos o seguinte ofício:

«A Liga dos Combatentes, perante a incorrecta e desonesta atitude que tomou no Parlamento inglês o deputado Leslie Plummer, julga que se estará em presença de um irresponsável na matéria em causa.

Contudo, animada do mesmo sentimento patriótico com que tem enfrentado personalidades de superior categoria, quer em lamentáveis acessos de despeito mal contido, quer em transes de insensatez política, proclama a sua enérgica repulsa pela desregrada e grave atitude daquele deputado dentro da Camara dos Comuns, de tão velho prestígio.

É-lhe gratissimo e reconfortante, neste ensejo, relevar e agradecer as provas de solidariedade de velha camaradagem de combate, que vem recebendo, destacando sensibilizada, as que provêm da delegação em Portugal da heróica «British Legion»



DEPOIS DE USAR AS CAMISAS DA MODERNA, NÃO QUERO OUTRAS

JOSÉ ÁGUAS

Surgiu um novo Colarinho!

Veja o aspecto de engomado permanente e de elegância do novo colarinho das nossas camisas,

com esticador invisível

resistente ao lavar e passar a ferro, não estraga as pontas dos colarinhos nem o peito das camisas, dando-lhe maior duração

NAS MELHORES POPELINES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

PREÇOS: 110.00 130.00 150.00 180.00 220.00

CAMISARIA

MODERNA

ROSSIO, 110

Enviam-se amostras pelo correio

A independência das colónias
não deve ser retardada *sob qualquer pretexto* — declara uma moção da UNESCO

PARIS, 13. — Uma moção «a favor do acesso dos países e povos coloniais á independência», foi aprovada, sem oposição, pela conferência geral da U. N. E. S. C. O. (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que se encontra reunida nesta capital.

A Grã-Bretanha, França e Canadá abstiveram-se. A moção, tirada de um projecto soviético e emendada no sentido da moderação por delegados dos países ocidentais, africanos, asiáticos e sul-americanos, declara nomeadamente:

«O colonialismo, sob todas as suas formas e em todas as manifestações, deve ser suprimido rápidamente. O acesso á liberdade não deve ser retardado sob o falso pretexto do nível insuficiente de um território, nos domínios económico, social e cultural».

Depois de sublinhar dever a U. N. E. S. C. O. desempenhar um «papel preponderante, contribuindo para a liberdade e independência dos povos coloniais, auxiliando-os no domínio da cultura», a moção lança um apelo aos membros da organização, para que «desenvolvam, com o seu ensino, os princípios de fraternidade e igualdade de direitos, com vista a reforçar a solidariedade internacional, sem qualquer reserva ou restrição, e a liberdade dos povos no seu desenvolvimento económico, social e cultural». O delegado soviético, Lapine, que uma vez mais atacou o colonialismo, afirmou ser a moção insuficiente, visto não fixar a data em que o colonialismo deve terminar e não o codnenar de forma definitiva. — (F. P.).

O MALOGRO DA CONFERENCIA SOBRE AS RODESIAS

LONDRES, 13. — Os presidentes dos partidos nacionalistas africanos da Niassalândia, Rodésias do Norte e do Sul, respectivamente Banda, Kaunda e N'Komo, anunciaram, a noite passada, numa conferência de Imprensa, ser «definitiva» a sua retirada da conferência constitucional acerca do futuro da Federação Rodésias-Niassalandia.

Explicando os motivos da sua decisão, citaram a recusa do Governo da Rodésia do Sul em aumentar o condenar de forma definitiva. — nacionalistas, no futuro parlamento, e sobretudo, «a teimosia dos colonos da Rodésia do Sul em manterem, de qualquer forma, a hegemonia». — (F. P.).

A Rússia
ameaça a Bélgica
a propósito da instalação de bases da Alemanha naquele país

MOSCOVO, 13. — Comentando a próxima instalação de bases militares da Alemanha Ocidental na Bélgica, o jornal do Ministério da Defesa Soviético, «Estrela Vermelha», diz: «Para ocupar o território belga, os militaristas alemães recorreram já duas vezes á agressão. Agora a Alemanha Ocidental está a conseguir esse objectivo em tempo de paz através da «cooperação» na N. A. T. O. Mas isso não tornará a ocupação mais agradável para o povo belga.

«Para a nação ocupada o perigo é mesmo maior. E' fácil de imaginar que as bases alemãs na Bélgica atrairão, em caso de guerra, o fogo dos foguetões daqueles contra os quais eles são dirigidos». — (R.).

Meio milhão de portugueses *residentes no Brasil* vai dirigir às Nações Unidas uma mensagem de protesto

RIO DE JANEIRO, 13. — «Portugal não tem, há já anos, nenhum território ultramarino com a categoria de colónia. A actual constituição portuguesa incorporou todas aquelas unidades como províncias de Portugal» — esta declaração foi feita á «France-Presse» pelo presidente da Federação das Associações Portuguesas no Brasil, Seventino Fernandes da Silva Lajes, que está a organizar no Brasil um movimento de protesto contra o pedido de informações, formulado pela Comissão das Curadorias da O. N. U., acerca do domínio exercido por Portugal nas suas «colónias».

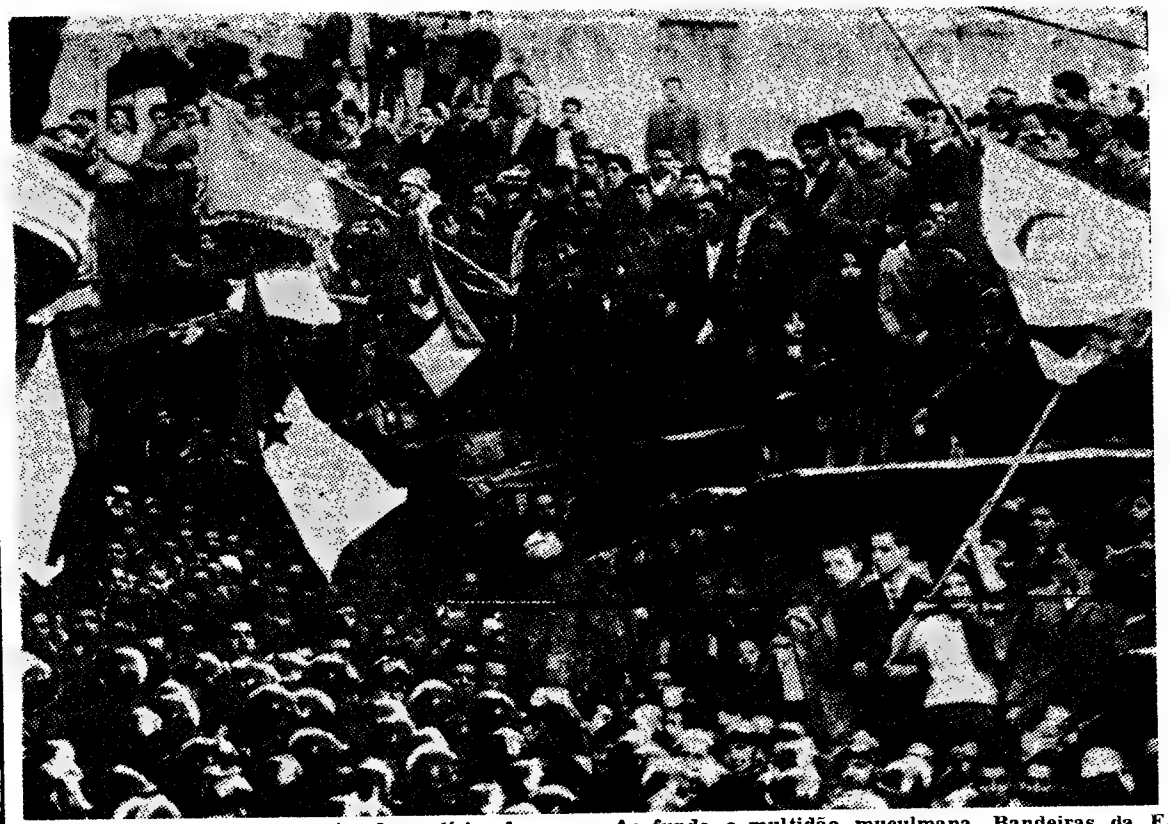
Na opinião do presidente da Federação, meio milhão de Portugueses, com residência no Brasil, assinará uma mensagem de protesto, que será dirigida á O. N. U. por intermédio do embaixador de Portugal, dr. Manuel Rocheta... E acrescentou: «Esse movimento de solidariedade dos Lusitanos residentes no Brasil, faz parte dum movimento que abrange os Portugueses de todo o mundo. Todos os Portugueses, vêem no pedido de informações da O. N. U. «uma absurda e inaceitável ingerência na política interna de Portugal», uma vez que o actual sistema administrativo do seu país não afecta a segurança das nações e que os problemas domésticos de todos os países são de carácter privado. E, concluindo, declarou: «Os Portugueses do Brasil, como aliás os do Mundo inteiro, estão profundamente sentidos com a atitude de um organismo que deveria velar pela instauração dum clima de harmonia no universo e não pela exacerbação de intrigas». — (F. P.).

PETRÓLEO EM TIMOR

DILI (Timor), 13 — Embora em pequena quantidade, foi encontrado, ontem, petróleo de alta qualidade, nas pesquisas petrolíferas que estão a efectuar-se perto da povoação de Matau, na costa sul de Timor. — (A. N. I.).

O melhor cantor do mundo

No próximo dia 22, o melhor cantor do mundo ficará a ser o pregoeiro que cantar o numero premiado com os 12.000 Contos da «sorte grande» do Natal. Prepare-se para ser o beneficiado desse canto maravilhoso, adquirindo, sem demora, bilhetes ou fracções aos balcões da Casa da Sorte, a casa que tem distribuido todos os primeiros prémios das cinco ultimas lotarias extraordinárias, num total de 38.000 Contos.



Em primeiro plano, os capacetes dos polícias franceses. Ao fundo, a multidão muçulmana. Bandeiras da F. L. N. agitam-se sobre o povo africano de Alger, que foi aclamar de Gaulle e bateu-se contra os europeus mais exaltados

Fim da greve geral
e regresso à normalidade em Argel
Europeus de Oran tentaram invadir a Casbah

(Continuação da 1.ª página)

a esta localidade, perto da fronteira com a Tunísia, na ultima etapa da sua visita á Argélia.

Deve visitar vários postos militares, ao longo da barreira electrificada fronteiriça, antes de regressar, ao fim da tarde, a Paris.

A possibilidade de uma visita-relampago a Argel do general de Gaulle, ao regressar a Paris, não foi rejeitada por funcionários franceses que falaram com o presidente, durante a sua permanência em Biskra. Disseram que de Gaulle, que se afirmou estar «muito transtornado» pelos tumultos sangrentos em Argel, poderia decidir falar esta noite, pela Rádio, á Nação — ou durante a sua viagem de regresso a Paris ou durante uma rápida visita ao Palácio de Verão em Argel.

Porém, um informador oficial declarou, a noite passada, em Argel, que uma visita do presidente á cidade estava «excluida». — (R.).

OS COMUNISTAS CONTRA A ARGÉLA ARGELINA

PARIS, 13. — O Partido Comunista francês, numa declaração publicada na primeira página do jornal «L'Humanité», pediu hoje aos «operários, democratas e partidários de uma paz negociada» para desencadearem uma campanha contra os planos do general de Gaulle quanto á Argélia.

A Polícia de Paris apreendeu hoje, pelo segundo dia consecutivo, o jornal progressista «Liberation». O jornal referia, em artigo de fundo, as razões por que foi apreendido ontem. — (R. e F. P.).

VOLTA A NORMALIDADE A ARGEL

ARGEL, 13 — Agreve geral contra a política do general de Gaulle está a findar. Vêem-se bastantes lojas abertas e muitos autocarros nas ruas. Os «trolley-buses», meio popular de transporte, continuam em greve, mas foram substituidos por autocarros. Junto dos motoristas, em geral muçulmanos, vai um soldado armado para os proteger.

A Casbah está calma, continuando postadas ás suas entradas importantes forças do Exército e da Polícia. As barreiras de arame farpado não foram retiradas, mas todos os que desejam ir trabalhar são autorizados a passar.

Helicópteros da Polícia pairam sobre a cidade.

Ainda não eram sete horas, já se notava grande animação nas ruas e vielas da Casbah. Todos os cafés moiros estão abertos. No interior sentados, indolentemente ás mesas, ou de pé, ao balcão, saboreando o café matinal, os Muçulmanos lêem os jornais e comentam os acontecimentos. Em toda a cidade os «graxas» e os vendedores de jornais, entram em todos os cafés, abordam todos os transeuntes.

Em frente da Casbah, diante da catedral de Argel, as forças da manutenção da ordem continuam a postos. Na Praça do Governo, há muitos veículos parados. A circulação é alvo de rigorosa vigilancia. Os transeuntes são vigiados. Há verificações de identidade.

Mais tarde, alguns comerciantes começaram a receber chamadas telefónicas de pessoas que se intitulavam membros da Frente da Argélia Francesa e que ordenavam de novo, o encerramento dos estabelecimentos.

Entretanto, os jornais de Argel manifestavam o seu pesar, pelas manifestações, publicando as respectivas notícias — a pedido da Censura — nas páginas interiores.

No porto, 2500 trabalhadores apresentaram-se ao trabalho e calcula-se que até ao meio-dia o numero suba para quatro mil.

Por outro, lado os ferroviários, os primeiros que obedeceram ao apelo de greve, retomam igualmente as suas actividades, tendo já regressado ao trabalho uns 75 por cento, embora seja impossível cumprir os horários. Aproximadamente igual percentagem de funcionários publicos voltaram também ás repartições.

O director da Informação do Governo-Geral, anunciou hoje «um recomeço geral da actividade económica».

As escolas estão ainda fechadas, mas espera-se que abram amanhã. Não se registaram manifestações durante a noite, tanto no bairro muçulmano como no europeu. — (R., F. P. e A. N. I.).

COMBATE EM ORÃO ENTRE EUROPEUS E A POLÍCIA

ORÃO, 13—Registou-se, esta manhã, um choque entre a Polícia e cerca de dois mil jovens manifestantes europeus, os quais tentavam alcançar a Casbah desta cidade. A Polícia utilizou gases lacrimogeneos e granadas especiais para dispersar os manifestantes, que se reagruparam em pequenos grupos.

O comandante militar da região fez ontem, em vão, um apelo a todos os habitantes, Europeus ou Muçulmanos, para que regressassem hoje ao trabalho. A greve geral é quase total.

Desde que amanheceu, nos bairros muçulmanos da periferia e na Vila Nova, nota-se a mesma agitação de ontem. Na estrada da Senia, formou-se um importante cortejo para acompanhar ao cemitério os restos mortais de dois muçulmanos mortos ontem. — (F. P. e R.).

AGÊNCIA FIAT

Sociedade Comercial António Casquilho, S. A. R. L.

EXPÕE DAS 9 ÀS 24 HORAS

DOIS MODELOS FIAT MELHORADOS

FIAT 600 D

5 lugares

767 cc. — 29 CV — 110 kms/h

Consumo 6 litros aos 100 kms.

Arranque por chave de contacto com electromagneto

Novo filtro centrífugo de óleo

Deflectores nos vidros dianteiros

Um modelo com mais de UM MILHÃO de unidades fabricadas até hoje

JARDINEIRA 500

4 lugares

499,5 cc — 17,5 CV — 95 kms/h

Consumo 5 litros aos 100 kms.

O pequeno carro para duplo uso, pessoas e mercadorias.

Carga 200 kgs.

Exposição: **Av. de Roma, 31-A-B-C — Telef. 77 81 66/7/8**

LOTARIA DO NATAL
12 000 CONTOS
CAMPIÃO

Rua do Amparo, 2 — Lisboa

ENSOPADO DE ENGUIAS

Famoso prato do RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS

TEATRO
teatro+cinema+rádio+televisão

MÁRIO HENRIQUE LEIRIA:

"Cinema, Espaço e Tempo"

um ciclo de sessões de filmes de ficção científica como resposta ao interesse do público

Mário Henrique Leiria é um dos teimosos pioneiros da ficção científica em Portugal. Tem insistido, teimado, traduzido, escolhido. Entre as suas várias actividades, sobra-lhe sempre tempo para continuar a interessar-se por aquilo a que chama uma «futura literatura maior». E' um dos organizadores de «Cinema, Espaço e Tempo», ciclo de filmes de ficção científica que se inicia depois de amanhã, no Monumental.

MÁRIO HENRIQUE LEIRIA

O «suspense» e a ficção científica

— Crê que a ficção científica é ou pode vir a ser um bom campo de exploração cinematográfica?

— A ficção científica é um dos mais vastos campos da literatura, senão o mais vasto, em que a transposição para o cinema poderá resultar integralmente. E não me refiro aqui apenas aos efeitos de trucagem — faceta quase ilimitada no cinema de F. C. — mas também, e principalmente, ao conteúdo que um filme de ficção científica pode possuir. Está a ver; todos os problemas podem ser levantados: contactos com outras raças, estigmatização da guerra, crítica e análise de várias obsessões psicológicas e sociológicas do presente e, até, possibilidade da simples e gratuita aventura. Estou imaginando o que seria o grande «Fahrenheit 451» de Ray Bradbury posto sèriamente no cinema. Poderíamos ter aí um dos maiores filmes de todos os tempos, não só pela força da sua ironia e crítica como também pela enorme margem que o romance proporcionaria a um bom realizador para nos apresentar uma obra-prima do cinema de *suspense*. Aliás, quanto a mim, *suspense* é exactamente a base do cinema de ficção científica. A própria técnica cinematográfica usada nesse tipo de filmes, é, por si só, uma exploração do *suspense*; é claro que, quando digo isto, estou pensando no melhor cinema de F. C. e não nos 24 episódios do «Planeta Destruidor» ou do «Dragão de Fogo (diga-se de passagem, e entre parêntesis, que mesmo esses intermináveis filmes em série tiveram a sua utilidade como pioneiros do género e até um certo encanto ingénuo que recordo com alguma saudade carinhosa).

Obras-primas do género

— Acha portanto que há filmes de F. C. que poderiam ser comparados com os melhores filmes de outro tipo?

— Evidentemente. Por exemplo: «O dia em que a Terra parou» e «Godzilla» de Inoshiro Honda. Também em «S. O. S. Metaluna» encontrei por vezes bom cinema e alguns momentos que não deixaram de me fazer recordar Georges Méliès. E um filme de que não me recordo o nome português, pois não o vi cá. O seu nome era, se não estou em erro, «Them» e baseava-se num argumento de Bradbury. Excepcional filme sob todos os pontos de vista, até mesmo na validade da mensagem, se quisermos usar este termo pomposo. Outro filme que me pareceu também excepcional foi «O planeta proibido».

— Sabemos que é um dos organizadores de «Cinema, Espaço e Tempo», ciclo de sessões de cinema de ficção científica.

Os primeiros programas

— Estou de facto organizando, de acordo com um amigo, sessões de cinema de ficção científica no Monumental. Esperamos começar depois de amanhã, ás 19 horas, com a «Invasão dos discos voadores», de Fred Sears, e continuar, todas as 5.as feiras, com os dois japoneses de Inoshiro Honda, «Rodan» e «Monstros do espaço» e o americano «O Octopus». Isto para já. Na continuação desses programas temos convidados alguns dos nossos escritores, críticos, artistas, cineastas e jornalistas, para um pequeno comentário. Assim, por exemplo, contamos em princípio com Urbano Tavares Rodrigues, David Mourão Ferreira, Corregedor da Fonseca (Filho), José Carlos de Andrade, Carlos Wallenstein, José Estêvão Sasportes, Luís Jardim, etc., que dirão ás pessoas algumas coisas que, creio, valerão a pena ser ouvidas e ilustrarão os variados pontos de vista da gente que pensa acerca da F. C.

O público e a F. C.

— Pensa que a literatura de ficção científica e as suas consequências cinematográficas estão destinadas a ter uma futura aceitação do grande publico?

— A resposta poderá, evidentemente, ser considerada um pouco suspeita. Sou, como você sabe, aquilo a que os Franceses chamam um *mordru* da F. C. e, como tal, tenho uma opinião que é consequência desse facto. No entanto, e o mais objectivamente que me é possível, respondo-lhe que essa aceitação depende de vários factores. O primeiro é, evidentemente, o ambiente; num mundo em que a tecnologia é elemento preponderante, é fatal que um tipo de literatura em que a mesma serve de pano de fundo, tenha de, dia a dia e cada vez mais, atingir as várias camadas que, até então, tinham andado divorciadas do progresso da humanidade. O segundo é um factor de qualidade; na F. C., como em todas as formas literárias, há muito, muitíssimo para pôr de parte, mas o que sobra é suficiente para a colocar a par de qualquer bom romance de qualquer *escola;* isto fará, sem duvida, com que os interessados procurem tomar um mais sério contacto com a literatura de F. C. Há mais factores, tais como o ambiente e problemas sociais do leitor, assim como a sua necessidade de conhecimento ou de libertação; todos eles são de considerar. Quanto á parte cinematográfica, creio que estamos ainda no embrião do cinema de F. C. O realmente bom é ainda pouco, o pouco que tentaremos reunir em «Cinema, Espaço e Tempo», mas as experiências válidas são já suficientes para nos permitirem acreditar que haverá — e já há algumas — obras-primas de cinema tendo como base a F. C.

O cinema fantástico

— Ainda uma ultima pergunta. Pensa limitar-se á F. C. nas suas sessões de cinema experimental, ou abordará outros temas?

— Bem, a verdade é que pensamos apresentar também os clássicos do cinema fantástico, se nos for possível. Assim, gostariamos de poder mostrar ás pessoas o primeiro «Frankenstein», de James Whale, «Nosperatu», de Murnau, «O Golem», de M. Fric, etc. Tudo isto está no programa. Veremos se conseguimos atingi-lo.

FICÇÃO CIENTÍFICA

LIVROS QUE SE RECOMENDAM

de **RAY BRADBURY:**
O Mundo Marciano, O Homem Ilustrado, Fahrenheit 451

de **A. E. VAN VOGT:**
Missão Interplanetária, Slan, Xadrez Cósmico

de **ROBERT HEINLEIN:**
O Homem que Vendeu a Lua, A Sexta Coluna, Gerações do Amanhã, Estrela Dupla.

de **B. CURT SIODMAK:**
O Cérebro de Donovan

de **ARTHUR C. CLARKE:**
A Idade do Ouro

de **FREDRIC BROWN:**
Loucura no Universo, Os Marcianos Divertem-se.

de **CLIFFORD D. SIMAK:**
Guerra no Tempo, Mundos Simultâneos

de **C. M. KORNBLUTH:**
O Síndico

de **RICHARD MATHESON:**
Mundo de Vampiros

de **ISAAC ASIMOV!**
As Correntes do Espaço, As Cavernas de Aço, Futuro do Mundo

12$50 CADA VOLUME — LIVROS DO BRASIL

Charles Aznavour em «Mata se o pianista»

Cinema de Paris

por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

MATE-SE O PIANISTA!

François Truffaut, realizador de «Tirez sur le pianiste», gora estreado, foi um dos mais aguerridos críticos que prepararam o advento da chamada «Novelle Vague» dos realizadores franceses, e o seu primeiro filme, «Les 400 coups», juntamente com «A bout de souffle», do jovem Godard, constitui uma das melhores afirmações da «existência», isto é, da necessidade histórica e da qualidade estética, da sua geração.

Filme auto-biográfico, nisso se facilitava ele porém, e algumas duvidas podia deixar sobre o que viesse depois — ou algumas esperanças nos seus detractores, toda esta triste crítica bem-pensante da burguesia francesa, conservadora como tudo, e saudosa da tranquilidada passada. «Tirez sur le pianiste», de certo modo, é como quem diz: atire-se aos críticos, ao publico... Ao publico, assás desorientado por um filme que é e não é, que parece o que não é, e que parece, também, o que é...

«Tirez sur le pianiste», é um filme absurdo — um filme do «absurdo». Um esquema burguês de grande artista chegado á glória pelos favores da esposa e um empresário poderoso, e dos remorsos desta, e do seu suícidio, e dos remorsos, depois, do marido que não soube perdoar e tudo abandona, caindo no anonimato de pianista de baile popular. Um esquema policial, de bandos rivais, com perseguições, tiros e raptos, na noite parisiense. Um acidente fatal, também com morte de homem. A inocência agravada. Uma vizinha de patamar, profissional de encantos e boa rapariga. Muita neve no fim numa paisagem ideal, de beleza assegurada. Delannoy, se não Berthomieu, «serie noire», Cayatte ou Ciampi, Moguy, Carné, outra vez Dellannoy — todos eles são recordados propositadamente, subtilmente parodiados, com uma veia cruel e infatigável.

Para além disso, porém, corre o sentido do filme. Através de toda esta fingida trapalhada romanesca e ingénua, num contraponto de sentimentalismo e de burlesco vivissimo, passa a figura do herói, do pianista, que Aznavour interpreta, como um sonambulo. Tudo quanto lhe acontece é absurdo, é uma espécie de sonho que vem ter com ele, sentado ao seu piano miserável, e que o deixa ao fim de tudo, sentado ao mesmo piano. Um sonho? Fácil era que assim fosse... O que poderia ser um sonho, sossegando, em receita feita, a plateia desnorteada, é porém o próprio real. Ou não é, mas como se o fosse...

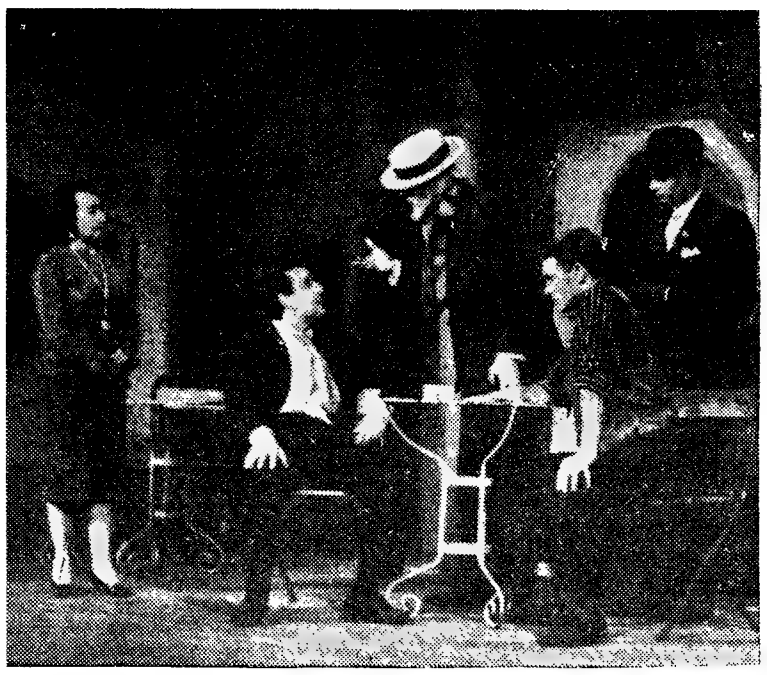
Filme de aflição, escrito com uma admirável inteligência cinematográfica, burlesco que se recusa a sê-lo, «Tirez sur le pianiste» dá-nos a mais funda e activa imagem de humor, radicalmente antilírica, do absurdo contemporaneo. Um filme insólido ímpar. E se esta crónica fosse maior, ou acabaria certamente por lhe chamar obra-prima...

J.-A. FRANÇA

UM RINOCERONTE EM LISBOA

ou o regresso de Ionesco

Vem agora de novo a Lisboa a anos por António Pedro. Mantendo te, o TEP traz agora «O Rinoceron- Companhia do Teatro Experimen- a tradição dum reportório exigen- autores teatrais modernos, com tal do Porto que é dirigida há oito te, o TEP traz agora «0 Rinoceron- que inaugurou a sua temporada há um mês.



«O Rinoceronte», na encenação de António Pedro, para o Teatro Experimental do Porto: em cena, Nita Mercedes, Vasco de Lima Couto (no protagonista), Mário Jacques, Pedro Santos e Oliveira Santos. Cenário de A. Baganha

Em cena em Paris, com Jean Louis Barrauld que a encenou e faz o protagonista, e em Londres, desempenhada por Laurence Olivier e encenada por Orson Wells, esta peça tem provocado em todo o Mundo a maior curiosidade e as maiores controvérsias. O êxito que obteve no Porto levou Vasco Morgado a chamar a Companhia nortenha a Lisboa, onde tantos e tão justos êxitos tem já obtido desde que apresentou no antigo Apolo a versão portuguesa da «Morte dum Caixeiro Viajante» de Arthur Miller.

Hoje no Teatro Avenida estreia-se «O Rinoceronte» que está no cartaz apenas uma semana, pois não é possível á Companhia do TEP, subsidiada pelo Fundo de Teatro manter-se muitos dias afastada da sua cidade, durante a época teatral.

A encenação, diferente das de Londres e Paris, bem como a tradução e apraptação são de António Pedro. No desempenho intervêm Vasco de Lima Couto, no protagonista, João Guedes, Alda Rodrigues, Fernanda Gonçalves, Nita Mercedes, Oliveira Santos, na sua estreia como profissional depois de terminado este ano o seu curso do Conservatório. Madalena Braga, José Brás, Pedro Santos e Mário Jacques. Os cenários são de A. Baganha.

Uma imagem de «X, Y, Z», de Philip Lifchitz, prémio da crítica internacional no Festival de Tours

O Festival de Tours

por VASCO GRANJA

Mais de vinte países participaram nas Jornadas Internacionais do Filme de Curta-Metragem, que se efectuaram em Tours, de 1 a 5 de Dezembro. Foram inscritos sessenta filmes, tendo sido apresentadas trinta películas fora do Festival, em sessões particularmente destinadas a produtores, realizadores e críticos.

No Festival deste ano, o sexto que se efectua consecutivamente, a expectativa do publico foi dominada pela mediocridade dos filmes em competição que, ao contrário dos Festivais anteriores, não contribuiram para conhecer melhor a produção internacional de curtas-metragens.

O Juri, composto por Pierre Schaeffer, Louise de Vilmorin, Edouard Geoerg, Jacques-Bernard, Jacques Ledoux, atribuiu o Grande Prémio, uma linda estatueta de Max Ernst, ao filme do realizador francês Jean Herman «Actua-Tilt», no qual o autor, através de uma hábil montagem paralela, consegue exprimir a ansiedade do homem perante a conquista do espaço cósmico. Os críticos presentes ofereceram o seu prémio a «X. Y. Z.» do francês Philippe Lifchitz, ensaio poético sobre o absurdo da existência quotidiana. Menções especiais receberam os filmes «Os Musicos», do polaco K. Karabasz, curioso documentário sobre uma orquestra sinfónica constituída por operários de uma fábrica; «La Petite Cuiellère», também de um cineasta francês, Carlos Vilardebo, com belas imagens relacionando a arte egípcia de gravar metal com certas formas do nu feminino; «Luciano», de Vittorio Baldi (Itália), pequeno filme de enredo descrevendo as aventuras de um gatuno elegante romano; «Thaumetopoe», de Robert Enrico (também apresentado pela França, que decididamente dominou o Festival), relata a vida e a morte dos gusanos processionários, animais de costumes esquisitos e cuja luta por sobreviver provoca momentos de angustia no espectador, como se se tratasse de um filme de «suspense».

De uma centena de filmes, poucos foram os que contribuíram para abrir caminhos novos num género de produção cinematográfica que se estende sobre um vasto domínio dos conhecimentos humanos, tanto pelo carácter atractivo que exerce sobre o espectador interessado, como pelo nível cultural que lhe é inerente. Esperemos que o próximo Festival reencontre o clima característico desta manifestação — a competição amigável das diversas tendências internacionais do filme de curta-metragem.

****

GIULIETTA MASINA

vai encarnar

a padroeira dos emigrantes

ROMA, 13 — Giulieta Masina será Francesca Gabrini num filme que contará a vida da padroeira dos emigrantes, canonizada em 1946.

O filme será realizado pela produtora Federiz, de Rizzoli e Fellini. — (A. N. I.).

****

ROSSELINI

INSPIRA-SE

em Stendhal

ROMA, 13. — O realizador Roberto Rossellini iniciou as filmagens de «Vanina Vanini», com Sandra Milo e Laurent Terzieff nos principais papéis.

A película baseia-se num conto de Stendhal. — (A. N. I.).

Retrato de uma bailarina moderna

ANNE SENDREZ

Não será fácil definir a arte exemplar de Anne Sandrez. No entanto, e, apesar disso, talvez se imponha uma apresentação desta jovem artista francesa, pois embora haja entre nós um grande entusiasmo pela dança, poucas são as pessoas dadas a reflectir sobre os problemas desta arte e raras são as ocasiões em que tal se proporciona. E porque Anne Sendrez trilha um caminho que é dos menos seguidos, necessário se torna falar da originalidade dos seus conceitos e da validade das suas realizações.

Logo com a primeira dança, a magnífica coreografia para um coral de Bach dos Sakharoff, mestres de Anne Sendrez, se entenderá que a bailarina escolheu para se exprimir não a gramática restritiva da dança clássica, mas sim uma linguagem constantemente renovada. Para muitos, esta escolha, esta procura de novas perspectivas, será até uma roptura com o «ballet» e uma condenação dos seus princípios. Mas Anne Sendrez, que possui todo o curso do Conservatório de Paris, não se desloca a Itália atraída pelo prestígio dos Sakharoff, pelo simples desejo de cortar com uma tradição ou até hostilizá-la. Outras razões mais íntimas e também mais imperiosas a levaram ao encontro de um estilo de dança que pretende que esta seja realmente a aventura do corpo humano que se busca no espaço para uma definição da sua própria existência.

A dança clássica dá como conhecidas todas as possibilidades do corpo humano e joga apenas com a capacidade de concatenação dessas possibilidades. Ora, desde logo, Anne Sendrez sentiu a necessidade de procurar uma realização mais completa do que aquela que as coordenadas do «ballet» lhe ofereciam. Considerando a limitação de todos os sistemas, procurou um acerto entre a sua sensibilidade, a urgência de a revelar e o instrumento através do qual se ia exprimir. Assim, para Anne Sendrez, e apesar de uma humildade absoluta, trata-se de tudo reinventar para uso próprio, sem contudo fazer tábua rasa do que antes dela se tentara nesta verificação completa do corpo humano como objecto de arte.

À musica se ligou mais particularmente Anne Sendrez, pois as experiências dos Sakharoff, com as suas tentativas de uma total plasticização da arte dos sons, lhe haviam demonstrado que o potencial espaço-tempo e, portanto, cinético, encerrado na musica, é susceptível de uma libertação pelo acto da dança.

Anne Sendrez sabia, no entanto, que ao contrário do que propusera Isadora Duncan, profeta de todos os movimentos de renovo da dança, nem tudo pode coreografar e nem toda a musica é transformável em movimento. Não procurou sequer desprezar a dança, tornando-a uma inutil ilustração da musica.

Para Anne Sendrez, a dança será «um gesto que se torna musica», e, daí, o nós assistirmos, particularmente, nas peças com musica de seu marido, ao fenómeno do movimento que, começando por desenhar-se no silêncio, logo se projecta em linhas sonoras que solicitam o aparecimento da musica. Outras vezes, muito naturalmente, é a musica que se continua em gesto. Em qualquer dos casos, temos sempre a criação de um clima audio-visual que torna a dança e a musica inseparáveis.

Mas, além de ter trabalhado com os Sakharoff, Anne Sendrez conheceu também de perto Kurt Jooss e Maurice Béjart. E, das circunstancias das suas relações com aqueles dois coreógrafos, podemos tirar alguns dos elementos definidores da síntese que traçará a personalidade de Anne Sendrez.

Demasiado jovem para ter conhecido a companhia de Jooss (que teve o seu apogeu nos anos anteriores á segunda guerra mundial e com o começo dela práticamente se extinguiu), Anne Sendrez teve um contacto com o autor da «Mesa Verde» que pode dizer-se foi ainda mais íntimo do que se tivesse visto dançar as suas obras. Em Paris, há poucos anos, Kurt Jooss regeu um curso destinado a uma pequena elite de artistas particularmente dotados. Neste curso, analisou de forma sistemática as suas obras mais representativas e explanou os seus princípios criadores. Anne Sendrez foi uma das suas alunas mais atentas.

E como Jooss foi um dos mais sólidos obreiros do prestígio do expressionismo, os seus princípios não podiam deixar de estar ligados áquela corrente. Tratava-se de libertar a dança dos cânones do ensinamento clássico para a tornar uma arte expressiva, opondo á abstracção estilística do «ballet» a necessidade de uma estética com fundamento dramático. E, para isto, era preciso que o corpo que dança fosse mais que um simples instrumento de virtuosismo, mais que a busca de uma perfeição ilusória. Era preciso que o corpo ganhasse a sua realidade humana. E, assim, a dança se tornou uma verdadeira arte do espaço, com gravidade e tudo. Onde outrora se harmonizavam planos sobrepostos numa estratificação mais ou menos hábil, surgia agora um jogo de volumes poderosos e reais!

E' claro, que cedo os revolucionários se tornaram tão escolásticos como os académicos contra quem combatiam, criando rígidos princípios que vinham voltar a impedir a aspiração inicial de encontrar uma arte de completo desenvolvimento do corpo humano. No entanto, a lição de que o corpo humano é um instrumento de possibilidades inesgotáveis ficou como uma aquisição definitiva.

Foi essa lição e a consciência da realidade teatral da dança de arte que Anne Sendrez captou do seu estudo com Jooss.

Para Anne Sendrez, a dança é um monólogo em que o elemento poético é gerado no encontro já referido do movimento e da musica. E a consciência da condição dramática, portanto, teatral da dança, não a leva á procura de simples qualidades espectaculares, ás quais até se opõe. E o sentido desta reacção aparece bem evidente em comparação com a obra de Maurice Béjart, para quem um certo barroquismo cénico surge como o melhor ideal para a definição de um estilo de dança moderna.

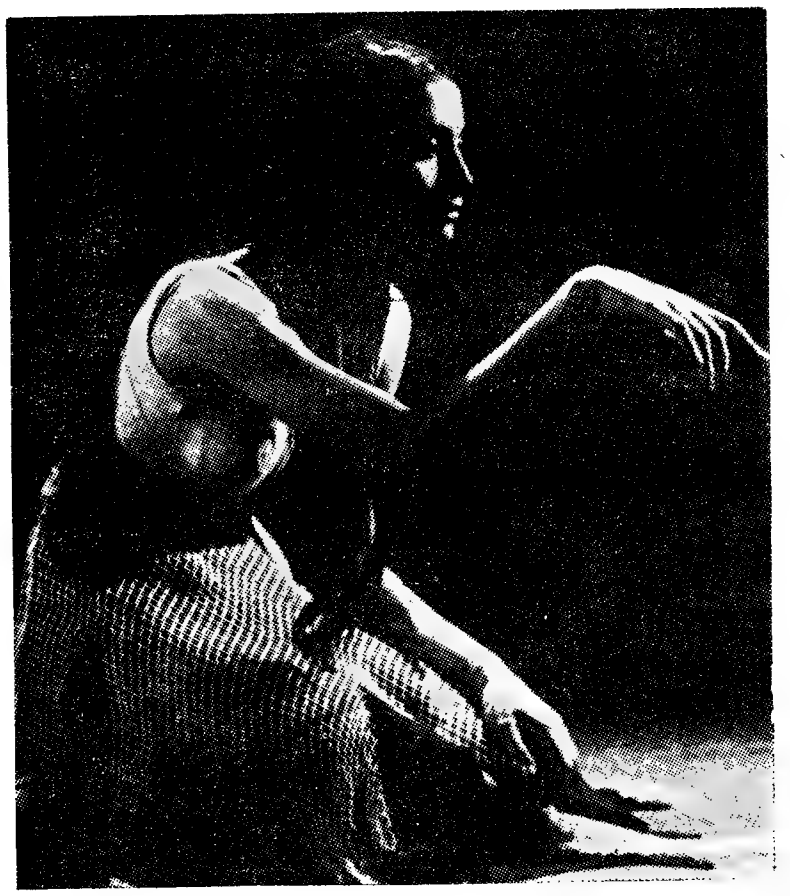
E' esta diferença de conceitos que impede uma colaboração que chegou a ser projectada entre os dois artistas. Conhecedor do excepcional talento de Anne Sendrez, Maurice Béjart viu desde logo que não a podia integrar na sua companhia, mas entendeu a validade da sua arte e propôs-lhe a coreografia de um bailado para o seu grupo.

Chegamos ao limiar de uma definição que só ganhará realidade para os que já viram dançar Anne Sendrez. Então sabe-se que a magnífica elegancia do seu corpo eloquentemente dominado é produto de uma experimentação atenta do significado de cada gesto, na procura imensa de criar como que um alfabeto do corpo humano. E todas as partes desse corpo se harmonizam de forma surpreendente na evolução global de cada obra. O mais pequeno movimento de mão, um simples ondular de cabeça, são geradores de um ritmo que se sente melhor do que se analisa.

Em cada dança, Anne Sendrez representa integralmente todo o acto da criação artística e revela com singeleza o mais grave dos segredos. Quer se trate de uma pura coreografia sobre um tema musical ou de um perfil dramático sobre uma ideia vaga que a dança concretiza, temos sempre a impressão de estar na presença de uma artista que, como os grandes criadores, não se envergonha das suas inquietações, dos seus desanimos, dos seus esboços e pode, por isso, orgulhar-se das suas realizações. Podemos não nos deixar prender pelo seu estilo, mas é impossível resistir á sinceridade da sua arte.

Que seja possível ao publico português continuar a acompanhar a evolução de Anne Sendrez na busca de formas e ideias sempre renovadas é o que agora mais podemos desejar. E isto com a certeza do proveitoso prazer que todos teremos na narrativa das suas aventuras no mundo da dança, em que promete transformar-se sempre cada um dos seus recitais.

JOSÉ ESTEVÃO SASPORTES



Anne Sendrez em «Racines».

ENCONTRO COM O JAZZ

Para onde vai o Jazz

de RAUL CALADO

O estilo polifónico de Nova-Orleans ocupou os primeiros 30 anos do «Jazz». Baseado numa concepção harmónica extremamente simples, com um ritmo sincopado muito excitante e directo, as linhas melódicas entrecruzavam-se através dos improvisos do trompete, do trombone e do clarinete.

Cerca de 1926 começa a brilhar a estrela do grande Louis Armstrong, que inauguraria uma forma diferente para o «Jazz» — a de um unico solista improvisando sobre as harmonias de um dado tema, mas parafraseando a melodia. Durante 20 anos o «Jazz» passou a ser concebido á imagem e semelhança de Louis. A base rítmico-harmónica pouco evoluiu, a concepção do fraseado, qualquer que seja o instrumento que consideremos, foi decalcada da «maneira armstronguiana».

Só cerca de 1945 começam a afirmar-se alguns musicos que viriam revolucionar novamente o mundo musical do «Jazz». Foi a época de Charlie Parker (o mais importante) e dos seus parceiros (Kenny Clarke, Dizzy Gillespie, Bud Powell, Max Roach, Fats Navarro, Monk — o dos primeiros tempos). A musica desses homens, chame-se-lhe «bop», «moderno», «cool» ou qualquer outro termo, seria a determinante dos 15 anos seguintes — seria afinal a concepção do que chamamos «contemporaneo». A uma maior complexidade rítmico-harmónica, correspondia uma técnica de improviso sobre a harmonia e não sobre a melodia, o que tornava os solos algo de tão diferente dos temas originais, que estes só eram reconhecíveis por um conhecedor de musica, ou por um ouvido harmónico treinado.

O «bop», que inicialmente foi muito mal recebido por todos os amadores, mas adoptado por todos os musicos jovens, viria a dominar totalmente o «Jazz» actual. E o «Jazz» actual parece atravessar um impasse. Todos os amadores têm a «percepção» de que algo está para suceder. No mundo vertiginoso do «Jazz», que é afinal o nosso mundo vertiginoso, 15 anos é muito tempo. A evolução, que continuamente se está a processar, embora de forma imperceptível, começa agora a indicar a proximidade de um salto brusco e inevitável.

John Lewis e Horace Silver, que conseguiram o estilo «funky», aplicando o «Jazz» moderno ao estilo dos velhos «blues» e «spirituals», tiveram numerosos discípulos, mas não parecem capazes de abrir nova estrada á musica dos negro-americanos. O seu papel consistiu antes num interessante «retorno ás origens».

John Coltrane e Thelonius Monk, enveredando pelo caminho da dissonancia e da originalidade, que alguns consideram algo forçada, também não serão os mestres do futuro. Coltrane parece mesmo por vezes um tanto ultrapassado pelos acontecimentos, substituindo a inspiração por uma «tempestade» de virtuosismo e por uma espécie de exercícios de técnica. Monk, embora solitário na sua musica, exibe outra dignidade artística.

Talvez mais interessantes as experiências de Ornette Coleman e Charlie Mingus. Ornette, perante o qual confessamos ter certa dificuldade em assimilar a linguagem, pelo menos por enquanto, mostra no seu saxofone uma independência quase total de tudo o que conhecíamos anteriormente. Nada de Armstrong, muito pouco de Parker, portanto algo de novo e diferente.

Mingus é mais acessível, porque mais dentro da tradição «negra» do «Jazz». O que não pretende significar menos original. A sua musica é quase polifónica, concebida num estilo pergunta-resposta, já recordada no estilo «funky». Julgamos que Mingus tenta a transcrição de algo de verdadeiramente popular — a musica sacra das igrejas negras dos E. U. A. Não dos «spirituals» do passado, mas dos canticos da actualidade. A sua orquestra é como a congregação de um qualquer reverendo, com vozes ásperas, falsetes, gritos, mas simultaneamente um sentido harmónico impecável, como é típico do homem de cor. Mingus trabalha em termos de «Jazz», um material em bruto de espantosa beleza e fervor.

Não cabe, como é óbvio, ao amador europeu, como não cabe ao crítico, indicar ou descobrir o futuro do «Jazz». Só os «jazzmen» poderão escolher a direcção que parece coerente com a mensagem que tenham a transmitir. Assim vem sucedendo em mais de meio século de evolução «jazzística».

Mas de qualquer forma, qualquer que seja o caminho do «Jazz» de amanhã, uma ideia não estará muito longe da realidade — a de que, neste momento, o novo Messias já terá aparecido, algures em Harlem, Detroit ou Filadélfia. Quando o conheceremos na Europa?

NOTA — Continuando a ligar a teoria e a realidade musical, mais duas sessões fonográficas de «Jazz». Amanhã, ás 11 horas, na Associação de Estudantes de Económicas; na sexta-feira, na A. E. do Técnico, ás 18 e 30, o C. U. J. realiza mais duas audições comentadas. Entrada livre.

ASSASSINIO EM SUSTENIDO

Por MACK REYNOLDS

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR — Jeff Knight vai a casa de Whiteley, com a noiva e o irmão desta, para investigarem um caso de roubo. Ao entrarem na residência do milionário vão encontrá-lo morto.

FOLHETIM SEMANAL

do Diário de Lisbôa

6

CAPÍTULO II

Agarrei o Manfredo pelo braço e atirei-o para o vestíbulo. Gostaria de lhe ter dado um valente puxão de orelhas, mas isso seria dizer adeus a Judy.

Judy estava quase a desfazer-se em lágrimas.

— Jeff Knight — fungou ela — nunca mais me levarás contigo a jantar fora. Vê lá tu no que nos meteste. Quero dizer, pensa na fatalidade.

Manfredo olhou-a friamente.

— Está calada, Judy. Isto é uma situação única. Começo a aceitar o teu conhecimento com Knight. Possibilidades muito interessantes.

Ela pestanejou.

— Fa... falas a sé... sério ?

— Definitivamente.

Lancei ao rapazito um olhar de conciliação.

— Bom, vocês dois «pirem-se» daqui para fora.

— De forma alguma—disse Manfredo. A acção evidente a tomar é seguir imediatamente para o museu. Está ali o vértice do assunto ..

Mas eu atalhei com firmeza :

— Nem pense nisso ! Tal como a situação se apresenta, por muito feliz me poderei dar, se continuar nas boas graças do inspector Priestley. Mas enterrar-vos mais neste caso, nunca !

Assim, telefonei para a Polícia, contei a história a Priestley e desliguei antes que ele me desse ordem para ficar.

Judy Armstrong, aquele seu irmão obnóxio e eu, corremos para a porta da rua, descemos as escadas de pedra e enfiámos para o táxi.

— Museu Gotham — pedi.

— A estas horas deve estar fechado — disse o motorista, metendo a primeira.

— Somos parentes do senhor Gotham. Ele deixar-nos-á entrar — respondi. Manfredo atirou-me um olhar trocista.

Pelo caminho, Manfredo tirou do bolso um formulário de corridas de cavalos e começou a estudá-lo.

— O que é isso, maninho ? — perguntou Judy.

— Não faço a mais pequena ideia — respondeu o maninho. Obtive em casa de Whiteley. E'

7

muito interessante, apresenta informações equinas muito minuciosas.

Fechei os olhos, com a dor.

— Nunca ouviu dizer que não se deve tocar em nada, no local do crime ?

Ele olhou-me com superioridade.

— Naturalmente, Knight. Mas tal princípio não é aplicável aos investigadores do crime. Faz alguma ideia do que pode significar este panfleto ?

— Talvez que Whiteley jogasse nos cavalinhos...

Manfredo atirou-me nova mirada sardónica. Estudou novamente a folha de papel.

— Não sabia que o desporto dos reis fosse uma ciência quase exacta. Com esta documentação...

— Com toda essa documentação, continua a ser uma ciência exacta — murmurei com voz cansada, apelando das ultimas reservas de sabedoria adquirida pela experiência.

— E no entanto, é facto comprovado que Free Wheeling ganhará a primeira corrida de amanhã.

— Manfredo — respondi eu com voz paternal. E' uma felicidade que você não disponha de dinheiro para sustentar essa opinião. Esse cavalicoque não tem uma ocasião unica de vitória.

O rapaz encolheu os ombros débeis e continuou a estudar o papel até chegarmos ao Museu Gotham.

— O museu está fechado — anunciou o motorista com voz «eu não lhes dizia ?».

— Então, conduza o carro para as traseiras do edifício — disse eu. Talvez o tio Gotham tenha deixado a luz acesa para nos informar que ainda lá se encontra.

Havia uma pequena lampada acesa por cima da porta dos fundos. O motorista travou e nós apeámo-nos.

— Espere aqui — ordenei e, seguido de Judy e de Manfredo, comecei a esmurrar a porta.

Fomos finalmente atendidos por um contínuo uniformizado que nos encarou com desinteresse.

— Sinto muito — disse — mas o museu só abre ás nove da manhã.

8

— Já sabemos isso — disse eu. Quem está agora de serviço ?

Ele hesitou.

— Está cá o senhor Howard. Enquanto ele estiver cá dentro, poderei dizer que é ele quem está de serviço.

— Muito bem. Introduza-nos ao senhor Howard.

— Sinto muito, mas...

Fiz-lhe faiscar junto aos olhos, o meu emblema de metal e, como sempre, ele não se lembrou de o examinar mais de perto.

— Porque não me disse que era caso de Polícia ? — perguntou.

Seguimo-lo através de várias salas, pejadas de quadros, esculturas, armaduras e mumias até uma porta que dizia «Entrada proíbida». Bateu e uma voz petulante perguntou lá dentro :

— Quem é ?

Entrámos e o nosso guia anunciou com voz lugubre:

— Senhor Howard, este cavalheiro é da Polícia. Voltou-se para mim e acrescentou : — O senhor Fredric Howard, assistente do conservador do museu.

Howard parecia de facto um assistente de conservador do museu. Estendi-lhe a mão, mas ele ignorou-a. O pedante !

— Que pretendem de mim ? — perguntou, não se mostrando nada interessado do que nós poderiamos pretender dele.

— Acabamos de sair da casa de Whiteley — disse eu.

O homem teve um sobressalto e voltou-se para o contínuo.

— Pode retirar-se, Williams.

Williams saiu e Howard foi-se instalar na cadeira por trás da secretária. Parecia agitado e perguntei a mim próprio porque razão.

— Fredric Howard, hã ? — perguntou Manfredo. Li o seu trabalho sobre uma possibilidade de uma relação entre os Bascos e Cretenses, trabalho que foi publicado no «Jornal Antropológico».

Howard lançou um olhar atónito ao miudo.

— Leu ? E que lhe parece ?

— Um conto de fadas.

9

O assistente do conservador resfolegou e virou-se para mim.

— Afinal de contas quem é o senhor e essa «gente» que o acompanha ?

Tossi para aclarar a voz.

— Sou Jeff Knight da Agência de Investigação Knight. Apresento-lhe «miss» Armstrong e o seu irmão Manfredo. São testemunhas.

— Testemunhas de quê ?

— Whiteley chamou-me para me falar de um quadro roubado. Quando cheguei a sua casa, encontrei-o deitado de borco, com uma «naifa» nas costas. Chamámos a Polícia que não deve tardar aí.

Howard olhou-me como se eu o tivesse esbofeteado.

— «Naifa» ? — perguntou.

— Calão para faca ou punhal — esclareceu Manfredo. Eu diria ser uma peça de museu. Princípios do Período Minoano.

— Será melhor contar-me tudo quanto sabe — disse eu. Talvez o possa ajudar.

Howard abanou a cabeça com espanto.

— Acho que é tarde demais para me utilizar dos seus serviços.

Judy batia de novo o pé com nervosismo.

— Então, vamos embora ! Santo Deus, Jeff ! Se a gente não se apressa, ainda vai perder a segunda sessão do teatro.

— Está calada, Judy — disse Manfredo, tão aborrecido como ela, como eu. Que pretenderia o senhor Whiteley quando chamou Knight a sua casa ? — perguntou.

Howard encolheu os ombros.

— Creio que tudo será deslindado com o tempo. Durante vários dias, deu-se pela falta de um Rembrandt. Whiteley e eu tinhamos resolvido contratar os serviços de um detective privado.

— E porque não a polícia oficial ? — perguntei.

— Queriamos evitar a sua interferência até que pudessemos ver melhor o assunto. Não podiamos compreender o móbil do roubo.

— O móbil ? — exclamei. Whiteley disse-me que o quadro valia para cima de três mil contos.

10

Manfredo explicou-me com voz repassada de paciência.

— Um Rembrandt é dos objectos menos valiosos que um ladrão poderia negociar. Se bem que o seu valor seja inultrapassável, não encontraria comprador para o seu quadro. Os Rembrandts autenticados são universalmente conhecidos. Onde haveria um criminoso capaz de o colocar ?

O seu tom de voz deu-me vontade de ferrar um bom pontapé no mafarrico, mas percebi o fundamento da sua observação. Mesmo que o ladrão guardasse o quatro por vinte anos, este seria ainda pólvora, especialmente ligado a um crime de morte.

— E o senhor não faz a menor ideia de quem poderia ter «palmado» a pintura ? — perguntei ao assistente do conservador.

— A mínima.

— E que há sobre Whiteley ? Conhecia-lhe inimigos ?

— Não conheço ninguém capaz de odiar Jonathon a ponto de lhe desejar a morte.

— Não há duvida que os dois crimes estão relacionados entre si — comentou Manfredo. A descoberta de um levaria á...

— Mas então a gente vai ficar aqui a perder o resto da noite ? — bradou Judy. Quero dizer, no fim de contas, não estou para passar a noite num museu a falar de mortos, quando saí para me divertir.

— Muito bem — assenti com um suspiro, lamentando que aquela cabeça de avelã tivesse um corpo de Marilyn Monroe. Vamos embora.

Voltei-me para o funcionário do museu. — Procurá-lo-ei mais tarde, senhor Howard. A propósito, onde esteve o senhor nestas ultimas horas ?

— Aqui — respondeu ele secamente.

— A fazer o quê ? E pode prová-lo ?

— Williams também cá tem estado. Tenho andado a trabalhar num artigo sugerindo uma possível relação entre Bascos e Etruscos.

Dardejou um olhar irado a Manfredo.

— Que disparate ! — exclamou este.

(Continua)

ADJUDICAÇÃO DE ESTRUME E LIXO PROVENIENTES DA LIMPEZA DAS LINHAS E CAIS DAS ESTAÇÕES E DAS VARREDURAS DOS VAGÕES

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita propostas em carta fechada dirigidas ao Serviço Comercial e do Tráfego, Largo dos Caminhos de Ferro, em Lisboa, até ao dia 23 de Dezembro do ano corrente, para a adjudicação do estrume, lixo, caruma, carrasca de pinho e aparas e resíduos de cortiça provenientes da limpeza das linhas e cais e das varreduras dos vagões descarregados, durante o ano de 1961, em diversas estações entre as quais Barreiro, Castelo Branco, Montijo, Porto (Campanhã) e Tua, conforme Aviso que se encontra nelas afixado.

BLUSAS
CASACOS
FRANCESES
TORRE EIFFEL
104—Rua do Carmo—106

Pérola de S. Domingos
Rua Dom Antão Almada, 5-D
Vende-se os melhores cafés e chás, também o maior sortido em plantas da Flora Nacional e tropical que são a nossa saude. E a natureza ao nosso serviço. Procure ser saudável, sentir mais energias e melhor disposição.
(DEFRONTE DA IGREJA)
Mandamos á cobrança as nossas especialidades.

SIEMENS
RÁDIO
TELEVISÃO

FIM DO ANO EM MADRID
(Partida a 30/12, regresso a 5/1)
Ceia e reveillon no Palace, o local mais selecto de Madrid
Excursões ao Escorial, Vale dos Caídos e a Toledo
LOTAÇÃO LIMITADA
Inscrições até 20 do corrente.
Informações detalhadas e programas na:
AGÊNCIA DE VIAGENS TAGUS, LDA.
Rua Eça de Queiroz, 20-A
LISBOA — (Telefones 42988 e 48685)

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.
ANIBAL - Gravador
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

Stilbépan

UM ÊXITO MUNDIAL
Stilbépan, tónico capilar biológico, é sem dúvida o melhor meio, até agora descoberto, para combater a perda do cabelo, a caspa e o embranquecimento prematuro. **Stilbépan**, dá vida ao cabelo.

STILBÉPAN
Loção à base de Hormonas e Vitamina B - Pantoténico
PARA HOMENS E SENHORAS
PRODUTO HOLANDÊS
SOLACA
LISBOA - RUA DE S. JOSÉ, 155-1.º
PORTO - RUA DA ALEGRIA, 171-2.º

Versões erradas e falsas interpretações

(Continuação da página central)

nou, que papel tiveram nele os incitadores de que fala no livro? A explicação é simples. O sr. Gomes da Silva nunca estudou, sèriamente, os elementos sobre os quais é possível formular uma opinião acerca do regicídio e dos termos em que se consumou, baralhando tudo no meio de contradições incessantes.

Segundo a versão fantasiada que deu na «Voz», os cumplices do atentado, nacionais e estrangeiros, dispunham-se em grupos desde a Praça do Comrcio até ao Palácio das Necessidades. Quem constituia esses grupos? Quais, dos cumplices, eram portugueses e quais eram estrangeiros? Não o diz o sr. Gomes da Silva, que não assenta em qualquer base verídica a sua descrição das condições em que se deu o regicídio. Eram, certamente, a acreditá-lo, dezenas de pessoas escalonadas em tão longo trajecto. Nunca se revelaram os seus nomes, não de muitas mas de uma sequer. Para fazer ideia da densidade dessa rêde no Terreiro do Paço basta dizer que o chefe do Governo, João Franco, designado, com o rei, como vltima eventual do atentado, atravessou a Praça na companhia de um amigo, o par do reino António da Costa, sem que ninguém o incomodasse ou houvesse qualquer tentativa para atentar contra a sua vida. Da intervenção infundamentada de estrangeiros no caso ficou deplorável recordação com o que aconteceu a um pobre musico do Teatro de S. Carlos, de apelido Irigoyen, que estava no Terreiro do Paço quando se deu o regicídio, foi preso na ocasião com outras pessoas, que nada tiveram com ele e levado para o posto da Camara Municipal. A' sua volta teceram-se as mais fantasiosas versões sendo seguido o seu rasto pela polícia quando deixou o nosso País, nada se averiguando contra ele. Sendo cumplices do regicídio, nunca explicaram os que aventam a hipótese da intervenção de estrangeiros no regicídio, que razões os levaram a agir assim. Na sua insensatez não reparam que a versão que o atribuia a uma conjura internacional de anarquistas invalida a tese da cumplicidade do partido republicano. O telegrama de Sousa Rosa seria a melhor justificação desse partido, se fosse preciso fazê-la ou se as comunicações enviadas para Lisboa por aquele diplomata tivessem qualquer valor de prova numa época em que Paris era um centro de anarquistas.

Foi a estes que o Governo atribuiu a intenção de atentar contra a vida do rei o que excluía a cumplicidade dos republicanos no regicídio. Quando, na reunião do Conselho de Estado (Setembro de 1907), em que Julio de Vilhena disse, na presença do rei e de João Franco, que a ditadura em que se haviam cumpliciado «acabaria por uma revolução ou por um crime» o segundo, perante a fixidez do olhar do primeiro, balbuciou: «Não foi a ditadura que criou os anarquistas». No dia 1 de Fevereiro, por indicação do chefe do Governo, o «Jornal da Noite», orgão governamental, por expressa indicação sua, deu a notícia do regicídio dizendo que os seus autores eram anarquistas.

Do que escreveu o sr. Gomes da Silva, com a sua puerilidade habitual, se conclui que está em condições de esclarecer o mistério do regicídio o qual existe apenas na sua imaginação e na daqueles que, como ele, visam fins partidários e não o esclarecimento de um ponto de história. A sua posição pessoal, segundo as revelações que faz na «Voz», é unica. Por laços de família, está aparentado com um indivíduo que, segundo diz, tomou parte naquele episódio — Firmo Silva. Conheceu e esteve em contacto frequente com outro que também aponta como cumplice. Frequentou a Associação do Registo Civil que tomou a iniciativa de uma manifestação ás campas dos regicidas. Sabe que vai aparecer, em breve, o processo que os monárquicos fizeram desaparecer. Quem, como ele, pode esclarecer a verdade, toda a verdade, e documentar, de maneira irrefutável e definitiva, a cumplicidade dos republicanos no drama do Terreiro do Paço?

Em lugar de o fazer, porém, coloca-nos perante hipóteses inverificáveis, suspeições que nada autoriza, divagações infantis e conclusões falsas como as premissas em que assentam. Os nomes de Firmo Silva e do serralheiro José Nunes aparecem frequentemente invocados pelo sr. Gomes da Silva como se de cumplices averiguados do atentado se tratasse. «Acha-se identificado José Nunes (como cumplice), escreveu ele na «Voz», o serralheiro mecanico, matador do príncipe D. Luís Filipe. De igual modo Firmo Silva, que emigrou para o Brasil, onde concluiu seus dias». Identificado por quem? Pelo sr. Gomes da Silva. Dizendo que o primeiro matou o príncipe opõe uma afirmação fantasiada ás versões publicadas do regicídio as quais indicam o professor Buiça como autor da sua morte. As testemunhas presenciais não disseram outra coisa. Todas afirmaram que apenas dois indivíduos — Buiça e Costa — foram protagonistas do drama, ambos ficando mortos no local. Temos os relatos de duas dessas testemunhas, o tipógrafo Miguel Martins e o antigo chefe do Governo da monarquia, Teixeira de Sousa. Não é o sr. Gomes da Silva capaz de apresentar depoimentos que os desmintam, e opõe-lhes o produto da sua imaginação, que nada autoriza a aceitar como verosímil.

O nome do serralheiro José Nunes, apontado como cumplice do regicídio, surgiu muitos anos depois do atentado, para servir a campanha de suspeições infundamentadas e calunias intencionais que visavam o partido republicano. Dessa cumplicidade não há qualquer prova fornecida por ele próprio no que escreveu ou pelos que invocaram o seu nome. Deixou José Nunes dois livros, um com o título «A Bomba Explosiva», outro intitulado «E para quê?». Em nenhum se apresenta como cumplice do regicídio. No livro do jornalista Félix Correia «Quem Matou El-Rei D. Carlos», diz este que José Nunes lhe revelou que tinha em preparação um terceiro livro a que pusera o título «Memórias em Testamento sem Valor Material», acrescentando que nele «relataria tudo quanto fez e viu». Essas «Memórias» em que «seriam revelados todos os mistérios do regicídio e de outros factos» estavam guardadas em lugar seguro. Nunca apareceu o livro, nunca se apurou onde estava guardado. Temos de nos contentar com aquilo que José Nunes disse ao seu entrevistador. Quando este lhe perguntou se houve políticos monárquicos metidos no regicídio obteve a seguinte resposta: «Aí é que bate o ponto.» Quando lhe pediu para falar sobre a sua intervenção no regicídio, acrescentou: «Não tratemos do caso a fundo». Quanto a José Nunes há, portanto, que nada deixou escrito, sobre o papel que desempenhou no regicídio e que nunca vieram á luz as «Memórias» em que se propunha revelar os mistérios do regicídio apesar de estarem escritas e se encontrarem em lugar seguro. Ao perguntarem-lhe em que se fez sentir a sua intervenção, respondeu evasivamente e recusou-se a tratá-lo «a fundo», não dizendo uma palavra digna de registo. Poderíamos limitar-nos a perguntar ao sr. Gomes da Silva o que averiguaram as autoridades monárquicas, que durante dois anos e oito meses trabalharam no processo do regicídio, sobre o papel de José Nunes. Figurava nesse processo o seu nome? eS nele figurava por que o não prenderam e inculparam? Prenderam dezenas de pessoas — monárquicos e republicanos — alargaram a muitas outras o ambito das investigações. Nunca se falou de José Nunes até o seu nome aparecer, muitos anos decorridos, sem que de daí resultasse qualquer benefício para o esclarecimento da verdade.

Pondo ao serviço da sua paixão partidária a fantasia com que alimenta o que escreve sobre este assunto, o sr. Gomes da Silva afirma no seu livro «D. Carlos I», e reedita essa versão no que escreveu na «Voz», que José Nunes matou o príncipe D. Luís Filipe. Nunca, antes ou depois dele, essa versão foi aventada ou perfilhada por ninguém. No livro de Félix Correia, em que aparece José Nunes, arquivou o autor o depoimento de uma testemunha presencial, o tipógrafo Miguel Martins, o qual lhe disse: «Eu inclino-me a que o Buiça matou o príncipe, visto que ficou apurado que ele atirou sobre a carruagem, defronte da porta do ministério do Reino e o herdeiro do trono, como ia sentado em frente de D. Carlos, portanto do lado da Arcada, devia ter sido o alvo pois se encontrava a descoberto. D. Manuel nunca poderia ter sido visto por Buiça em virtude de ficar por detrás do cocheiro e, por conseguinte, vedado aos olhos de quem estivesse defronte do ministério do Reino. Este (D. Manuel) deve ter sido ferido por alguma bala perdida até mesmo da própria polícia». O tipógrafo Miguel Martins assistiu á cena e só por milagre escapou á morte quando, com outros presos, se encontrava no posto de polícia da Camara Municipal. Viu como ela se passou e assistiu á intervenção do Buiça. Não falou ele de José Nunes nem de qualquer pessoa que, quando a carruagem seguia para o Arsenal, subisse ao estribo, como pretende o sr. Gomes da Silva que nada viu, a nada assistiu e não invoca qualquer testemunho para fundamentar o que escreveu.

O nome de Firmo Silva, com quem o sr. Gomes da Silva diz ser ainda aparentado, não figura nos relatos conhecidos do regicídio. Afirma o censor da «História da Republica» categóricamente que esse indivíduo estava cumpliciado no atentado sem disso apresentar qualquer prova. Diz que foi para o Brasil, onde acabou os seus dias. Deste país foi extraditado, como cumplice do regicídio no tempo da monarquia, Diogo Carlos Ramires da Silva, contra o qual nada se apurou, sendo posto em liberdade ao fim de demoradas investigações. Na ansia de descobrir regicidas inexistentes foi também pedida para o Pará a extradição de outro português, Joaquim Monteiro, apesar de haver notícia certa de que, vindo de visita a Portugal, regressou ao Brasil em 11 de Janeiro de 1908, vinte dias antes do atentado. De Firmo Silva, que segundo o censor da «História da Republica» tomou parte directa e activa no drama do Terreiro do Paço e se refugiou no Brasil, não há notícia de que fosse pedida a sua extradição. — *C. F.*

FESTAS DO NATAL

Grupo Desportivo da Companhia de Seguros Sagres

Realiza-se no sábado, na Casa de Lafões, pelas 15 e 30, a festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados da Companhia de Seguros Sagres. Além da tradicional distribuição de brinquedos, haverá um pequeno espectáculo infantil, com a colaboração de palhaços, acordionistas e teatro de fantoches.

Festa infantil no Grupo Desportivo dos Empregados do Credit Franco Portugais

No domingo, pelas 15 horas, haverá no edifício do Banco Crédit Franco-Portuguais uma festa infantil organizada pelo Grupo Desportivo e durante a qual serão entregues brinquedos e outras lembranças aos filhos dos empregados daquele Estabelecimento de Crédito, aos quais será, também, servida merenda.

Agradecemos a quantia de 50 escudos enviada para os nossos pobres.

«Fernandinhos» pobres

Os «Fernandinhos» mais necessitados dos bairros económicos de Lisboa receberão, na quinta-feira milhares de peças de roupa e de alcofas-berços.

Todos esses artigos fazem parte de uma exposição que estará patente ao publico amanhã, na Rua Presidente Wilson, 3, rés-do-chão, esquerdo, das 12 ás 20 horas.

O Algarve

e os seus problemas turísticos

(Continuação da página central)

num dos seus aspectos mais significativos, é uma industria e vai sendo das mais rendosas no quadro da economia nacional.

Necessidade de coordenação

Referindo-se, ainda, ao turismo como industria, disse o dr. Luís Gordinho Moreira:

— O êxito depende, necessàriamente, da sua estruturação e organização. Torná-la mais ou menos eficiente depende da maior ou menor coordenação do funcionamento dos sectores que constituem essa complexa unidade. Até aqui tem-se caminhado nem sempre bem e nem sempre com o ritmo conveniente. Muito desordenadamente. Não se nega o mérito, nem se regateiam louvores ao produto dos entusiasmos individualizados, nem se recusa valor ao progresso verificado em cada uma das actividades que ao turismo interessam. Mas será da mais elementar lógica reconhecer que os resultados de todo esse esforço seriam muito mais uteis e muito mais sensíveis desde que devidamente coordenados.

Entrámos, depois, no campo base da nossa conversa — o Algarve. O nosso interlocutor intervem logo, á laia de esclarecimento:

— Qualquer opinião que eu possa exprimir em relação com o lugar do Algarve no turismo nacional deve ser entendida, não como reflexo do Algarvio que exalta a sua província, mas como opinião reflectida de quem tem, tanto quanto pode, a perfeita consciência da responsabilidade de representante das Camaras Municipais e da isenção com que dela deve desempenhar-se...

«Esse Algarve que ainda está tão «afastado» de Lisboa e do Mundo...»

— Se inventariarmos os motivos mais salientes de atracção turística que nos coloquem, comparando com outros povos, em lugar de primeira linha, parece-me — diz o dr. Gordinho Moreira — que concluiremos que o fundamental é a amenidade do clima, o brilho do Sol, a limpidez, a quietude e a temperatura da água do mar, a amplidão das praias, a beleza do recorte da costa, a lhaneza do trato das gentes, a alta qualidade e o baixo preço da alimentação, a paz em que se vive. Estes elementos, isoladamente ou em combinações mais ou menos extensas, encontramo-los, é certo, na generalidade do território nacional.

E prossegue:

— Mas, onde os encontramos em mais larga escala e, o que é mais importante, por mais largo período no ano, é, necessàriamente no Algarve, esse Algarve que ainda se encontra tão «afastado» de Lisboa e do Mundo... Julgo que terá chegado a sua hora. Há que caminhar depressa e com firmeza: não sendo excessivamente tarde, já, no entanto, muito tempo se perdeu.

Uma estrada junto ao mar de Vila Real de Santo António a Sagres

Surgiu a nossa vez de fazer uma pergunta:

— Em linhas gerais, quais os problemas mais instantes do turismo algarvio?

— Principalmente, comunicações e instalações. No que respeita ao primeiro, é indispensável a imediata construção do aeródromo já projectado e que irá iniciar-se; a criação de possibilidades de entrada nos portos de navios de passageiros; num futuro mais ou menos próximo, a melhoria das ligações ferroviárias e rodoviárias com Lisboa; e, ainda, a construção de uma estrada entre Vila Real de Santo António e Sagres, quanto possível junto ao mar, estrada que traria ao património turístico nacional incalculável riqueza.

E atalhou o nosso entrevistado:

— Sobretudo, a construção do aeródromo é não só de incontestável valor como condição indispensável, absolutamente indispensável, para a valorização turística do Algarve. Essa conclusão se tira das constantes afirmações de entidades e empresas estrangeiras que se têm interessado pelo problema do turismo algarvio.

— Quanto a instalações?

— Há que multiplicar as existentes, em todas as modalidades. Mas, em especial, parece-me, com unidades hoteleiras que se distingam pelo conforto e modicidade de preços, condições que deverão constituir um dos elementos fundamentais da nossa propaganda.

O futuro aeródromo e a aplicação de capitais alemães

Quisemos saber, depois, o resultado das negociações com a Alemanha. Informou-nos o dr. Luís Gordinho Moreira:

— Por virtude de acordo comercial assinado com a Republica Federal Alemã, está em marcha um processo de aplicação de capitais alemães na valorização turística do País, sobretudo do Algarve. Com esse fim tem havido alguns contactos, visitas e estudos, donde resulta a inteira viabilidade dos projectados investimentos. E', no entanto, minha convicção que o grande passo só será dado depois de concluída, ou, pelo menos, iniciada, a construção do aeródromo de Faro.

E a terminar, declarou o nosso amável interlocutor, ainda a propósito do Colóquio Nacional de Turismo, que o S. N. I. promoverá de 19 a 21 de Janeiro:

— Creio que o colóquio trará ao debate todos estes problemas em proporções convenientes. E confio em que dele sairá uma segura consciência do problema e o estímulo e o impulso necessários á sua solução. E' alto serviço que ficamos todos a dever a quem o pensou e possibilitou.

VIDA MUSICAL

O 9.º Concerto de Outono de 1960 no S. Carlos

A actuação especialmente eficaz do maestro inglês John Barbirolli á frente da Orquestra Sinfónica Nacional, para o 8.º Concerto de Outono de 1960, seguiu-se, no 9.º concerto, a apresentação de um programa absolutamente excepcional como execução, com a colaboração do inultrapassável harpista e intérprete Nicanor Zabaleta, catalão, e do maestro francês George Tzipine. O programa em si era constituído por documentos dos mais diversificados da produção musical: a viva, discretamente exótica e muito bem construída Sinfonia n.º 4, em lá maior, de Albert Roussêl e a muito germanica Sinfonia n.º 1, em dó menor, de Brahms, enquadravam os dois Concertos para harpa e orquestra, em si bemol maior, de Haendel, e em dó maior, do operista francês, contemporaneo de Beethoven, Boieldieu — um nome que pela primeira vez, salvo erro, se vê integrado num programa desta natureza, em Lisboa. Mas todo o concerto foi uma festa ininterrupta para os ouvidos, mesmo quando a qualidade da musica deixava a desejar, ou, pelo menos, se limitava a ter de admirável as oportunidades que dava ao solista, insigne, exímio, espantoso, bem digno da apreciação de Ravel: *Em Zabaleta, o artista é tão grande ou maior do que o harpista;* e decorridos muitos anos, o harpista é, afinal, tão grande como o artista, porque não se pode, não só entender a musica mas também executá-la com maior riqueza e perfeição. Assim, o Concerto de Haendel, na sua sobriedade entre nobre e sorridente, foi uma impecável lição de estilo. O Concerto de Boieldieu, cheio de lugares-comuns, mas de escrita segura e airosa na sua frivolidade, atingiu culminancias inéditas como valorização puramente instrumental. Chegou então o momento de pasmarmos com o primeiro extra, uma página evocativa, de Carlos Salzedo, outro harpista célebre, americano (E. U. A.) por naturalização: a variedade de efeitos peculiares á harpa, em glissandos, notadamente, a despeito de um fundo musical não muito rico, transportaram-nos num mundo de poesia feérica que ultrapassa a imaginação. Zabaleta brindou-nos ainda com uma Sonata de Mateo Albeniz, (não confundir com Isaac Albeniz) onde a harpa se equiparou á elegancia mais precisa e nítida da musica de tecla setecentista, sem uma unica ressonancia harpística menos apropriada.

nosso gozo auditivo, nos dois Concertos de harpa e orquestra o grupo instrumental, bem seguro e claramente industriado pela batuta de George Tzipine, entrou com o que lhe cabia de interesse e de equilibrio na obra executada. O tempo de ensaios parece ter chegado para mais do que o habitual. Foi um pouco sensível na Sinfonia de Albert Roussel o tratamento menos apurado como esmero de timbres, nos metais sobretudo; e não nos conformamos com os deslizes de ataque e de afinação que afectam por vezes os naipes graves de instrumntos de arco — o que escrevemos depois de hesitar bastante, pois todo o concerto foi, em conjunto, excepcional, repetimos. E a Sinfonia de Brahms foi, a seu modo, uma revelação. Todos os pormenores solísticos pareceram-nos tocados de euforia, e todos os naipes, concertados como se os orientasse uma experiência velha e contínua, o que é ciência e condão da batuta; condão e ciência do musico-intérprete, é a valorização das linhas essenciais, a urdidura sem desfalecimentos, a naturalidade com que os diferentes transes se encandeiam ou cedem o passo uns aos outros, o vigor, a fantasia, o dramatismo que pela primeira vez nos aproximou Brahms de Berlioz — sem que se possa considerar uma traição. Saltaram nítidos também aos nossos ouvidos os grandes marcos da musica alemã oitocentista, as analogias com Beethoven na sua expressão mais cosmicamente humana (não só pelo hino á fraternidade da IV Sinfonia), com a magia passional de Wagner, por vezes, e outras vezes com a ternura Schumaniana. São encontros e consequências que não diminuem Brahms, pelo contrário; contribuem para a glorificação do romantismo alemão, — e, afinal, do romantismo «*tout court*», pois falámos em Berlioz há momentos, e não só por influência do apelido do maestro, bem nos quer parecer que o dinamismo de carácter russo não é estranho ao temperamento de George Tzipine.

FRANCINE BENOIT

Audições escolares no Conservatório

O Conservatório Nacional principia amanhã, ás 17 e 15, a série de audições escolares que anualmente promove, como manifestação publica da actividade pedagógica dos seus professores e alunos.

Nesta primeira audição, colaboram os seguintes alunos, todos da classe de Piano do professor Campos Coelho: Maria da Conceição Maldonado, Maria Helena de Oliveira Fernandes, Fernando Azevedo Anes, Maria Luísa Vieira Pereira, Maria Adelina de Sá Carvalho, Fernando Martins de Almeida, Maria Fernanda Nunes, Maria da Luz Rebelo Calado, Cremilde Maria Rosado Fernandes, Isabel Maria Ferrão e Maria João Alexandre Pires.

A marcação de lugares pode fazer-se na secretaria do Conservatório, ou á hora da audição, no átrio da entrada.

Concerto publico no Instituto Alemão

Amanhã, tocará no Instituto Alemão o «Trio de Colónia para Musica Antiga», que executará obras de compositores dos séculos XVII e XVIII. Este trio já deu inumeros concertos na Alemanha, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlandia, Holanda e Bélgica. Ràras vezes temos ocasião de ouvir instrumentos antigos como flauto dolce, flauto traverso, viola da gamba e liuto, cujo som, de carácter suave, exige uma mestria subtil. Os artistas tocarão obras de Reusner, Schenk, Telemann, Bach e Händel. O concerto, que é publico, começa ás 21 e 30.

pequeno MAGAZINE

EFEMÉRIDES

No dia 13 de Dezembro de 1540 foi publicado o primeiro livro mexicano, «Manual de Adultos».

DIZ QUEM SABE

COM excepção do homem vivo, nada há mais maravilhoso do que um livro.

KINGSLEY

*** Nos livros aprendi a fugir ao mal sem o experimentar.**

CAMILO CASTELO BRANCO

*** Os que lêem sabem muito, mas os que observam sabem, ás vezes, mais.**

ALEXANDRE DUMAS

BOA MEMÓRIA

Um pobre condutor de camiões da Rodésia do Sul, chamado Kuwagowz tornou-se de um dia para o outro um dos homens mais ricos da sua província. Saíra-lhe a «taluda» e o seu retrato figurava na primeira página do jornal de Salisbury.

— Que vai você fazer de todo esse dinheiro? — perguntaram-lhe os jornalistas.

O negro coçou a cabeça, sorriu largamente e disse:

— Vou comprar á minha mulher todos os vestidos que ela quiser. Para mim quero um camião... e um autocarro. E hei-de mandar educar os meus filhos como os filhos dos ricos.

— Quantos filhos tem?

— Bem... — respondeu Kuwagowz, perplexo. — Não sei exactamente: já não me lembro...

A SEDA NATURAL através da história

Da India para Roma vieram, há mais de dois mil anos, os primeiros tecidos de seda, destinados ao vestuário feminino. No ano 552, missionários persas levaram ovos de bichos da seda para Istambul, que então se chamava Bizâncio. Aí se desenvolveu também a industria das sedas, que chegou aos nossos tempos, e, apesar das fibras químicas, não parece que venha a ser destronada.

QUEM CANTA seu mal espanta...

Dor e Prazer são dois mundos;
Vê lá em qual deles moras:
Na dor, contam-se os segundos
No Prazer, 'squecem-se as horas!

FREDERICO BRITO

— A Doris pediu-nos para o entretermos enquanto ela se arranja...

O QUE É A I. C. A. O.

A I. C. A. O. (Organização Internacional de Aviação Civil) estuda os problemas da aviação civil internacional e promove normas e regulamentos uniformes para a aeronáutica mundial. Existe desde Abril de 1947 e compõe-se de uma assembleia, que anualmente se reune, um conselho com representantes de 21 nações, eleitos por essa assembleia, e um secretário-geral. A sede da I. C. A. O. fica em Montreal, no Canadá.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

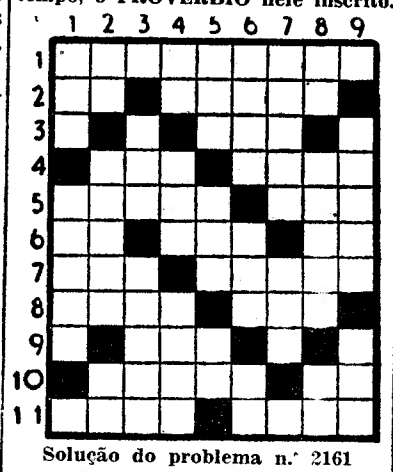
Problema n.º 2162

HORIZONTAIS: 1 — Entrincheiramento feito com barricas. 2 — Artigo definido. Louco. 3 — Fileira. 4 — Util. Espécie de ave de rapina. 5 — Agro. Pedra de altar. 6 — O mais. Nome de mulher. Pertences. 7 — Botequim. Espião. 8 — Ratava. Gemidos. 9 — Muito. 10 — Espertalhão. Aqui. 11 — Morada. Ilha grega do Arquipélago onde foi encontrada uma famosa estátua de Vénus.

VERTICAIS: 1 — Benigna. Freguesia do concelho de Gouveia. 2 — Campeão. Aerostato. Ruim. 3 — Som. Montões. 4 — Letra grega. Marisco de Cabo Verde e do Senegal. Nome de mulher. 5 — Cólera. Composição poética. Seguia. 6 — Guarda segredo. Membro empenado das aves. Artigo indefinido. 7 — Acomete. Nome de vários papas. 8 — Preposição. Rezeis. Símbolo químico do cloro. 9 — Carvão incandescente. Animal doméstico.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



Solução do problema n.º 2161

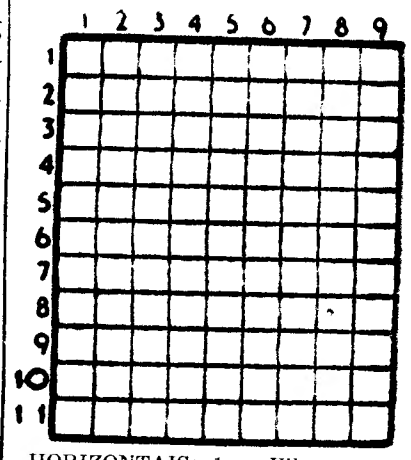
HORIZONTAIS: 1 — Macacão. 2 — Coras. 3 — Rã. Sul. Mc. 4 — ARDE. Prol. 5 — Orar. Eito. 6 — Em. O. Ma. 7 — Acima. 8 — As. Lai. Pé. 9 — SECO. Raer. 10 — Arcai. 11 — Éolo. Onde.

VERTICAIS: 1 — Grão. Passe. 2 — Arre. Se. 3 — AC. Dama. Cai. 4 — Coser. Cloro. 5 — Aru. Oiã. 6 — Calpe. Mirão. 7 — A's. Rima. Ain. 8 — Mota. Pé. 9—PELO. VERde.

(Provérbio: ARDE O SECO PELO VERDE).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4208



HORIZONTAIS: 1 — Vila e concelho do distrito de Coimbra. Origem. 2 — Ovário dos peixes. Parceiro. 3 — Preposição e artigo. Nome de homem. Preposição. 4 — Nome de mulher. Fila. 5 — Fingir. 6 — Fazes parte de. Pronome reflexo. 7 — Aquisição de gado para o exército. 8 — Claridade. Cantiga. 9 — Artigo definido. Passada. Símbolo químico do gálio. 10 — Agora. Escarnecer. 11 — Emprega. Cilindro.

VERTICAIS: 1 — Cidade do Estado da India. Renuncia a punir. 2 — Origens. Numeral cardinal 3 — Seguia. Artigo definido. Nociva. Artigo definido. 4 — Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. Cólera. 5 — Soltam pios. Coisa alguma. 6 — Calamidade. Prefixo que significa além. 7 — Viração. O mais. Gemido. Letra grega. 8—Pronome pessoal (pl.). Ligeiro. 9 — Estimares. Argola.

Solução do problema n.º 4207

HORIZONTAIS: 1 — Gala. Pará. 2 — Ala. Talar. 3 — Ti. Lê. Ora. 4 — Aula. Ar 5 — Rasgara. 6 — Lar. Tua. 7 — Leniram. 8 — A's. Siga. 9 — Sem. Ló. Dr. 10 — Alamo. Lot. 11 — Rasa. Pare.

VERTICAIS: 1 — Gatar. Casar. 2 — Ali. Al. Sela. 3 — Lá. Asal. Mas. 4 — Lugres. Má. 5 — Tela. Nilo. 6 — Pã. Artigo. 7 — Alo. Aura. Lã. 8 — Rara. Aa. Dor. 9 — Arara. Marte.

TÁXIS COM BARBEIRO

Alguns táxis de Nova York têm no seu interior, á disposição de quem queira utilizá-las, máquinas eléctricas de barbear. O estojo com a máquina tem ainda um espelho e um frasco com loção, para depois de barbear.

Sobre o conceito de direcção

falou no Rotary o prof. João Cid dos Santos

Sob a presidência do prof. António Maria Godinho, secretariado pelo eng.º Amilcar de Gouveia Marques, reuniu-se hoje, na Casa do Alentejo, o Rotary Clube de Lisboa, com a presença de numerosos convidados, de cuja apresentação se encarregou o sr. Alberto Nunes de Carvalho.

Depois da leitura do expediente o dr. Sousa Dias fez a apresentação do palestrante do dia, o prof. João Cid dos Santos, cuja figura de pedagogo e cientista enalteceu.

O palestrante tratou do tema «Conceito de direcção», dizendo que quanto mais vastos são os sectores da vida dos homens, mais elementares são os princípios que os devem reger. Por isso, o enunciado desses princípios pode facilmente tomar o aspecto de um lugar comum. Mas se dizer «não roubarás» é certamente um lugar comum, «não roubar» já não é tão fácil, e por isso mesmo foi necessário montar em todo o Mundo essa máquina complicadíssima, para que o lugar comum se não converta numa refinada mentira. Tudo está, portanto, em compreender bem as consequências que se impõem e não enunciá-las apenas para logo as esquecer.

Todos nós somos, em níveis diferentes, mais ou menos dirigentes, e mais ou menos dirigidos. De uma forma ou doutra, os problemas ligados a este sector da nossa vida, não podem deixar de nos preocupar a todos diariamente. Mas, sobre que bases devemos nós estabelecer os nossos raciocínios, a nossa razão e os nossos julgamentos? Foi a resposta a esta interrogação que o prof. Cid dos Santos procurou condensar na sua palestra.

Apontou como «os grandes princípios que devem reger as situações de direcção»: confiança posta naquele que dirige; capacidade de dirigente; e formação mental adequada. E observou:

— Enfim, a ultima condição essencial para dirigir é constituída pelo tempo de que se deve dispor para pensar o que se deve fazer. Ora, o que se vê em demasia em todos os sectores é que estes princípios simples e elementares estão longe de ser aplicados. Desse afastamento, resulta que as direcções se exercem sob o signo da desconfiança de quem as confere. Isso traz como consequência a interferência arbitrária nos actos de direcção e a quebra da unidade de acção e desperdício de tempo desproporcionado. A falta de capacidade de quem dirige conduz ao amadorismo, ao diletantismo e á insegurança das medidas directivas. A mediocridade resultante da falta de formação mental cobre tudo de uma espessa camada de cinza que abafa as ideias e reduz as obras.

O prof. Cid dos Santos terminou por afirmar

— A solução para um problema tão vasto e tão importante não compete sòmente ao Estado: competenos a todos nós, pela aplicação real de princípios sãos aos campos que se encontram sob a nossa direcção. Seria imenso o bem que resultaria deste esforço individual. Não o devemos desprezar.

EXAMES FINAIS do Curso de Administração Ultramarina

Os exames finais (chamada de Dezembro) dos alunos do Curso de Administração Ultramarina do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, estão marcados para os dias 19, 20 e 21.

NOVOLAR

LISBOA

SEDE
Rua Ferreira Borges, 139
Telefone 686816

FILIAL
Avenida Almirante Reis, 143-A
Telefone 730774

Torne mais encantadora a sua árvore de NATAL, adornando-a com os brindes do NOVOLAR.

Nova! Azul!

É A Loção Ice Blue * Aqua Velva

Para Depois De Barbear

Para o homem decidido e dinâmico... nova Ice Blue Aqua Velva! O aroma é **masculino**. Como a sua cor indica, é refrescante como o gelo. Elegante como o frasco que a contém.

E a nova Aqua Velva contém uma substância tónica especial, HUMECTIN, que vitaliza a sua pele e lhe restitui a humidade que perde ao escanhoar. Outro excelente produto WILLIAMS.

EXPEDIÇÃO DE AVES NO CAMINHO DE FERRO

Aproximando-se a quadra do Natal, em que se regista avultado numero de expedições de **perus e de outras aves,** a C. P. pede a atenção dos Srs. Expedidores para a conveniência de apresentarem aqueles animais a despacho devidamente acondicionados em taras rígidas, de modo a evitar-lhes os danos a que estão sujeitos quando são transportados simplesmente apernados ou metidos em alcofas ou sacos.

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM

GARANTIA REAL

NA

A FINANCIADORA

COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO S. A. R. L.

Sede: Av. da Liberdade, 3-2.º — LISBOA * Sucursais no Porto e Coimbra

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21 horas: «O gavião do deserto» e «Susana e eu» — (12 anos).

OEIRAS — Oeiras-Cine — A's 21.15: «Sol no coração» e «Afundem o Bismark» — (12 anos).

PAREDE — Royal-Cine — A's 21.15: «Com jeito vai, senhor guarda» e «Clamor de vingança» — (17 anos).

ESTORIL — Casino — A's 17 e ás 21.30: «125, Rua Montmartre» e revista de actualidades francesas — (17 anos). — Cine-Esplanada — (Não há espectáculo).

CASCAIS — S. José — A's 21.30: «Quero viver» — (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Nifo — Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 81 — Telef. 012070.

CAXIAS — Farmácia Nova — Praceta — Telef. 042839.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 — Telef. 042034.

OEIRAS — Godinho — R. Candido dos Reis, 98 — Telef. 043090.

PAREDE — Grincho — Av. da Republica, 87-A — Telef. 047204.

ESTORIL — Farmácia Ostende — R. de Espinho, 1 — Telef. 060391.

CASCAIS — Cordeiro — R. Frederico Arouca, 16 — Telef. 080170.

NOVO ANO académico

da Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica

Na sede da Ordem dos Médicos, efectua-se, depois de amanhã, ás 21 e 30, a sessão inaugural do ano académico da Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica.

Depois do presidente da Sociedade, sr. prof. Lobato Guimarães, pronunciar uma alocução, o sr. dr. Amaro de Almeida apresentará uma comunicação subordinada ao tema «Aditamentos a um mapa hidrológico de Portugal. Primeiras descrições».

Os «Amigos de Olivença»

reunem-se depois de amanhã

Na próxima quinta-feira, ás 13 horas, efectua-se, na Casa do Alentejo, a habitual reunião de propaganda patriótica dos «Amigos de Olivença», na qual será conferencista o presidente da direcção deste grupo, prof. dr. Hernani Cidade, que dissertará sobre o tema: «Cultura espanhola e cultura portuguesa».

Assistirão a esta reunião altas individualidades civis e militares, convidados e inscritos neste agrupamento, representantes da imprensa e ainda grande numero de senhoras.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

INSTITUTO MATERNAL

MATERNIDADE DR. ALFREDO DA COSTA

CONCURSO PARA O FORNECIMENTO DURANTE O PRIMEIRO SEMESTRE DO ANO DE 1961 DE:

Produtos químicos e especialidades farmacêuticas.

Condições patentes nos Serviços Gerais e Económicos desta Maternidade todos os dias uteis, das 9 ás 12 e das 14 ás 16 horas.

Respostas aceites a partir desta publicação até ás 10 horas do dia 20 do mês em curso.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1960.

A DIRECTORA

MAQUINAS DE LAVAR
FRIGORÍFICOS
ENCERADORAS
ASPIRADORES
MOINHOS DE CAFÉ
MAQUINAS DE COZINHA
ESQUENTADORES
AQUECEDORES - VENTILADORES
VENTOINHAS,
FERROS ELECTRICOS
TORRADEIRAS
SECADORES DE MÃOS
ETC.

Standard Electrica S.A.R.L.

RUA AUGUSTA, 19

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

INSTITUTO MATERNAL

MATERNIDADE DR. ALFREDO DA COSTA

CONCURSO PARA O FORNECIMENTO DURANTE O PRIMEIRO SEMESTRE DO ANO DE 1961 DE:

Carnes diversas, chouriços, toucinho e banha, arrematação de sobras de comida, ossos, lixo e entulho.

Condições patentes nos Serviços Gerais e Económicos desta Maternidade todos os dias uteis, das 9 ás 12 e das 14 ás 16 horas até ás 10 horas do dia 26 do corrente mês.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1960.

A DIRECTORA

ENGENHEIRO Angelo José Soares de Albergaria Fortes

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Marguerite Fortes, suas filhas, genros e mais família participam que serão rezadas missas pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 14, quarta-feira, em Santar, ás 10 horas, e em Lisboa, na igreja dos Mártires, ás 11.30 horas, desde já agradecendo a todas as pessoas que se dignem comparecer a este piedoso acto.

ENGENHEIRO Angelo José Soares de Albergaria Fortes

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Os Corpos Gerentes de SOREFAME — Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S. A. R. L. participam que será rezada missa pelo eterno descanso do seu antigo presidente do Conselho de Administração, amanhã, dia 14, quarta-feira, ás 9.30 horas, na igreja paroquial de Benfica, desde já agradecendo a todas as pessoas que se dignem comparecer a este piedoso acto.

agora em Portugal

BODYGRAPH

PAT.

um fato à sua medida sem provas

VENDÔME

RUA DA VITÓRIA - 57

RUA DOS SAPATEIROS, 88 - 90

TEL. 22197

apresenta:

- Livre escolha de tecido numa das maiores colecções de fabricos nacionais e estrangeiros — seleccionados, controlados e garantidos
- Corte individual pelo sistema MODYGRAPH
- Não carece de provas, economia de tempo e comodidade
- Fabrico e acabamentos extra sob contrôle e garantia MAWALCO
- Sem dúvida economia de dinheiro

AGRADECE A SUA VISITA PARA COMPROVAÇÃO

BRITADEIRAS E GRANULADORAS

Diversas capacidades e tipos
As melhores em CONSTRUÇÃO, EFICIÊNCIA e RENDIMENTO

A MARCA DE CONFIANÇA

Maxilas e peças de desgaste em stock para máquinas de nosso fabrico ou importadas

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

LISBOA • Sede: Rua Academia das Ciências, 5 — Exposição: Boqueirão do Duro, 38
PORTO • Praça D. João I, 25-1.º - Telef. 24771
LISBOA · PORTO · LUANDA · LOURENÇO MARQUES

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

«Acontecimentos em Espanha. A revolta tem carácter republicano. As tropas governamentais abriram fogo de artilharia contra as forças rebeldes. Foram fuzilados quatro oficiais revoltosos» — eram os títulos de uma página do «Diário de Lisboa», de 13 de Dezembro de 1930. A revolta dera-se em Jaca, onde as tropas sublevadas utilizaram 22 camiões para o seu transporte. Sobre os rebeldes haviam voado 16 aviões lançando proclamações convidando á rendição.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA—*Programa «A»*—451 m. — 655 kc/s. — Ás 17: A mulher e o lar; 17 e 30: Canconetas hispano-americanas; 17 e 45: O pianista Winifred Atwel e conjunto; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 19: Opereta; 19 e 20: Conto radiofónico: «Três Colares de Coral», conto tradicional da Córsega; 19 e 50: Orquestras ligeiras; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: A orquestra de Alfredo Antonini; 20 e 30: «Um Boletim para Dois», diálogo alusivo ao 10.º Regulamento Geral da População; 20 e 40: As nossas canções; 21: Noticiário — Comentário; 21 e 20: O pianista George Feyer e conjunto; 21 e 30: Toada brasileira; 21 e 45: Teatro das Comédias: «O Pedante Corrigido», de Marivaux, interpretado por Carmen Dolores, Álvaro Benamor, Maria Emília Baptista, Gina Santos, Pedro Lemos, José de Castro e Rosina Rego; 22 e 30: Tempo de valsa; 22 e 40: Fados, por Maria Teresa de Noronha; 23: Musica de dança; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

Programa «B»—397 m.—755 kc/s. —Ás 19: Três séculos de ópera; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Musica sinfónica: «Sinfonia n.º 3» «Liturgica», de Honegger, pela Orquestra da Sociedade dos Concertos do Conservatório de Paris, sob a direcção de Georges Tzipine; 20 e 30: Concerto, pela Academia de Instrumentistas de Camara; Concerto para viola e Orquestra de Teleman, pelo solista François Broos e Sarabanda e vilancico, de Joaquim Rodrigo; 21: Noticiário—Comentário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Concerto, pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Silva Pereira, e em que colabora o pianista Sequeira Costa: «A Gruta de Fingal», abertura de Mendelssohn, pela orquestra; «Concerto n.º 1, op. 11, em mi menor», de Chopin, por piano e orquestra; 22 e 20: A poesia portuguesa entre duas guerras, 22 e 35: 2.ª parte do concerto: «Concerto n.º 2, op. 83, em si bemol maior», de Brahms, por piano e orquestra; 23 e 25: Canções, de Hugo Wolf, pela contralto Elsa Cavelti, acompanhada pelo pianista Hans Willi Haesslein; 23 e 45: Noticiário; 0, Encerramento.

RÁDIO CLUBE—Ás 17 e 30: Orquestras; 17 e 46: Motivos portugueses; 19: Variedades; 20 e 20: Solistas; 20 e 45: Canconetas; 21 e 15: Brasil; 21 e 30: Orquestra; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22: Imagens por musica; 22 e 30: Trechos recreativos; 23 e 1: Rua Larga, programa dos estudantes de Coimbra; 23 e 30: Ritmos de baile, do Palm Beach; 23 e 45: Noticiário; 2: Noticiário; 3: Fecho.

Estação de Miramar—Ás 17 e 55: Reabertura; 18 e 15: Ritmos de baile; 18 e 45: Solistas; 19 e 15: Intermédio musical; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Do Minho ao Algarve; 21: Noticiário; 21 e 15: Canconetas; 21 e 45: Motivos portugueses; 22: Canções eternas; 22 e 15: Trechos recreativos; 22 e 45: Casa do Alentejo; 23: Variedades; 23 e 30: Casino Estoril; 1: Sumário; 1 e 10: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—Ás 18 e 15: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Deixai vir a mim as criancinhas; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20 e 15: Separador musical; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Miscelania; 21 e 45: Livros e leituras; 22 e 35: Musica sinfónica; 23: A 23.ª hora; 1 e 55: Noticiário; 2: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30: Voz de Lisboa; das 19 e 30 ás 22: Club Radiofónico de Portugal; das 22 á 1: Voz de Lisboa; da 1 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 20 e 30, abertura; 20 e 32, telejornal (1.ª edição); 20 e 50, transmissão dos Estudios do Porto; 21 e 5, recital pelo Quarteto Nacional de Sopro; 21 e 30, Charlas linguísticas (Concurso), pelo dr. Raul Machado; 22, Polícia da Estrada; 22 e 35, Concurso Philishave; e 23, telejornal (2.ª edição).

CONFERÊNCIAS

O sr. Jean Girodon, leitor de francês na Faculdade de Letras, fará hoje, ás 19 h., na sede da Alliance Française (Rua Braamcamp, 13) uma conferência intitulada: «Le rire de Rabelais». A entrada é livre.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — «Maribel e a estranha família».
TEATRO MONUMENTAL — As 20 e 30 e 23 horas — «Boa noite, Betina!»
CAPITOLIO — A's 20 e 30 e 23 horas — «A vida é bela!».
VARIEDADES — «Cucurucucu».
ABC — A's 20 e 30 e ás 22 e 45 — «Espero-te á saída».
TRINDADE — «Lutar até de madrugada».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «Rinoceronte».
COLISEU — Ás 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Vamo-nos amar».
S. LUÍS — «A 3.ª chave».
IMPÉRIO — «Sob dez bandeiras».
S. JORGE — «Corações em festa».
EDEN — «Ultimo tango».
POLITEAMA—«A estrada da montanha».
ODEON — «Meus amores no Rio».
CONDES — «A ultima viagem».
MONUMENTAL—«Ben-Hur»
ALVALADE — «A 3.ª chave».
OLIMPIA — «Traidores infames».
AVIS — «Arquímedes, o vagabundo».
ROMA — «Ultimo tango»
ROYAL — «Meu coração tem dois amores».
RESTELO — «Do alto do terraço».
JARDIM CINEMA — «Paixão proibida».
ARCO-IRIS — «Jubal».
S. L. BENBICA — «Hércules e a rainha».
PROMOTORA — «A cidade dos rapazes».
CAMPOLIDE — «O adeus ás armas».
MOSCAVIDE — «Ressurreição».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO G — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Santa Cruz — Rua 15, 2-A — á Avenida Gomes Pereira — Tel. 784838; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Canto—Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — Rua da Beneficência, 91—ao Rego—Tel. 773728; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77 — Tel. 790480; Marbel — Avenida de Roma, 131-A, Tel. 776235; Líbia — Avenida da Igreja, 4-B-C, Tel. 776681; Alcantara — Avenida da Republica, 74-A — junto a Entre-Campos—Tel. 771379; Vale—Avenida Marquês de Tomar, 45-49—Tel. 773043; Estados Unidos — Avenida Estados Unidos da América, lote 373; Tel. 725859; Bentosinho — Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; Dalva — Avenida Duque de Avila, 125, Tel. 45225; Bairro Azul (Do) — Avenida Ressano Garcia, 7-A — Tel. 51451; Sousa Martins — Rua Sousa Martins, 25 (ao Matadouro), Tel. 53468; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Te:. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Banha — Estrada de Chelas, 173-175, Tel. 382241; Frazão — Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90-92, Tel. 847019; Ziler—Rua de S. Tomé, 54-56, Tel. 862835; Central da Penha — Rua da Penha de França, 58-60, Tel. 849245; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B, á Praça do Areeiro, Tel. 727300; Imperial —Avenida Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 726860; Vitális—Rua Morais Soares, 66-A, Tel. 848011; Pancada, Ld.ª, Suc. — Rua Rebelo da Silva, 9, Tel. 43340; Confiança — Avenida Almirante Reis, 46, Tel. 42453; J. Ribeiro, Ld.ª — L. das Olarias, 33, Tel. 864643; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pinto — Rua de Campolide, 11, Tel. 682610; Britanica — Travessa da Légua da Póvoa, 5-B, Tel. 689250; Lobel — Rua de Infantaria 16, 98-B, Tel. 688807; União — Rua Saraiva de Carvalho, 119, Tel. 663643; Albano — Rua da Escola Politécnica, 69, Tel. 26750; Restelo (Do) — Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C, Pedrouços, Tel. 610741; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Moura — Travessa da Memória, 55, T. 630944; Biotifar — Rua D. João de Castro, 27-B, Tel. 638824; Correia de Azevedo — Rua Luís de Camões, 48-50, Tel. 638625; Bairrão — Rua Prior do Crato, 25, Tel. 661321; Andrade Ribeiro — Avenida Infante Santo, lote 4-B, Telefone 666971; Eduardo A. César — Rua das Trinas, 102, Tel. 662631; Moz Teixeira — Rua do Poço dos Negros, 115, Tel. 663961; Fernandes — Rua de São José, 187, Tel. 26476; Azevedo, Filhos — Praça D. Pedro IV — Rossio — 31, Tel. 27478 — A—

HORAS DAS MARÉS

BAIXA-MAR

Dia 13 — 17 h. (1m,41).
Dia 14 — 5 e 24 (1m,45); 17 e 58 (1m,24).
Dia 15 — 6 e 18 (1m,24); 18 e 48 (1m,05).

PREIA-MAR

Dia 13 — 23 e 35 (3m,45).
Dia 14 — 11 e 52 (3m,55).
Dia 15 — 0 e 30 (3m,64); 12 e 52 (3m,72).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	—	792$00	795$00
Cons. 3 % T. 10	863$00	862$00	864$00
Cons 3 1/2 % T. 10	985$00	984$00	986$00
Centenários 4 % 1940	2.210$00	2.210$00	2.215$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.006$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.005$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.005$00	—
Externo 1.ª série	—	1.315$00	—
Ext. 1.ª série car.	1.325$00	1.325$00	1.330$00
Externo 2.ª série	—	1.315$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.315$00	—
Externo 3.ª série	—	1.370$00	1.400$00
Ext. 3.ª série car.	—	1.375$00	1.400$00
Caut. 3.ª série s/juro	210$00	210$00	212$00
Obrigações			
Água Lisboa 5 %	—	—	—
Norte de Portugal 5 %	—	105$00	107$00
Gás Elect. 3 3/4 %	—	940$00	945$00
Gás Elect. 4 %	950$00	950$00	—
Gás Elect. 4 1/2 %	—	979$00	—
Gás Elect. 5 %	—	—	1.020$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	93$50
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	101$00	—
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
Metropolitano	1.006$00	1.006$00	1.007$00
H. E. do Douro	—	1.017$00	—
C P 4 1/2	—	—	1.034$00
H. E. da S. da E. 3 1/2 %	—	—	—
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	—	—
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	2.500$00	2.560$00
Portugal	—	3.000$00	3.110$00
Ultramarino	—	1.620$00	1.635$00
Agricultura	73$00	—	74$00
Seguros			
Mundial	—	—	—
Soberana	—	1.300$00	2.000$00
Sagres	—	1.500$00	2.000$00
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	1.000$00	1.000$00	1.005$00
Ag. das Neves	—	—	390$00
Agric. Colonial	270$00	260$00	—
Açucar de Angola	1.300$00	1.295$00	1.310$00
Boror	212$00	210$00	215$00
Cabinda	—	—	47$00
Cadá	—	—	2.000$00
Colonial do Buzi	124$00	124$00	126$00
Ilha do Príncipe s/d	—	—	—

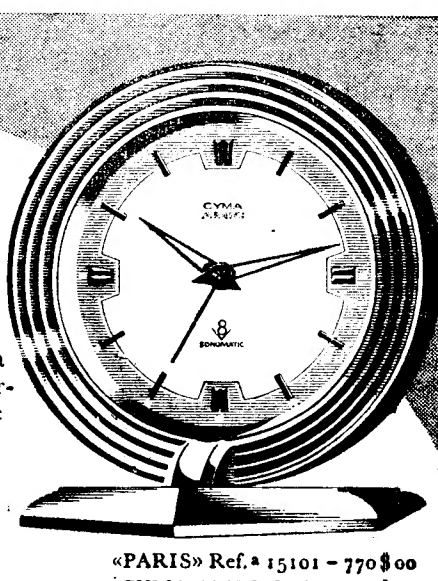
C.as Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Incomati	—	—	2.000$00
Moçambique	—	60$00	69$00
Zambézia s/d.	98$00	97$00	99$00
Diamantes	565$00	562$00	570$00
Lobito	—	490$00	510$00
C.as diversas			
Cimentos Tejo	—	680$00	700$00
Cimentos Leiria	—	560$00	—
Crédito Predial	58$00	57$60	58$00
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	—	455$00	560$00
Nacional Navegação	—	1.110$00	—
Colonial Navegação	—	—	890$00
Port. de Celulose	—	—	—
Portuguesa de Pesca	—	1.510$00	1.535$00
Port. de Tabacos	319$00	319$00	320$00
Tabacos de Portugal	—	—	—
S. Estrela	—	—	—
Aguas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 1934	340$00	338$00	—
Águas Lisboa 1936	—	—	—
Eléct. das Beiras	—	1.700$00	—
Gás e Electricidade	310$00	309$50	310$00
H. Alto Alentejo	159$50	159$50	160$00
H. E. Cávado	1.360$00	1.360$00	1.365$00
H. E. Zêzere	1.325$00	1.322$00	1.330$00
Nac. de Electricidade	1.470$00	1.470$00	1.475$00
União Eléctrica Port.	—	175$00	176$00
H. E. do Douro	—	1.340$00	1.345$00

Cotações fornecidas por PINTO DE MAGALHAES, LDA. — Banqueiros

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	78$25	78$75
Alemanha	6$78	6$93
América:		
Dólares de 1 e 2	28$20	28$50
Dólares de 5 a 1000	28$40	28$70
Argentina	$32	$35
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$56	$58
Brasil	$12,5	$15
Canadá	28$70	29$20
Congo Belga	—$—	$40
Dinamarca	4$00	4$30
Espanha	$46,8	$47,8
França (N. Franco)	5$70	5$85
Holanda	7$45	7$75
Inglaterra	79$75	81$25
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	$04,6	$05,2
Noruega	3$85	4$15
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$60	6$72
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	282$00	292$00
Portugal — Barra	33$00	33$80
Portugal — Barra Fino	33$20	34$00

PINTO de MAGALHÃES, LDA.
BANQUEIROS
Capital e reservas: 66.000 contos
Depósitos á ordem e a prazo. Descontos de letras s/ o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e cupões
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
LISBOA: R. do Ouro, 95/99—T. PPC 366056 (5 linhas)

J. BURNAY, LDA. Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 TELEF. 21273 Papéis de crédito
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 53—Tel. 20133—PPC—



DESPORTOS

ATLETISMO

FELICIANO MARQUES e NATALINO DE ALMEIDA

no Sporting e no Benfica

Mais dois atletas de certa nomeada mudaram de clube, ao abrigo da nova lei do amadorismo. Feliciano Marques, que há longos anos envergava a camisola «encarnada» pediu a sua transferência para o clube rival — o Sporting. Diga-se de passagem que este fundista que gahhou para o Benfica alguns títulos de campeão vem reforçar ainda mais o lote dos corredores de fundo dos «leões». Por outro lado, o casapiano Natalino de Almeida, que na ultima época chamara sobre si as atenções, decidiu-se pelo Benfica, afastando-se, assim, do seu treinador (F. Raimundo) que por sua vez ingressou no Sporting. A aquisição dos «encarnados» também é valiosa, pois Natalino de Almeida, especialista da légua, foi um dos três corredores que na temporada finda fez menos de 15 minutos naquela distancia.

O «REGIONAL» DE BASQUETEBOL

Os fortes venceram os fracos...

A jornada de ontem, com menos um jogo (Algés-Nacional) que se disputará amanhã, cumpriu, por asim dizer, uma formalidade, pois agrupou, de um lado, os mais fortes e do outro as equipas menos evoluidas. Numa palavra, precisamente os três primeiros contra os três ultimos da tabela. A noite fria afastou do recinto do Nacional (ao ar livre) os espectadores. E os jogadores e equipas, já com pensamentos definidos quanto ao desfecho final dos encontros, também não se aplicaram excepcionalmente.

A vitória do Benfica, a mais nítida de todas, revelou, na verdade, a superioridade dos «encarnados» que passam por um momento de boa forma. O Liberdade, sem expressão, digamos, mesmo, com apatia, limitou-se a fazer presença, até quando os «encarnados» tiveram no terreno o seu grupo mais fraco. E' que os benfiquistas deram-se ao luxo de fazer, por duas vezes, dois «cincos» cada qual com características diferentes. Um treino para os «leaders», que se preparam para enfrentar o seu eterno rival — o Sporting, daqui a duas rondas. Os homens de tabela dos «encarnados» mostraram-se mais aguerridos e aptos do que os da meia-distancia. Um indicativo e um apontamento a considerar.

Benfica, 87-Liberdade, 18
Tabacos, 21-Belenenses, 73
Sporting, 72-C.A.C.O., 25

O Belenenses, que também, aproveitou a fragilidade do adversário — o Tabacos — irremediávelmente condenado a baixar de divisão, para treinar os seus jogadores com árbitros oficiais, demonstrou uma superioridade avassaladora. O americano Layne, sem oposição de espécie alguma tirou grande proveito nos encestamentos — nada menos do que 33 pontos, dos 73 que a sua equipa registou no final. Caso curioso: tal qual como os «encarnados», os jogadores de tabela dos «azuis» superiorizaram-se o que quer dizer que os homens da meia-distancia estão perdendo qualidades. Os ataques e contra-ataques dos belenenses, tiveram já mais coesão, não se registando, também, sofreguidão desnorteada nos lançamentos.

O Sporting, em vésperas de partir para a Bélgica (dia 18 ou 19) onde enfrentará o Antwerp para a «Taça dos Campeões Europeus», no dia 20, pôde jogar á-vontade, sem ser atormentado nos pontos fracos que revelou. Algumas boas jogadas que nos ofereceu não nos pareceu, porém, suficientes para colmatar a qualidade e o ímpeto do jogo dos Belgas. Os «leões» apesar de estarem ainda em rodagem para a sua boa forma precisam, na verdade, de maior coesão, vivacidade física e, sobretudo, certeza nos lançamentos de campo e de tabelas. Os sportignuistas perderam dezenas de cestos por manifesta falta de precisão. O Campo de Ourique, com alguns jovens, revelou melhor compenetração técnica o que quer dizer subida de forma.

A classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Marc.	P.
Benfica	11	10	—	1	837-300	31
Sporting ...	11	9	—	2	725-422	29
Belenenses .	11	9	—	2	700-521	29
Algés	10	6	—	4	510 445	22
Nacional ...	10	5	—	5	544-406	20
Liberdade ..	11	3	—	8	293-607	17
C. A. C. O.	11	1	—	10	315-678	13
Tabacos	11	—	—	11	240-521	11

NATAÇÃO

Mais «records» nacionais batidos em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 13. — Os nadadores do Desportivo de Lourenço Marques, Alberto Sousa Costa, Carlos Otão e Bernardete Brito, que na primeira jornada do torneio de abertura da época de 1960/61 tinham batido um «record» internacional e dois regionais, voltaram agora a estabelecer novos «records».

Na prova de 200 metros livres, Alberto Sousa Cósta e Carlos Otão classificaram-se «ex-aequo» com 2 m. 21 s. e 3/10, batendo assim os «records» nacional de juniores, regional de juniores e seniores e o absoluto de Lourenço Marques.

O «record» nacional pertencia a Fernando Madeira, do Algés com 2 m. 26. Na de 100 metros-costas, juniores e seniores, femininos, Bernardette Brito bateu o «record» nacional de juniores e regional no tempo de 1 m. 26 s. 2/10. — (L.).

PUGILISMO

Um moçambicano disputará o título nacional dos «leves»

LOURENÇO MARQUES, 13. — O pugilista Julio Silva, antes do seu embarque para a Metrópole, onde vai defrontar Belarmino Fragoso, para o título de campeão de Portugal dos «leves», combaterá no dia 17, contra Aníbal Angelo, que durante dois anos esteve na União da Africa do Sul, obtendo bons resultados contra pugilistas sul-africanos. — (L.).

Futebol

Seguiu para o Luxemburgo a selecção militar portuguesa

Em avião militar, partiu, esta manhã, para Luxemburgo, a delegação portuguesa ao Campeonato Internacional Militar de Futebol do C. I. S. M., a qual vai participar naquele torneio, defrontando depois de amanhã, a equipa militar do Luxemburgo.

A delegação portuguesa é constituida pelos seguintes elementos: Major Temudo Barata, chefe da delegação; tenente Bacelar Begonha, chefe da equipa; capitão-médico Silva e Costa; Fernando Caiado, treinador-adjunto; 2.º sargento Graça Gordo, massagista; 2.º sargento, Barros Araujo, juiz de linha; e os seguintes jogadores: aspirante Larga Marta; 1.ºs cabos Alves dos Santos, Mourinho Félix, Santos França, Manuel Castro e Ramalho Correia de Almeida; soldados Santos e Silva, Alfredo Moreira, Manuel Campos Pinto, Vieira Dias, Hilário da Conceição, Alberto Gomes, José Ferreira Pinto, António Jesus Moreira e Sidónio Bastos.

A equipa realizará amanhã, um treino e uma visita á cidade de Luxemburgo, realizando-se o encontro no dia seguinte ás 19 e 30; e á noite um jantar oficial. O regresso a Lisboa efectuar-se-á no dia 17 á tarde.

No aeroporto, estiveram a despedir-se da delegação militar os srs. brigadeiro Pereira de Castro, presidente da Comissão Executiva da Educação Física e Desportos; major Gouveia Pessanha, pela Defesa Nacional; e Afonso Lacerda, pela Federação Portuguesa de Futebol.

*

No mesmo avião seguiu o nosso camarada de redacção Fernando Soromenho, enviado especial do «Diário de Lisboa» ao Luxemburgo-Portugal entre equipas militares.

O caso do suborno dos jogadores ingleses

LONDRES, 13 — Prossegue o inquérito para apuramento das responsabilidades dos pretensos casos de suborno de jogadores — anunciou a Associação Inglesa de Futebol, que salienta ainda que o inquérito se destina a «levantar a nuvem de suspeitas, que rodeia os futebolistas» e que se ouvirão novos declarantes, logo que possível e conveniente. — (A. N. I.).

Greve de «resistência passiva» prevista pelos futebolistas britânicos...

LONDRES, 13 — Realiza-se hoje a primeira grande reunião dos futebolistas profissionais britanicos, para apreciação das resoluções aprovadas pela Liga Inglesa de Futebol na sua ultima assembleia no fim da semana passada. Outras reuniões se efectuarão, em Manchester na quarta-feira, e em Birmingham, na quinta.

As opiniões encontram-se muito divididas quanto á possibilidade de uma greve geral, mas a Associação dos Futebolistas mostrou desagrado pela recusa da Liga em considerar a abolição dos ordenados máximos e a concessão de liberdade na negociação dos contratos.

Os jogadores não deixarão de discutir diversos planos de acção, mas, se for decretada a greve, ela deve assumir o aspecto de «resistência passiva», já vista na América do Sul. Segundo tal processo, logo que seja decretada, no primeiro encontro realizado os jogadores sentar-se-ão no relvado durante dois minutos; no segundo jogo a pausa será de quatro, no terceiro de oito, e assim sucessivamente.—(A. N. I.).

O guarda-redes de futebol deverá ter ampla liberdade na sua grande-área?

LONDRES, 12 — No dia em que terminar a actual discussão sobre maiores ordenados e concessão de melhores condições aos futebolistas, os jogadores, os entusiastas da bola e os dirigentes desportivos continuarão a debater os prós e os contras de se permitir que os guarda-redes sejam «enfiados» nas balizas por meio de cargas dadas com o ombro.

Se a carga for dada regularmente, é autorizada na Grã-Bretanha, mas isso tem sido um ponto em que os clubes britanicos e estrangeiros não têm conseguido concordar. Enquanto os dirigentes do futebol britanico mantêm que «uma boa e honesta carga com o ombro, sobre os guarda-redes, é parte integrante do jogo», os seus colegas estrangeiros sublinham que «os guarda-redes se encontram em inferioridade pelo facto de terem de manter-se atentos ao percurso da bola». Entretanto, a opinião publica britanica tende, cada vez mais, para o parecer dos clubes estrangeiros, de que na sua área os guarda-redes não devem ser carregados.

Em épocas recentes, houve duas finais da «Taça de Inglaterra» — e uma final da «Taça» é na Inglaterra um acontecimento de primeira grandeza — que ficaram irremediávelmente prejudicadas, como espectáculo, porque guarda-redes que nelas participaram tiveram de ser retirados do campo, em consequência de cargas por jogadores literalmente lançados em voo. Um deles, o futebolista de origem germanica Bert Trautmann, do Manchester City, sofreu fractura do pescoço.

Mais recentemente ainda, uma selecção inglesa de jogadores «com menos de 23 anos» que defrontou a da Itália, em Newcastle, conseguiu colocar-se na posição de vencedora por meio de um golo alcançado pelo avançado-centro Joe Baker, que «enfiou» o guarda-redes visitante na baliza, por entre os vigorosos protestos dos Italianos. No ultimo Inglaterra-Espanha, jogado em Wembley a 1 de Outubro, registou-se, igualmente, uma série de incidentes devido á interpretação diferente dos regulamentos das cargas.

Ninguém, na Inglaterra, deseja que os guarda-redes disponham de liberdade absoluta na grande área, mas há um numero crescente de críticos que advoga maior protecção aos «keepers», na área da baliza, onde normalmente se encontram sem defesa perante os atacantes contrários, lançados em corrida. No entanto, fora da área do golo, consideram que os guarda-redes não devem ser considerados «intocaveis», especialmente nos casos em que abusam da retenção da bola e recorrem a tácticas para «queimar tempo».

Um dos críticos que advoga a adopção das regras em vigor nos outros países europeus é Clifford Webb, colaborador do «Sporting Record», que há longos anos escreve sobre o futebol do país e do estrangeiro. Afirma ele que de há muito «considera necessário a rectificação da lei britanica, porquanto, para mais não dizer, é perigoso, pelo menos, o facto de um atacante ter o direito de se precipitar sobre o guarda-redes, quando ele se encontra em desequilíbrio, entre os postes».

Por seu turno, Jim Caugham, do «London Evening News», pede: «Proibam as cargas aos guarda-redes na área das seis jardas. E' essa a unica forma de se pôr cobro a cenas infelizes, do género daquela que estragou o encontro internacional de Newcastle, entre os de «menos de 23» da Inglaterra e da Itália. Não sugiro que acompanhemos o resto da Europa, em toda a linha, dando aos guarda-redes toda a liberdade na grande área. No entanto, na área da baliza, na qual eles normalmente se encontram indefesos perante os avançados em corrida, acho que devem ser protegidos».

Sobre o mesmo tema, Frank Coles, do «Daily Telegraph» pronuncia-se da seguinte forma:

«O unico motivo por que a lei ainda se mantem na sua forma actual é porque constitui aquilo que sempre tem sido considerado parte essencial do jogo, tal como foi originalmente concebido na Inglaterra, e porque os árbitros britanicos, considerados os melhores do Mundo, ainda não apresentaram contestação. Porém, a dificuldade de se tomarem decisões imparciais, mesmo nos jogos do país, é algo que se encontra, a miude, além das possibilidades dos árbitros, mesmo dos melhores».

E que pensa o vulgar transeunte? James Mayers, partidário do West Ham há 50 anos, comenta: «Quem sabe? Mas uma alteração ao nosso ponto de vista talvez conseguisse convencer o resto da Europa a abandonar algumas das suas irritantes práticas do «baile», dos puxões das camisolas e das obstruções ao homem». — (A. N. I.).

MATARAM UM JOGADOR

e queimaram as camisolas devido a um golo contestado!...

SÃO PAULO, 13. — Devido a um golo contestado, foi morto num pequeno campo dos arredores de São Paulo, um jogador de futebol...

As duas equipas tinham entrado em vias de facto. O árbitro correu ao vestiário a buscar o seu revólver e disparou vários tiros para o ar, a fim de tentar dispersar os espectadores que ameaçavam invadir o terreno.

Um dos espectadores fez fogo, por sua vez, e matou o jogador, mas foi preso imediatamente.

Os membros da equipa do desportista morto, decidiram logo dissolver o clube e no próprio campo queimaram as vestimentas de jogo. — (F. P.).

Casos e figuras do desporto mundial

Há quem considere o «bowling» de origem norte-americana. No entanto, e não obstante o facto de ali existirem cerca de 30 milhões de adeptos, é de assinalar que, á excepção das corridas pedestres, é um dos mais antigos se não o mais antigo desporto que se conhece. Está, ao que parece, provado que o homem das cavernas já o praticava, utilizando pedras redondas. Os Egpcios, com o seu espírito criador, transformaram-no, utilizando 12 paus em vez de 10, tendo passado á Idade Média, com algumas alternativas.

*

Floyd Patterson, um dos mais poderosos pugilistas e um dos mais discutidos nomes do pugilismo mundial conta, apenas, 25 anos. Efectivamente, nasceu a 4 de Janeiro de 1935, em Waco (Texas). Tinha um ano de idade quando seus pais se mudaram, com toda a família, para o bairro de Brooklin, em Nova York.

Patterson estudou no Instituto Alexander Hamilton. Trabalhou como ajudante de motorista e como estivador no porto de Nova York até se dedicar ao boxe. Sucedeu isso há onze anos. Tendo onze irmãos — nove rapazes e duas raparigas — entrou no ginásio de Gramercy Street, onde se encontravam os seus irmãos mais velhos — Billy e Frank. Naturalmente curioso e decidido, Floyd Patterson resolveu calçar umas luvas e defrontar outro rapaz que ali se encontrava. Apesar da sua inexperiência, porém, demonstrou tantas aptidões para a modalidade que Constantino D'Amalo, famoso «manager», fixou as suas atenções no jovem negro, incitando-o a que prosseguisse.

Durante um ano, não disputou qualquer combate, limitando-se a aprender. Até que, em 1951, D'Amalo apresentou a sua descoberta que, em quarenta e quatro combates, obteve 40 triunfos, e 37 dos quais por K. O.

No ano seguinte, depois de conquistar o título de campeão norte-americano de «meios-pesados» e o Campeonato da Liga Atlética Nacional, participou nas Olimpíadas de Helsínquia. Aí, actuou como «médio», e após ter vencido o francês Omar Tebbaka, o holandês Leonardus Jansen, o sueco Sitg Stolin e o romeno Vasile Tita, proclamou-se campeão olímpico da sua categoria, conquistando, desse modo, a correspondente medalha de ouro.

Depois disso, Floyd Patterson abraçou o profissionalismo, não tendo perdido um só combate dos treze disputados, nos dois anos seguintes. E depois de uma ligeira quebra que permitiu a sua derrota, em Nova York, frente a Joey Maxim, recuperou a sua boa forma e venceu, a 30 de Novembro de 1956, por K. O., Archie Moore, a quem arrebatou o título mundial dos pesos-pesados. Contava, então, 21 anos, e nunca, antes dele, qualquer pugilista conquistou o ceptro mundial com tão pouca idade.

Defendeu, com êxito, o seu título, diante de Tommy Jackson, Pete Rademacher, Roy Harris e Brian London para o perder a favor do sueco Ingemar Johansson no dia 26 de Junho do ano passado, no Yankee Stadium.

Floyd Patterson, porém, que havia descurado a sua preparação com vista a esse combate, treinou-se, afincadamente, para, a 20 de Junho deste ano, conseguir pôr fora de combate Johansson, num encontro-desforra que lhe valeu a reconquista do título.

Patterson está casado desde 1956, com Sandra Elizabeth Hicks, que havia conhecido cinco anos antes com quem vive em Long Island, na companhia de suas duas filhas. Seus pais vivem numa casa por ele comprada em Mount Vernon, no Estado de Nova York.

Quando chegar a hora de abandonar a actividade, o campeão mundial pensa trocar a cidade pelo campo, onde se dedicará á criação de cavalos e á caça.

O «DIÁRIO DE LISBOA», vende-se no Cadaval, no CAFÉ ROSA.